

CARDEAL MINDSZENTY

A M Ã E

EDITORIAL ASTER, LDA. CASA DO CASTELO-EDITORA
LISBOA COIMBRA

<http://alexandriacatolica.blogspot.com>

A MÃE

CARDEAL MINDSZENTY

2.^a edição

O Cardeal Mindszenty, nesta fremente e arrebatada obra, lembra-nos por vezes Vítor Hugo... O livro está cheio de episódios, de lindas histórias... e até de poesias. Todo ele afinal no seu sortilégio é poesia que nos encanta docemente. Leiam *A Mãe* e verão como é grande o espírito do infeliz Cardeal Mindszenty (*Diário de Lisboa*).

... Limitemo-nos portanto a recomendar a leitura desta obra a todas as mães cristãs (*Diário de Notícias*).

Digna de todo o louvor é a iniciativa da Colecção «Éfeso», em traduzir para a nossa língua, este encantador estudo que afinal é um poema de um homem que está nas primeiras e mais devotas atenções do nosso tempo (*Novidades*).

Nunca li nada sobre tão momentoso e delicado assunto que emocionasse como este hino que o Cardeal Mindszenty ergue em louvor da mãe (*Diário do Norte*).

CARDEAL MINDSZENTY

2.^a edição

Da pena do Cardeal Mindszenty, o homem de ferro que defendeu tenazmente a fé do seu povo contra a tirania comunista, parece que poderia esperar-se tudo, excepto um livro sobre a mãe. Não devemos, no entanto, tomar estas páginas como uma concessão ao sentimentalismo.

O Cardeal considerou a mãe «a sua melhor colaboradora para a fundação do Reino de Deus», e por isso a sua obra embora escrita num estilo cheio de poesia e de delicadeza, tem por fim formar mães católicas, autênticas «mulheres fortes», que eduquem à sombra da Igreja, e sejam os pilares em que se apoie a cristandade das gerações futuras.

Acolhido com verdadeiro entusiasmo pelo povo húngaro, «*A MÃE*» não tardou a figurar entre os livros proibidos pelo governo comunista da Hungria, sendo severamente castigado quem o possuísse clandestinamente.

Mas a voz do Cardeal continuou a ouvir-se em todo o mundo, e «*A MÃE*» teve em Portugal o mesmo acolhimento que na Alemanha, na França e nos Estados Unidos.

Agora que o Cardeal foi de novo chamado ao primeiro plano dos acontecimentos mundiais, a sua mensagem é mais oportuna que nunca.

As suas palavras continuam a ser «actualidade de doutrina e de sangue».

Título original húngaro: *Az Édesanya*
Versão da edição alemã: *Die Mutter*
Copyright by Rex-Verlag, Luzern

Tradução de
RUI DE SANT'ELMO

Direito exclusivo de publicação em língua portuguesa
reservado ao Director da «Colecção Éfeso»

<http://alexandriacatolica.blogspot.com>

ACTUALIDADE DE DOCTRINA E DE SANGUE

Actualidade candente, palpitante, sob certos aspectos dramática, é a nota dominante deste livro. Efectivamente, o seu tema central é tanto da nossa hora como das horas de todos os tempos, desde que a humanidade iluminou de pensamento a terra, até ao momento apocalíptico em que se apagar. Seja qual for o quadrante do sistema ou da acção em que se situe o homem, o problema da mãe insere-se necessariamente no âmago da própria vida, individual e colectiva. Nos domínios da fantasia e no delírio da paixão, há quem defenda loucamente teorias extravagantes e até aberrações criminosas; se no céu da consciência cintilam ainda luzes de natural dignidade, para cada um a sua mãe terá sempre um lugar à parte, sem jamais se confundir com as outras mulheres, na paisagem indefinida das multidões que passam, ignoradas e distantes.

Todavia, a actualidade do tema podia ser banalizada, em sua apresentação e desenvolvimento. Assuntos de importância capital, por vezes transcendentés, são com frequência empobrecidos, e mesmo «assassi-

nados», por sua exposição obscura, superficial ou contraditória.

Não é o caso presente. Neste livro, brilham a grande altura as invulgares qualidades de seu Eminentíssimo Autor: ternura comunicativa, aliada a vontade intrépida; riqueza de fé e de caridade; delicadeza sagrada na explanação de problemas íntimos; pensamento justo e vigoroso; experiência da vida; vasta erudição que, sem aturdir os outros nem matar a personalidade própria, ilumina e comprova; hábito seguro e arte perfeita de escrever.

A teologia não extingue o fogo do coração; enobrece-o, purifica-o, exalta-o. Por isso, a missão do Cardeal da Santa Igreja não sai diminuída nesta obra; mas a ternura do filho dá emoção particular à doutrinação do Prelado.

Decerto, Sua Eminência tinha presente ao espírito a santa imagem de sua mãe, mulher forte da Escritura, ao pintar o retrato da mãe ideal, concretizada em Maria que, em contacto amoroso com seu divino Filho, encheu das suas luzes e das suas graças a Casa de Nazaré.

Naturalmente, começa por descrever a mulher com seus tesouros inesgotáveis de timidez, de delicadeza, de sensibilidade e de generosidade, que alegram o mundo e a vida. Frívola embora, por vezes, porventura mercê do ambiente corrosivo em que dissipa suas riquezas preciosas, se um grande amor vem dar sentido à sua alma, por ele arrisca tudo, até a existência, com

a impressionante simplicidade das coisas ordinárias. Sacrifícios dolorosos, que sabem a sangue, sem hesitação os aceita, sob o império do coração.

Mas nenhum sentimento é tão profundo e operante como o da maternidade, porque a mulher nasceu para ser mãe. Pode a pressão de circunstâncias graves arrastá-la para ocupações e profissões que a desviam do lar. Todavia, o grande sonho que naturalmente a deslumbra e comove é ser mãe, e nenhuns trabalhos a apaixonam como os que dispensa a seus filhos. Assim, uma vez liberta das preocupações que sempre teve como alheias, logo se sente no seu meio, aquele meio que Deus lhe designou, quando pode seguir o rumo normal da sua vocação. Só acidentalmente, e em certo modo contra a natureza, é funcionária ou profissional, desportista, mulher de sociedade. Nenhuma dessas actividades caracteriza a sua personalidade de mulher. Testemunha coisa bem diferente a vida moderna? Não se nega o facto, mas reconhece-se que é contra a verdadeira vida essa vida dissolvente e provocante.

Ora, como ser mãe, em circunstâncias legítimas e sagradas, importa ser esposa, também as glórias, responsabilidades e sacrifícios do matrimónio exercem influência decisiva em seu espírito. Mas o fim primário do matrimónio será sempre a projecção da vida em novas vidas, na colaboração misteriosa com a acção criadora de Deus.

Enlevadamente, umas vezes, como se escrevesse lírico poema, outras vezes de maneira quase didáctica, educador experimentado que sente a responsabilidade da sua missão, mas sempre com delicadeza aliciante, o Cardeal Mindszenty percorre os passos maravilhosos da epopeia maternal.

A mãe da sua vida transmite a vida, amamenta, embala, forma, eleva, cristifica, e até às vezes sofre a agonia de ver morrer seus filhos, anjos tutelares que são como estrelas, a alumiar o céu duma luz nova.

Nem esquece o venerando Autor aqueles colaboradores dedicados — criados, aias, sacerdotes e professores, — que na obscuridade ou na glória poderosa-mente ajudam a mãe em sua missão educativa.

Talvez viesse a propósito falar da maternidade espiritual da mulher que nunca foi nem será mãe, no sentido rigoroso da palavra. Contudo, o pensamento e a intenção do preclaro Autor não oferecem dúvidas. Generosamente, às vezes herdicamente, há quem não case, por subtil apelo de Deus que está na origem de epopeias obscuras que o mundo não conhece ou desdenhosamente despreza. Dentro de institutos religiosos e nas labutas do mundo, formam legião as almas fortes que são luz e amparo de crianças engeitadas ou órfãs, de doentes, para quem se fechara o céu da esperança e a esperança do céu, de velhos decrepitos, considerados peso-morto na vida social — a feira

sombria dos que, sem esse amor, não encontrariam um coração amigo para compreender e sentir as suas dores.

Há quem, tendo vocação para o casamento, por circunstâncias alheias à sua vontade jamais conseguirá organizar o lar, alumiado de alegrias infantis, que é alma de seus sonhos. Também esta desolação é com frequência princípio fecundo de generosidade e de serviços mais altos e meritórios que a abnegada acção doméstica.

São muitas as casas tristes que nunca ouviram o inocente gorjeio dos berços ou que, depois de ouvi-lo, — situação ainda mais triste — ficaram envoltas em névoa de sepulcro, porque passou por elas a foice da morte, arrebatando filhos queridos, mais queridos que a própria vida.

Exclui-se, é evidente, o egoísmo criminoso que na sua origem seca a fonte da existência.

Nas horas amargas dessa solidão, — também e especialmente, afinal, horas de Deus — nasce com frequência a torrente luminosa de beneméritas cruzadas. Foi na dor que se formaram almas heróicas de apóstolos e de santos.

Mas, sejam quais forem as hipóteses consideradas, a mulher que por motivos nobres deixa transvazar o oceano imenso da sua natural generosidade, é princípio de posteridade espiritual, muitas vezes mais gloriosa que a posteridade de sangue. Também desta maneira

a vida se projecta em novas vidas, por força de amor que a faz florir em sacrifício.

Contra Deus, contra os interesses da sociedade e da família, contra a própria natureza, defendem-se egoístamente no pensamento, no coração e na vida, ideias, sentimentos e acções que apoucam e pervertem a missão sublime da mãe.

Em luz forte, luz divina, a sua verdadeira luz, situa-se este livro. Daí a sua flagrante actualidade.

*

*

*

Actual pelo que ensina e pela maneira como foi concebido e realizado, este livro torna-se particularmente actual pela actualidade trágica do seu Autor, realidade e símbolo duma agonia que dura há muitos anos.

Valerá a pena recordar os passos principais dum drama que não é apenas dum homem, mas de todos os homens, ainda capazes de compreenderem e sentirem as grandes dores.

A 8 de Fevereiro de 1949, o Arcebispo Primaz da Hungria, Cardeal José Mindszenty, já detido com requintes de crueldade desde 26 de Dezembro do ano anterior, foi condenado a prisão perpétua, por crime de alta traição contra a sua Pátria. Quando a G. P. U. o prendeu, na passagem do Paço para o cárcere os fiéis ajoelhavam, na religiosa atitude de quem recebe a bênção dum Pai que é conduzido ao martírio. E mar-

tírio de crueldade inenarrável, tem sido o do Cardeal Primaz, a quem não foram poupados ultrages e vexames, para lhe arrancarem confissões escandalosas, que fatalmente o comprometessem, perante os juizes iníquos, as multidões alucinadas, o mundo inteiro.

As violências da prisão, as misteriosas «aplicações especiais» e o monstruoso interrogatório de 82 horas, à luz estonteante de reflectores poderosos, acabaram por anular-lhe a vontade enérgica e reduzi-lo a pobre autómató-sonâmbulo, esgazeado, inconsciente, degradado farrapo humano, — incapaz de sustentar uma conversa e até de manter-se de pé.

Altivo da verdade e iluminado por fé ardente, com lógica de ferro e expressão vigorosa, muitas vezes obrigara ao silêncio os seus caluniadores. O seu crime consistira em defender contra as prepotências comunistas, como outrora os defendera contra os abusos dos ocupantes nazis, os sagrados direitos de Deus e da Igreja, sem esquecer os legítimos direitos da Nação, do Estado e do povo. Claro como a luz e intrépido como a justiça, fora um pregão de paz, de amor e de coragem, na feira louca dos novos invasores, ávidos de sangue.

Mas não ignorava a sorte que o esperava. Sabia que as profundezas da maldade humana, alevantada em labaredas de incêndio por sanha diabólica, o levariam à prisão, à condenação, às mil ignomínias destinadas a quebrantar-lhe o ânimo. Por isso, nove dias

antes de ser preso, solenemente afirmou na última reunião episcopal a que presidiu: «No caso de eu, apesar de tudo, fazer qualquer confissão, e confirmá-la com a minha assinatura, não se deve tomar tal acto senão como simples manifestação de fraqueza humana. Declaro antecipadamente nula toda e qualquer confissão desse género».

Nesse momento era o príncipe da Igreja, destemido e pronto a aceitar o martírio como libertação gloriosa. Na hora da condenação, já alquebrado por violências infundáveis e por drogas científicas, era como sombra vaga, tímido e trémulo, sem personalidade.

A condenação do Cardeal Mindszenty ergue-se perante a consciência livre como sarcástica irrisão e crime abominável. Este crime dura há anos, para dor e vergonha de todos quantos ainda possuem consciência da justiça e da dignidade humana. Por quanto tempo durará ainda?

Mas este crime é apenas trágico episódio na série negra dos incontáveis crimes do mesmo género, friamente cometidos em toda a imensa e dolorida Igreja do silêncio, contra cardeais, bispos, sacerdotes, religiosos, militares, políticos e massas compactas de pessoas obscuras, cujos nomes as crónicas não registam. Sobre regiões sem fim, na Rússia, na Estónia, na Letónia, na Lituânia, na Polónia, na Checo-Eslóvaquia, na Hungria, na Roménia, na Bulgária, na Jugoslávia, na Alemanha Oriental, como outrora na Espanha vermelha,

caiu o látigo da tirania mais sangrenta e odiosa de que reza a História. Milhões de mortos erguem-se das sombras a clamarem justiça. Do silêncio gelado dos cemitérios, inexoravelmente acusam.

Em comparação com a nova espécie de martírio, um tiro, uma guilhotina, uma cadeira eléctrica, a própria força parecem execuções suaves. Mais doloroso, agonia arrepiante que não pode descrever-se, é o drama dos que se tornaram autómatos inconscientes, pessoas sem personalidade, homens sem inteligência e sem vontade, sombras errantes que vivem sem ter vida, porque lhes reduziram a vida a movimentos que não são humanos.

Por tais razões, este livro, que possui a doçura de balada, tem uma actualidade de sangue de martírio sempre palpitante. É a actualidade perpétua da Igreja, que há vinte séculos nasceu do sangue redentor do Justo e na sua longa jornada faz resplandecer a luz, das torturas do seu drama.

* * *

Não serão descabidas as considerações que um dia se fizeram, precisamente sobre o Cardeal Midszenty.

O crime de matar sem causa ou sob a farsa sinistra de processos legais, e de viciar a intimidade sagrada da consciência, constitui atentado monstruoso contra a moral, a justiça e o direito.

Efectivamente, a dignidade da pessoa humana deve dominar toda a vida social. Dotado de razão e, por isso mesmo, de liberdade e de responsabilidade, o homem, na definição dos antigos é «coisa sagrada», res sacra, alguma coisa de divino, que transcende a natureza física e biológica, como já notaram, mesmo sem as luzes do cristianismo, os filósofos gregos. Deste modo, na escala dos valores individuais e colectivos, biológicos, fisiológicos, psicológicos, utilitários, políticos, sociais, estéticos, morais, incluindo-se nos morais também os religiosos, são estes que soberanamente ocupam o cimo da hierarquia, por sublimarem a essência específica da pessoa humana, inteligente, livre e responsável.

Sem eles, o homem fisicamente perfeito, de linhas apolíneas, não passa de bruto esplêndido; o esteta refinado é artista sem humanidade; o rico faustoso impertinente megalómano; o epicurista, egoísta gozador; o político maquiavélico, ambicioso insatisfeito; o conquistador audaz, trágico semeador de sangue e de ruínas; até o sábio apaixonado e vigilante pode ser apenas um simples destruidor da vida.

Não importa, para a perfeição do homem, que ele seja nobre ou escravo por sua condição, rico de fortuna ou deserdado de bens materiais, talentoso ou ignaro, robusto por sua constituição física, dominador por sua força, prestigioso por suas conquistas, ou proletário obscuro, vulgo anónimo no redemoinho estonteante das convenções sociais; o que importa é que

seja justo nas concepções do seu espírito e na valorização moral dos seus actos. Por isso, judiciosamente escreveu um profundo pensador português que a santidade é a mais alta forma da personalidade humana, o termo último da evolução universal e a própria finalidade do ser.

Independentemente da ordem constituída pelos homens, só a vida moral pode estabelecer a ordem verdadeira e profundamente humana, harmonia superior que subordina o corpo ao espírito, os sentidos à razão, o bem particular ao bem comum, na esfera individual e na esfera social. Fazendo-o, como esclarece um filósofo contemporâneo, «a ordem moral não destrói nem proscree as ordens premoriais, que são as ordens especificamente biológica, económica, social, política, etc., mas, pelo contrário, pressupõe-nas, domina-as, transfigura-as, moraliza-as».

Ainda porque o homem é res sacra, a justiça, quer comutativa quer distributiva e retributiva, assenta sobre a ordem moral que em toda a parte obriga a respeitar a dignidade humana, a vida, a liberdade, e em particular a liberdade de consciência, as diversas propriedades, de ordem espiritual e de ordem material. Dest'arte, todo o acto que tenda a fazer do homem simples coisa, animal, objecto de prazer ou de mera utilidade, é injustiça criminosa.

E o direito que se limite a puro cientismo jurídico, tendo em conta apenas os factos sociais, de aparente

interesse colectivo, criações da sociedade ou do Estado, sem respeito pelo direito natural, viola a justiça e a moral, e por isso mesmo atenta contra a vida. Em última análise, reduz-se sempre a uma forma de egoísmo colectivo ou de anarquismo social, em potência próxima para transformar-se em odiosa tirania.

O Estado é independente, e como tal deve orientar a vida nacional em ordem ao bem comum. Mas a sua soberania, como justamente se afirma na Constituição Política da República Portuguesa, reconhece como limites, na ordem interna, a moral e o direito. E na ordem internacional não pode violar os direitos naturais das pessoas, dos povos, e das nações, sem o respeito dos quais não pode haver a preparação e adopção de soluções que interessem àquela paz entre os povos e ao progresso da humanidade, a que se refere a mesma Constituição.

Ora, para além da cortina de ferro, os mais elementares princípios da moral, da justiça e do direito, são trágicamente violados. Sem falar já na louca ambição que reduziu à escravidão nações gloriosas e povos carregados de história, e que traz em sobressalto o mundo inteiro, os direitos de cada cidadão são criminosamente postergados. Não se respeita o direito de propriedade, dentro daqueles necessários limites que o bem comum exige, nem o direito de associação e de legítima defesa. A própria vida é sacrificada sem escrúpulos ao Estado que, pretendendo defender os

interesses de todos, ofende os direitos de cada um, Moloch implacável que até os próprios filhos devora.

Mas o que mais doi e arrepia é o atropelo brutal das consciências. Sinistramente se invoca a liberdade para se cometer o crime inaudito — liberdade da tirania, que não permite a liberdade exterior de manifestar as convicções legítimas, da acção, da palavra, da escrita, nem sequer a liberdade de possuir convicções e crenças pessoais.

Em todas as épocas houve crises dolorosas de intolerância despótica, mas estava reservado ao nosso tempo o triste privilégio de, por meio de processos científicos, obrigar as vítimas a adoptarem a consciência dos verdugos como consciência própria, sem possibilidade de íntima reacção contra a opressão tirânica. Deste modo se conseguem todas as confissões e auto-acusações.

Nunca, no decurso da história, a moral, a justiça e o direito sofreram tal ultrage.

*

*

*

A tragédia atinge o seu auge na sacrílega perseguição contra Deus. Na visão profética do Salmista, levantaram-se os reis da terra e os príncipes aliaram-se contra o Senhor e contra o seu Cristo, pretendendo destroná-los. Contudo, a majestade de Deus não sofre dano, os homens passarão, deles ficará apenas a me-

mória execranda, e as estrelas continuarão a brilhar no céu.

Mas por toda a parte ficarão desoladas ruínas, por que, para além de todos os funestos frutos naturais da sementeira do ódio, a luz da fé não chegará a acender-se na alma de milhares ou de milhões de homens, e apagou-se ou há-de apagar-se no firmamento de muitas consciências. A grande, a decisiva luta que vai travada, é afinal contra o próprio Deus.

Em todos os tempos se ergueram vozes loucas, pretendendo a empresa satânica de apagar a luz divina, no mundo e nas almas. Todavia, nunca, como hoje, essas vozes se associaram em sistema tão habilmente concebido e em movimento de acção tão fria e obstinadamente realizado.

Conhece-se o processo lento e progressivo da estulta pretensão. Tempo houve, em que todas as baterias se assestaram contra a Igreja, umas vezes considerada, em prosa ritmada e quente, como organização genial de sólida arquitectura, de irradiação subtil, mas que fizera a sua época, não sendo já senão a sombra duma sombra, outras, em palavras ásperas e agressivas, como central de todos os malefícios, princípio e fim de todas as vaidades e das mais abjectas ambições.

Depois, foi a vez de se atacar implacavelmente Jesus Cristo. Nesta fase da luta, a princípio respeitou-se a sua humanidade e até se cantaram em seu louvor ditirambos sonoros, como homem superior que

não pode ser ultrapassado nem sequer igualado por ninguém, na intensidade da sua vida religiosa, sinal heróico à volta do qual se travará a mais ardente batalha, mil vezes mais vivo e mais amado depois de morto do que durante os dias da sua existência, tipo de sabedoria, de lucidez e de independência, símbolo perfeito do homem que sabe compreender e amar, de maneira incomparável, o mundo sensível. Suprimiam a divindade de Cristo, mas respeitavam a sua humanidade.

Depois, nem o homem se respeitou. O camartelo demolidor abateu a sua personalidade humana. Jesus Cristo não passava dum mito, criado por imaginações exaltadas, e até o cristianismo era apresentado como «fenómeno típico de decadência, ideologia saturada de sentimentos inferiores, religião de pobres criaturas que, por vingança e para se defenderem dos homens fortes e ativos, introduziram no mundo uma mística falsa e maléfica, onde se cantam e se louvam as fraquezas dos escravos que são a humildade e a paciência, a simplicidade e a loucura, a castidade e a pobreza».

Estas fantasias injuriosas desconheciam o carácter heróico da virtude, o clima épico dos justos e dos santos, mas pareciam ainda respeitar a Deus.

No comunismo, nem Deus é respeitado, melhor, Deus é o primeiro alvo de todos os ataques. Por definição, o comunismo professa o ateísmo, não um ateísmo académico, de escola, mas um ateísmo com-

bativo e inexorável, que não permite afirmações ao lado das suas negações intolerantes e despóticas. Nos trabalhos clássicos dos seus doutrinadores, de Feurbach a Estaline, passando por Marx, Engels e Lenine, há sempre o apelo veemente a essa luta sem tréguas.

E a luta mantém-se intensa e crepitante. Para matar à nascença qualquer luz de esperança religiosa, ou para apagar na memória toda a tradição cristã, não há processos que não use. A propaganda activa e inteligente é feita pela imprensa: no jornal, na revista, no boletim, no livro adaptado a todas as idades; pela palavra: em conferências, em programas radiofónicos, em institutos especializados, em universidades, em congressos; pela imagem: no cinema, no teatro, em museus, em exposições. Jamais uma doutrina teve ao seu serviço meios tão vastos e poderosos, e tão sàbiamente architectados.

Mas, como a propaganda não basta, a educação ateia é implacável. A criança, o adolescente e o adulto são submetidos à disciplina rigorosa que não poupa métodos ardilosos e sevícias cruentas.

E, quando a doutrina e a educação se tornam menos eficientes, fica sempre o recurso ao terror sangrento, de que chegam ecos esbatidos aos ouvidos do mundo livre.

Não se concebe campanha mais diabòlicamente urdida e mais ferozmente realizada.

A consciência humana está ferida no seu direito mais sagrado de crer em Deus e de praticar a religião. Tem razão um consagrado autor português: roubar a fé a quem não tem mais nada que se roube, é o mais monstruoso dos atentados.

Apesar das trevas que pesam sobre o mundo, continua a ser de amor, de esperança e de perdão a voz augusta da Igreja. Não se lêem sem emoção as palavras do Cardeal Mindszenty, na sua derradeira mensagem, escrita pouco antes de o prenderem: «Não lamento a minha sorte, não acuso os meus acusadores. Peço a Deus que a verdade e a caridade reinem nas almas. Peço também por aqueles que, segundo a palavra do Senhor, não sabem o que fazem. Perdooolhes de todo o coração».

Sobre a actualidade florida deste livro, projecta-se a actualidade trágica do seu Autor — sangue de mártirio sobre rosas de fé e de coração.

*† Manuel,
Arcebispo de Mitilene*

O MISTÉRIO DA MULHER

Não é verdade que a mulher evoca o rosto velado da esfinge? Ela conhece o recinto do sagrado e nas suas mãos repousa o insondável mistério da vida.

As mulheres porém, também desempenharam brilhantes funções em terrenos alheios a essa espiritualidade própria do seu ser, e até chegaram a ser autênticos ídolos perante os quais se elevava o incenso da adoração.

EM PRIMEIRO PLANO

Como as amazonas, houve mulheres que foram guerreiros. Podem recordar-se as figuras da princesa Catarina Sforza, de Emília Plater, porta-estandarte na guerra da libertação polaca, ou ainda daquela rainha de Madagascar, Ranavanola III, que empunhou a espada e durante três anos governou com poderosa energia. No Janículo de Roma, ao pé da estátua de Garibaldi ergue-se a da sua irmã: com uma criança ao colo e uma pistola na mão, ela atira-se contra as fileiras inimigas.

Hoje em dia, é mais natural que apareçam mulheres com grande influência nos assuntos da vida pública. Não foi assim noutros tempos e, no entanto,

encontramos figuras que actuaram na vida política e diplomática. Assim foram Lívia, a esposa do imperador Augusto, e aquelas duas mulheres, Luísa de Sabóia e Margarida de Áustria, que assinaram a paz de Cambrai (1529). Outras, que passam pela História como rainhas, conseguem ganhar o amor dos seus povos. A lendária Tsö-si na China; Teje, Netakorti, Hatschofsitu no antigo Egipto; e mais perto de nós, Eudoxia, Irene e Teodora em Bizâncio...

A mais bela e prudente mulher da Polónia foi Vanda. O fulgor do seu rosto ofuscava, como os raios do sol, os exércitos inimigos. Quando as tropas dos germanos se retiravam desordenadamente, e o seu rei se encontrou na presença de Vanda, gritou: «Vanda deve reinar sobre o céu e sobre a terra, sobre os campos e sobre o mar! Eu, chefe do exército, entrego-me à morte para que os vossos filhos e os filhos dos vossos filhos possam viver felizes sob o domínio desta mulher». E matou-se com o fio da própria espada.

Uma mulher, Anna Fernström, chegou a ser a rainha das profundidades, quando com a ajuda dos americanos escavou o poço mais fundo da terra. Lady Humprey e Van Wolsston immortalizaram-se em África como caçadoras de tigres e de elefantes. A médica inglesa Rita Jessup, a mulher mais valente do mundo, atravessou impávida as Burmas, cheias de ninhos de cobras, para chegar até à região dos diamantes azuis.

Na própria aviação, pelas qualidades corporais, agilidade de visão e rapidez de reflexos intelectuais,

surpreenderam nas suas realizações e na compreensão das situações de cada momento. E foi assim que Anny Johnson conseguiu atravessar o deserto de Sahará num *record* de velocidade.

A mulher também combateu e combate no mundo do espírito. Lembremo-nos de alguns casos: Helena Lorin Grenfelf, ministro de educação do Estado do Colorado; M.^{ma} Jeanne Dieulafoi, directora das escavações de Susa, na Pérsia; M.^{ma} Curie, professora da Universidade, duas vezes «prémio Nobel» e descobridora da radioactividade; Sonja Kovalevska, eminente matemática; Karoline Herschel, a grande astrónoma que descobriu cinco novos planetas; Eugénia Colombo, directora do teatro Scala de Milão... Outras, como escritoras, conseguiram renome mundial, como Selma Lagerlöf, cujas obras estão traduzidas em trinta línguas. Curvamo-nos com reverência perante elas por terem sabido conservar-se fiéis como escritoras à sua própria espiritualidade, embora nem todas tenham chegado a esse ideal.

Mas... ainda que as mulheres tenham sido grandes como governantes, ou como diplomatas ou políticos; ainda que tenham manifestado a sua audácia como caçadoras ou exploradoras; ainda que tenham surpreendido o mundo com a doutrina dos seus livros, em nenhuma destas coisas se encontra o segredo autêntico e íntimo do mistério da mulher.

Ó mulher, esfinge da vida, quem te poderá compreender?

DIZ UMA LENDA ANTIGA

Conta uma lenda hindu que, quando Vischnu quis criar a mulher, andou muito tempo a cismar na forma de começar a tarefa. De repente, fez-se luz no seu espírito e lançou mãos à obra; das canas tirou a flexibilidade, das flores a beleza, das ervas o débil estremecimento, das pétalas das rosas a suavidade. Dos raios do sol tirou a alegria, do fogo o calor do coração e, finalmente, das nuvens as lágrimas. Depois, acrescentou maliciosamente a loquacidade das pegas e o murmúrio confidencial das rolas. Com todas estas maravilhas criou a mulher.

Eis a razão por que o coração da mulher se abre tão facilmente à dor. Nada é tão frágil como a pétala da rosa, e nada mais tímido que o estremecimento das ervas. No entanto, a sua debilidade é também a sua força, porque a mulher é grande na humilde submissão à obediência e na paciente dedicação pelos seres queridos.

A alma da mulher não é criadora; o seu espírito é sobretudo receptivo, sabe assimilar e depois tornar a oferecer. Na sua maneira de conhecer, ignora os longos processos mentais e compreende tudo com um só olhar que intui o essencial. O homem procura a verdade, a mulher ouve o apelo do eternamente belo. Ama os pomenores e é neles que especialmente repara, a sua memória é fiel e tudo regista, a sua imaginação pode forjar maravilhas. Comparado com o seu mundo, o do homem é seco e mesquinho.

A mulher deixa-se guiar pelo coração. O seu espírito é sensível como uma agulha magnética, que treme mesmo na proximidade da mais pequena corrente. Uma alegria ou uma dor banais, um simples pressentimento, podem desencadear profundas emoções no seu espírito, e a sua poderosa fantasia torna-a muito mais sensível que o homem, à esperança e ao temor.

A IMAGEM ETERNA

Diz-nos a Bíblia Sagrada que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Se alguém quisesse perguntar em que consiste a «imagem eterna do homem e da mulher», em que se parecem a Deus, poder-se-lhe-ia responder: o homem representa o Verbo eterno por quem tudo foi criado, mas os raios que brotam do coração de Eva manifestam o Espírito Santo que é a chama do amor de Deus.

O homem dá-se com todas as suas forças à obra que cria no presente. A mulher dedica o seu esforço ao que há-de vir. O homem vai deixando a vida na sua obra, porque o trabalho nutre-se do sangue do homem. A mulher, porém, avança para o futuro através dos filhos e dos filhos dos seus filhos. Por isso, a mulher permanece mais tempo e tem uma existência mais duradoura que o homem — ao homem pertence a hora, o momento, o instante, mas à mulher, o povo de amanhã. O homem é a rocha em que o tempo se quebra para permanecer silencioso; a mulher é como as vagas que rodeiam a rocha, a tomam consigo e a levam para o desconhecido, para as pro-

fundidades do oceano. A mulher é algo de fluido, aberto, geral; o homem é a concentração em si mesmo, a expressão do «eu» pessoal.

A mulher não é criadora por impulso pessoal, prefere ser auxiliar, trabalhar como colaboradora, e com isso nos dá o testemunho de que o mundo se não apoia exclusivamente em colunas visíveis e vistosas. Apoia-se também noutros esteios invisíveis que são o autêntico coração do mundo.

O homem quer conquistar, ganhar: o mundo deve tornar-se «seu». Di-lo o provérbio: «a casa do homem é o mundo e o mundo da mulher é o lar». O centro da alma feminina é a maternidade e, em suma, é sobre ela que recaem todos os seus pensamentos por ver nela a sua maior felicidade. É, pois, compreensível que o espírito da mulher esteja ordenado para a receptividade, para a sensibilidade, na acepção mais nobre do termo, para o espírito de sacrifício. A sua alma delicada vivifica e configura o mundo à sua volta, repara nas mínimas coisas que possam influenciar a vida do filho. A conservação da vida está nas suas mãos e está pronta para, ao seu serviço, suportar os mais impressionantes sacrifícios.

Ante o imprevisto, sabe logo o que deve fazer e, quando está em jogo a vida do filho, nasce nela uma coragem inaudita e uma incrível audácia. O espírito da mulher é extraordinariamente rico. Acaso não está, por temperamento, como que vinculada à religião? Não é ela a via de penetração de Deus?

O homem fecha-se facilmente na sua situação pessoal no mundo, ao passo que a mulher — e isto constitui uma ideia essencial — sabe perfeitamente que a sua natureza requer uma submissão em face do ser superior.

«O homem pode, com palavras e com a força, opor-se ao duro destino, e é até esse o seu dever. As armas da mulher são a oração e a espera silenciosa. Eu quero esperar dia e noite, firme no amor e na felicidade» (WEBER).

Onde se não encontra a presença luminosa da mulher, a dor geme no abandono, porque o ambiente da alma feminina é o da mais delicada compaixão. «O primeiro princípio da vida é o coração da mulher, dela aprendem os lábios infantis o seu primeiro balbuciar; ela enxuga as lágrimas dos olhos e vela como um anjo junto do nosso leito de morte» (BYRON).

Das mãos cuidadosas da mulher brotam as obras do amor e da piedade até ao infinito. Como irmã da caridade, como enfermeira, como auxiliar dos médicos e como maternal directora de lares e de jardins-escolas, sabe ir ao encontro da dor, acolhê-la compassivamente e oferecer-lhe refúgio. Enquanto os homens falam e organizam grandes conferências, a mulher presta a sua ajuda, mesmo quando parece já não haver esperanças. Florence Nightingale (1820-1910) foi o anjo tutelar dos enfermos, Elisabeth Fry a dedicada mãe e protectora dos prisioneiros, Maria Paulina Jaricot a heroína das instituições de assistência e Harriet Beecher-Stowe uma libertadora de escravos.

Que seria da nossa pátria, das necessidades e misérias das nossas aldeias e cidades sem o coração compreensivo e abnegado da mulher? Ela sabe, como ninguém, compreender tudo e reunir em si mesma todos os impulsos e aspirações. No seu avental contêm-se mais coisas que as que o marido pode trazer num jugo de quatro cavalos.

A PÉROLA QUEBRADIÇA

Talvez sejam demasiados os louvores! Ainda que não contemplemos a mulher com o olhar sombrio de Strindberg, parece-nos que Hamlet tinha razão ao dizer: «O teu nome é fragilidade, ó mulher!» Nos seus olhos aninha-se também o demónio, o sedutor.

Nas proximidades da ilha de Bahurst, pescadores de pérolas extraíram do fundo do mar a maior e mais valiosa pérola do mundo. Pesava duzentos e sessenta gramas e o seu valor era incalculável. Um verme, porém, tinha-se introduzido na concha e perfurara a pérola, reduzindo a nada aquele tesouro de tão grande valor.

O mesmo acontece com a mulher. Com Cristo ela tem um valor incalculável, mas se é aliada do pecado traz a morte consigo. A alma da mulher tem duas vertentes, pode ser céu ou inferno; é Eva e Maria num só ser, e a escolha está nas suas mãos. Herodíades não quis renunciar à sua vingança, exigiu a cabeça de João Baptista. «E a rapariga trouxe numa salva a cabeça de João, e Herodíades entregou-a à

mãe...». Porém, Maria ofereceu o seu coração e entregou-se ela própria com o seu filho no templo para o sacrifício.

Ainda existem hoje as virginais Nausicas, as generosas Antígonas, as fiéis Penépoles; ainda há mulheres, como Beatriz, que sabem indicar com mão casta e amorosa o caminho que conduz até à maturidade interior, já que a mulher recebeu o segredo das coisas e pode guiar até aos mil montes de Deus. No entanto, também vive Circe com a sua varinha mágica, com a sua sedutora beleza e a sua provocante sensualidade, que levou a uma morte doce, mas inglória, aquele que tinha nascido para as maiores empresas. Ainda vive Dalila que roubou as forças ao poderoso Sansão, e Cleópatra que afastou António do caminho da glória, iludido por um torpor que havia de ser fatal.

Podes ser uma bênção ou uma maldição, ó mulher! Bem disse o poeta: «Nas tuas sábias mãos, ó mulher, está preso o meu coração. Podes ser para mim um anjo e também podes ser um demónio» (SZÁSZ KÁROLY).

Num congresso de médicos celebrado há tempos em Chicago notaram que, através das estatísticas, era possível observar que as mulheres americanas da nossa geração são, em média, mais altas do que o foram as suas avós, sendo isto uma das mais notáveis realizações do tempo de paz. Porém, não é precisamente um sintoma de nobreza de espírito alegrar-se apenas com estas coisas insignificantes. Na medida em que a humanidade se afasta de Deus,

torna-se mais difícil ao homem compreender e avaliar com exactidão a natureza da mulher. Não se pode avaliar a mulher pelos centímetros que tem a mais em relação às suas avós. Deve-se procurar conhecer o mistério da alma feminina através da Revelação, que é o autêntico espelho em que se reflecte a alma da mulher.

A Sagrada Escritura mostra-nos os extremos mais baixos e também os cumes mais brilhantes do caminho da mulher. «A mulher foi o começo do pecado e por sua causa todos nós caminhamos para a morte». Mas também foi escrito pela sábia mão de Deus: «Quem tem uma mulher boa, recebeu um tesouro; uma mulher piedosa e modesta é felicidade sobre felicidade». E no livro do Apocalipse a mulher aparece vestida de sol...

O SEXO FRACO

Por entre profundos abismos e cumes resplandecentes avança o sexo fraco através dos séculos. Esta «fragilidade» pode ser entendida sob dois aspectos: a mulher, fisicamente, é mais débil; espiritualmente é mais receptiva, sente mais a influência do amor. O grande bispo Prohàska disse: «Quando a mulher não ama, é egoísta, frívola, orgulhosa e banal; mas quando começa a amar, torna-se desinteressada, generosa, humilde e fiel».

É interessante reparar que precisamente nestas virtudes «negativas» situa o Espírito Santo a fortaleza da mulher:

Quem encontrará uma mulher forte?
O seu valor excede o das pérolas.
O coração de seu marido põe nela a sua confiança,
E não lhe faltarão lucros.
Ela lhe dará o bem, e não o mal,
Em todos os dias da sua vida.
Buscou a lã e o linho,
E, alegre, trabalhou neles com as suas mãos.
É como a nau do negociante,
Que traz de longe o seu pão.
Levanta-se quando ainda é noite,
E distribui o alimento pela sua família,
E as tarefas pelas suas servas.
Deteve o olhar num campo, e comprou-o;
Plantou uma vinha com o trabalho das suas mãos.
Cingiu os seus rins de fortaleza,
E fortaleceu o seu braço.
Experimentou, e viu que o seu trabalho frutifica;
A sua candeia não se apagará durante a noite.
Empregou as suas mãos em trabalhos rudes,
E os seus dedos manejaram o fuso.
Estendeu a mão ao necessitado,
E os seus braços ao pobre.
Não temerá que caiam sobre a sua família os
[rigores da neve,
Porque todos os seus servos trazem roupa em
[dobrado.
Teceu para si cobertores:
Vestiu-se de linho finíssimo e de púrpura.
O seu marido será exaltado na assembleia dos juizes,
Quando tomar assento junto dos anciães da terra.
Fez uma túnica de linho e vendeu-a,
E entregou um cinto ao Cananeu.
Reveste-se de força e beleza;

E sorri ao dia de amanhã.

Abriu a sua boca com sabedoria,

E não comeu o pão da ociosidade.

Ergueram-se os seus filhos e proclamaram-na feliz;

E seu marido louvou-a.

Muitas mulheres ajuntaram riquezas;

Tu excedeste-as a todas.

A graça é enganadora, e a formosura é vã;

A mulher que teme o Senhor, essa será louvada.

Dai-lhe do fruto das suas mãos;

E que as suas obras a louvem na assembleia dos

[juízes.

(PROVÉRBIOS XXXI, 10-31)

O CORAÇÃO DO MUNDO

Eis o protótipo de uma mulher de há seis mil anos. No entanto, o ideal feminino mudou muito no decorrer dos tempos. A função que Platão atribui à mulher no seu Estado ideal, é muito diferente da que tem nos povos do Extremo Oriente que se caracterizam pelo oculto isolamento da mulher, ou em Esparta, onde a mulher é um guerreiro que educa os filhos para o combate. Na época da Renascença, sobressaem personalidades vincadas, como Vittoria Colonna e Lucrecia Borgia. O pietismo protestante cultivou o ideal da piedosa dona de casa, e o Iluminismo fantasiou o tipo das almas belas. Recentemente o modelo era a Nora de Ibsen e, hoje em dia, talvez seja a mulher desportista. Contudo, não quererá significar esta mudança uma evasão do próprio carácter feminino?

As ideias e os ideais deste mundo são mutáveis e passageiros, enquanto que as directrizes do cristianismo vigoram em todos os tempos e em qualquer lugar. Figuras de mulher como as duas irmãs Marta e Maria, Madalena, Mónica, a mãe que sempre pediu pelo filho, Isabel da Turíngia que, durante a noite, levava secretamente a alegria aos pobres... só podem aparecer vivificadas no firmamento cristão. E que dizer da mulher entre todas as mulheres, de Nossa Senhora, a Mãe do Senhor?

A mulher desempenha, na sua vida, muitíssimas actividades, umas exuberantes, outras modestas e todas elas, vistas à luz do Espírito Santo, são belas no sentido mais profundo da palavra. Há já muito tempo, em época mais feliz que a nossa, organizou-se em Berlim uma exposição cujo tema era «A mulher», para ilustrar todos os aspectos da influência feminina. A secção «a mulher no lar» pôs em evidência, por meio de quadros estatísticos, o facto de que a felicidade de toda a família depende de uma dedicada dona de casa.

Contudo, não se trata apenas do bem-estar de uma família, mas do bem e da prosperidade de todo um povo, já que sessenta ou setenta por cento da riqueza de um povo passa pelas mãos da mulher. Outros quadros dessa exposição permitiam-nos ver, ao longo de trinta anos da vida duma camponesa, o pão que tinha cozido, as hortaliças plantadas, as batatas colhidas, todo o leite ordenhado e o esforço dispendido na criação de gado. E assim podíamos apreciar o imenso trabalho que, em silêncio, uma mulher do povo inteiramente desconhecida realiza.

Não é totalmente satisfatória a opinião dos que defendem o absoluto afastamento da mulher da vida profissional. O problema é delicado. Os Estados Unidos da América, com o seu excedente de população feminina, puderam resolvê-lo facilmente. Na realidade, há lugares e tarefas onde a mulher deveria ter maior influência; por exemplo, nos tribunais de justiça para decidir de determinada espécie de causas. Por outro lado, se às estatísticas põem em relevo o facto de haver mais mulheres do que homens, é preciso oferecer à mulher uma possibilidade de garantir a sua vida. Quando, por exemplo, se proíbe às professoras o casamento ou o exercício de ensino depois de casadas, essa medida lesa os direitos da humanidade. Tudo isto, que são concessões necessárias no nosso tempo, não deve, porém, modificar o que deve continuar a ser o ideal da mulher; a mulher casada deve dedicar todo o seu tempo, forças e amor, única e exclusivamente à família.

Mesmo sob o ponto de vista económico, é preferível que a mulher fique no lar. Tudo quanto poderia ganhar com o seu trabalho, fica aquém do que se perde numa casa desordenada. Uma autêntica política social cristã deve ter como exigência fundamental que o trabalhador receba um salário suficiente para permitir que a mulher fique em casa para se ocupar e cuidar dos filhos e do lar.

A vocação da mulher não abrange a sustentação da família, a política ou a ciência. Platão, Aristóteles, Keppler, Miguel Ângelo, Rafael, Beethoven e Wagner não têm no Olimpo dos espíritos qualquer émulo feminino. George Simmem consola as mulhe-

res afirmando que na estrutura do génio há qualquer coisa de feminino, e Gugisberg conclui que os génios que se elevaram acima de milhões de homens, têm que agradecer a uma mulher o seu estímulo, de tal forma que sem isso os espíritos mais criadores da humanidade seriam homens desconhecidos e vulgares.

É incontestável, porém, que os espíritos criadores mais destacados da humanidade foram varões. As grandes obras históricas, óperas, tragédias e epopeias não foram compostas por mulheres. Em qualquer povo não são raras as poetisas, a começar por Safo. Em 1900, o cômputo das escritoras feito por Naudé Gábor, atingia 1.200, e Ferry Guizot organizou uma biblioteca de trinta e dois mil volumes, todos escritos por mulheres. No entanto, um inquérito realizado pelo psicólogo holandês Heymans entre três mil médicos, educadores e professores, revelou que entre quinhentos inventores, apenas seis eram mulheres; de entre os milhares de mentores espirituais da humanidade, apenas cinquenta eram nomes femininos, e contavam-se mais espíritos geniais entre os homens, mesmo anormais, do que entre as mulheres.

Na filosofia, nas matemáticas e outras matérias análogas, mal conseguiram as mulheres atingir a mediocridade, ainda que nas artes e na literatura fossem melhor sucedidas. Na verdade, e na maioria dos casos, a mulher só consegue um renome mundial com o sacrifício da sua feminilidade. Antes de conhecer o caminho do triunfo, a donzela de Orleães passou os dias a fiar e a tecer, a orar e a dar esmolas. Bem disse Széchenyi: «Ao homem pertencem

cem a espada e a pena; à mulher, o lar e o berço». Em tempos e circunstâncias normais, o caminho da mulher é o matrimónio e para ele tende, como que instintivamente, embora ocupe uma cátedra ou trabalhe numa fábrica.

UM FILHO E UM RÉCORD

A constância da mulher em certos trabalhos é muito menor que a do homem, mas daí não se pode concluir que tenha menos valor, ou que o seu trabalho seja menos meritório diante de Deus. O valor autêntico da mulher não se mede pelos seus dotes intelectuais, mas pela sua firme e pura sensibilidade, pela sua orientação para o que é belo, puro, eterno e divino. Não reside na produção de obras originais mas na sua fecunda colaboração e no seu incansável apoio que deve ir até à doação completa de si mesma.

A mulher está pronta, por via de regra, como a Safo de Grillparzer, a trocar a coroa de louros pela coroa de murta e a sacrificar a ciência nas aras da felicidade de mãe e de esposa. A política e o sustento competem ao homem e a vocação da mulher não é a inteligência, mas o reino do amor e do lar. É aqui que pode ser auxiliar do homem, orientar o espírito deste para altos empreendimentos e formar o seu coração. O ponto culminante da dignidade, atinge-o como esposa e como mãe, e a maternidade é a mais bela flor que pode oferecer um coração de mulher. Neste sentido, é rainha e sacerdotisa do grande mistério da vida e essa dignidade leva à veneração. E o que é que haverá de mais sagrado, para além do amor transido de veneração?

Foram esses os pensamentos do marido de Miss Earhart quando, depois de ter conseguido o célebre récord de voo sobre o oceano, dirigiu à mulher estas palavras: «Um filho satisfar-me-ia muito mais do que este récord. Se tivesses morrido ao dar à luz, a tua morte teria sido mais bela do que se, no meio do voo, tivesses encontrado por túmulo os abismos do mar».

A mulher moderna coloca-se na mesma linha do homem e esqueceu que é, sobretudo, esposa e mãe. Josephine Widmar diz num dos seus romances: «O corpo e a alma da mulher anseiam sempre pela maternidade». E Sigrid Undset põe na boca de uma das suas heroínas: «sou mulher e, por isso, só como mãe poderei atingir a felicidade». Knauck Kähne exprime o mesmo pensamento de uma maneira análoga: «Ser feminina quer dizer ser maternal».

Ao criar o primeiro homem, Deus exprimiu de maneira precisa a função que reservava à mulher. Não formou a mulher da cabeça nem do pé do varão, porque não a queria senhora nem escrava; formou-a de uma costela para que estivesse sempre junto do coração. A mulher não é um simples instrumento do capricho do homem porque é, essencialmente, igual a ele. Foi chamada companheira do homem e deve ajudá-lo em todas as coisas para receber plenamente a bênção de Deus: «crescei e multiplicai-vos!». A sua missão é colaborar e auxiliar na prossecução da felicidade temporal e eterna da família.

A HERA E A ÁRVORE

Eötvös compara a mulher à hera e a comparação é, na verdade, profundamente simbólica. A hera adere à árvore abraçando-a com os seus inúmeros fíozinhos tal como a mulher em relação ao homem. Na mulher não procuramos uma árvore forte e resistente, procuramos apenas flores e aroma. Deus fê-la para nos auxiliar e para irmos além de nós mesmos, para nos acompanhar na alegria e na tristeza e para ser o nosso consolo e a nossa força. «Uma mulher boa é sempre um tesouro; uma mulher piedosa e honesta é felicidade sobre felicidade».

Disse o Papa Pio XI: «A mulher é o coração da família e por isso pode e deve exigir o reinado do amor: pertence-lhe». O homem detém o cetro do governo mas, perante a dignidade da mulher, deve saber ceder voluntariamente e com naturalidade sem que tenha de vir aos seus lábios esta palavra: «Quero!»

A respeito da ordenação divina do mundo, fez Mulford Prentice esta observação perspicaz: «Ao lado de todo o grande homem, em cada etapa do seu desenvolvimento, nos seus êxitos e nos seus mais arriscados empreendimentos, encontra-se sempre, visível ou invisível, a presença de uma mulher que o estimula poderosamente».

Para Schiller, a honra e a pureza da humanidade estão nas mãos da mulher: «A dignidade do mundo está nas tuas mãos. Cuida dela! Em ti actua e

contigo se levantará». O mesmo disse, afinal, em tempos idos, São Bernardo: «Quando o homem cai por causa da mulher, só ela o pode levantar da sua queda. E, como um eco destas palavras, encontramos uma ideia parecida em Vörösmarty escrita numa linguagem delicada: «Nas tuas mãos repousam os sonhos das crianças. Tu és a rainha-mãe das almas juvenis e, para o homem, a felicidade da plenitude atingida...».

RAINHA DO UNIVERSO

Deste modo se torna realidade a ideia de um desconhecido artista holandês que denominava a mulher rainha do universo. Contemplei durante muito tempo, na célebre abadia de Melk, à beira do Danúbio, as pinturas da abóbada que representam a fé, a esperança e a caridade. São três mulheres: a fé traz a cruz e o cálice, a esperança a âncora de salvação, a caridade é uma mãe rodeada de filhos — um deles abraça-a, o outro beija-a e o terceiro brinca a seu lado... Todas as aspirações da mulher encontram na família a sua mais bela plenitude.

Num congresso de mulheres, queixaram-se de que a história do mundo estivesse escrita somente sob o ponto de vista do homem. Pode ser. No entanto, não se deve esquecer que a vida da mulher está íntima e indissolúvelmente unida à vida do homem, do filho, do próprio povo e de toda a cultura. A sua glória não está em serem espíritos invulgares ou génios; está em saberem dar génios ao mundo. E deram Watt, Stephenson, Edison, Carlos Magno, Napoleão... O primeiro lugar de entre as grandes

figuras da história do mundo está reservado à mãe. O cetro do mundo pertence a quem pode dar a vida a um novo ser e, por isso, podem as mulheres olhar com desdém para o grandioso edifício de São Pedro de Roma ou qualquer outra construção tão impressionantes como essa. Elas trouxeram ao mundo algo de mais senhorial e mais belo: o templo para uma alma imortal!

A mulher trabalha no lar mas o seu silencioso labor reflecte-se em todo um povo. Transmite todo o tesouro da cultura aos filhos e aos netos, edifica o futuro e não só o futuro terreno, já que a sua acção penetra na eternidade até ao coração de Deus.

Sem ela não há família, sem ela não há pátria. Sem ela perder-se-iam as fontes mais ricas da energia da humanidade; sem ela desapareceriam a bondade, o amor e a compaixão. É o humilde cajado em que se apoia o homem, cansado de peregrinar pelos poeirentos caminhos da vida. É o soldado desconhecido do contínuo dia a dia. A mão que embla uma criança, guia o leme do mundo e tudo quanto no mundo vive e morre, teve a sua origem numa mulher.

«O homem vem à vida através da mulher», diz São Paulo, e, por isso, nas obras dos homens sempre se vislumbra a imagem de uma mulher. O homem pode encontrar-se numa situação elevada e brilhante, de destaque perante a história, ou numa profunda obscuridade. A mulher, como imagem do valor eternamente duradouro, vai criando no silêncio vidas novas, traça-lhes o caminho e deita a semente num

campo que nunca foi lavrado. Nos traços da mãe está impressa a face do povo que há-de vir.

Uma rapariga, pouco depois de ser mãe, dizia-me: «A passagem da mulher para mãe é mais importante que a passagem de adolescente para mulher». Na maternidade encontra a sua solução esse problema premente e angustiante que tantas sombras projecta nos dias da juventude, o problema da aparição do amor e da mútua harmonia dos amores. O matrimónio serve para realizar essa harmonia e resolve o problema da mulher, porque é na maternidade que ela consegue alcançar a sua felicidade em clima apropriado à sua natureza. A vida da mulher é mais silenciosa e recolhida que a do homem mas, do fogo do lar pode ela fazer fogo de um altar sagrado onde oferecer-se, dia a dia, silenciosamente, até ao holocausto.

Quando contemplo uma cruz coroada de rosas, penso no meu íntimo: este é o símbolo da vida da mulher, a cruz escondida entre as rosas! A vida e a vocação da mulher não são sempre rosas, mas também não são sempre cruz. Lado a lado, caminham rosas e cruz. Em resumo, viver para os outros, procurar por todos os meios a felicidade dos outros, ainda que se desfaça em sangue o coração!

Uma frase de Leon Bloy, digna de ser meditada: «Quanto mais santa é uma mulher, tanto mais é mulher». E também tem valor permanente o pensamento de Schiller: «Honra a mulher! Ela tece rosas no caminho da vida, tece o feliz vínculo do amor e, oculta sob o véu da graça, alimenta vigilante, com mãos sagradas, o eterno fogo dos sentimentos nobres».

UNIÃO SAGRADA

O cântico da criação ia ser entoado. A primavera das primaveras ia florescer. Era o momento da hora de Deus, a hora em que Deus ia dar o ser ao mundo. Os mundos não saíram de um abismo frio e inerte, nasceram do nada, isto é, da mão poderosa e vivificadora de Deus. A luz e as trevas, o dia e a noite, os campos verdejantes, os pássaros chilreantes, o misterioso murmúrio das ribeiras, os ágeis movimentos dos peixes nas ondas do mar, não serão o cântico matutino de Deus nos começos do céu e da terra?

NA MANHÃ DA CRIAÇÃO

E como o coração de Deus transbordava de alegria, na beleza da primavera criou Adão, o primeiro homem, para que, logo no início, reinasse sobre as coisas criadas uma imagem do Deus eterno.

Adão começou a viver as delícias do Paraíso e assim se iniciou o ritmo da vida humana na terra. Contudo, o Paraíso não estava completo e faltava o mais íntimo da felicidade. Sobre a face de Adão pai-

rava uma sombra, tal como acontece a uma criança quando lhe falta alguma coisa, e não é capaz de dizer o que é, porque não o sabe. O primeiro homem passava solitário por entre as árvores do jardim, «porque não se tinha encontrado para Adão uma companheira que fosse semelhante a ele».

Então, o Eterno mergulhou Adão num sono profundo, tirou do seu lado uma costela, formou uma mulher e levou-a até junto de Adão. E ao vê-la, gritou: «Esta é o osso dos meus ossos e carne da minha carne...» E foram um numa só carne.

Na primavera da vida, o matrimónio, união sagrada, foi o mais rico presente de Deus. A vontade criadora de Deus contemplou o lar e a família num dos seus primeiros pensamentos e, a fim de tornar realidade esse plano, pôs ao lado do primeiro homem a primeira mulher, para que desde esse instante fosse a sua companheira. «Criou-os como homem e mulher... Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e submetei-a ao vosso poder».

Foram estas as mais felizes núpcias que os filhos dos homens realizaram, e começou sem nuvens a primavera do amor. Nenhum deles encontrava defeitos no outro, e o mútuo impulso dos seus corações estava de acordo com as determinações de Deus, já que tinha sido Ele quem os havia juntado no Paraíso. Neles se pressentiam todos os povos da terra e, após eles, milhões e milhões de seres conheceriam outra primavera da vida, quando homens e mulheres fossem juntando as suas mãos para sempre. Todos são filhos de Eva, a mãe dos vivos,

todos são criados à imagem e semelhança de Deus e em todos eles resplandece para sempre a face de Deus.

JESUS, REDENTOR

Mas, logo no dealbar da vida, apareceu o pecado e os homens tiveram de abandonar o Paraíso. A recordação mais doce que lhes ficou desse tempo foi, sem dúvida, a união sagrada do matrimónio. O que o pecado quebrou naquele vaso de cristal foi restaurado por Cristo que acolheu essa sagrada união no áureo cálice de uma das suas sete grandes obras, como um dos santos sacramentos.

Quando Napoleão III casou com Eugénia, Paris inteiro exultava numa festa sem par. A guarda nacional e as tropas estendiam-se desde as Tulherias até ao templo de Notre Dame. Em todas as casas ondeavam bandeiras. Toda a cidade se encontrava a pé, desde as primeiras horas da manhã, e mais de duzentas mil pessoas tinham chegado da província. Quando as charangas anunciaram o cortejo, todos os sinos da cidade começaram a repicar enquanto centenas de canhões atrovavam os ares. Vinte mil velas ardiam na nave da catedral à entrada do par imperial. O vestido da noiva era de seda branca finíssima, adornado com violetas. No altar, o arcebispo de Paris uniu as suas mãos e a câmara municipal da cidade ofereceu à noiva um colar de brilhantes avaliado então em seiscentos mil francos.

Ainda que fosse possível celebrar núpcias mais empolgantes (talvez só como as pintou Tiépolo no

seu quadro das bodas de Barba Ruiva) e independentemente de toda a pompa externa, o casamento tem uma grandeza inexprimível na linguagem humana, mesmo que se celebre numa desconhecida igreja da planície húngara ou se juntem num quarto humilde as mãos de dois operários. Ainda que não haja vestidos brancos, círios, flores, anéis, sinos, canhões e brilhantes, o casamento é absolutamente independente de tudo isso, meras exterioridades de uma coisa grande.

O matrimónio é o mais arriscado empreendimento de um homem. Prender a vida pela força do amor unir dois corações na torrente do amor, é o maior «*sim*» de toda a vida.

O santo Diogo Klemens (1683-1744) aconselhava o conde Károly Sándor a que se casasse fazendo-lhe notar que assim poderia ter filhos que o protegessem e consolassem e que, por meio do matrimónio, evitaria muitas ocasiões de pecado. A mulher tomaria o cuidado da casa e dos criados e para ele próprio seria a pessoa fiel com quem desabafar, sem cuja presença estaria triste, só e desanimado, como até então estivera.

Um casamento que não seja tardio é da maior importância para a vida moral do jovem e para os filhos que hão-de vir. Quando os pais casam novos podem ter a certeza, dentro dos cálculos humanos, de poder educar os seus filhos até estes serem crescidos. Com um casamento tardio, já há lugar para dúvidas. De resto, a fecundidade é mais fácil nos lares que se não fundam em idade avançada.

TRÊS LETRAS

Se reflectirmos intimamente, o problema que mutuamente levantam o noivo e a noiva com a palavra «queres?», é profundamente inquietante. O coração deveria estremecer. Com as três letras do «*sim*», duas vidas humanas ficam ligadas até à morte, até à eternidade. É grande o sacrifício da entrega! Cada um deles lança o seu coração, com tudo o que possui de peculiar e pessoal, na fornalha do amor do outro, e dessa união nasce um novo metal, o amor conjugal, coroado pelo sacrifício.

A restauração e a instituição do matrimónio não é obra dos homens, é obra divina. Em todos os povos, o casamento é consagrado e santificado por um poder transcendente, divino, e sempre se realizou em nome de Deus, como os historiadores confirmam. Não foram os homens, mas o próprio Deus, criador da natureza, e Cristo, o salvador do mundo, que estabeleceram com leis o matrimónio, e o elevaram e fortificaram, qual fortaleza inexpugnável.

Quando se pronuncia o «*sim*», juntam-se as duas almas numa só, com uma rapidez e firmeza maior que a que poderia ter a união de dois corpos. Como diz o provérbio húngaro: «Duas almas e um pensamento, dois corações e um só latejo».

Há no matrimónio três bens que, segundo Santo Agostinho, o tornam intimamente valioso: a fidelidade, os filhos e o sacramento. A fidelidade constrói

um muro sagrado para que o olhar e os impulsos do coração não possam seguir outro homem ou outra mulher. O filho exige que seja recebido com amor, educado com diligência e instruído na fé. O sacramento é o guardião da indissolubilidade, já que o vínculo matrimonial foi constituído perante Deus.

A beleza e a fortuna não são, porém, bens essenciais ao matrimónio, «porque a beleza passa e os encantos se desvanecem», e porque «as casas e os reinos são dados pelos pais, mas uma mulher prudente só é dada por Deus». O patriarca Isaac teve o cuidado de procurar na sua futura esposa, não beleza e riqueza mas virtude e prudência. O mais importante no matrimónio é a fé! Muito expressivamente dizia, uma vez, um velho sacerdote: «Quando os rapazes procuram uma mulher, só procuram o testuro do seu coração e depois de o encontrarem lançam-se àvidamente em busca do tesouro material. Ao princípio, perguntam se a rapariga tem bom coração, mas depois só se interessam pelos seus bens».

O matrimónio, como todas as coisas do mundo, foi corrompido pelo pecado e já deixou de ser a união de dois corações até à morte. A cupidez e a infidelidade dos homens quebraram o precioso cálice de Deus. No entanto, com a vinda de Cristo Nosso Senhor, o matrimónio foi restituído à sua primitiva beleza e não foi apenas restaurado tal como antes era: Cristo elevou-o até si e o colocou junto do seu coração redentor, ao fazer dele um sacramento. Desde então, o matrimónio está imerso

no mistério de Cristo e ele próprio se tornou um mistério sagrado, já que os esposos devem amar-se mutuamente tal como Cristo amou a sua Igreja, até dar por ela a última gota do seu sangue. E também a mulher deve obedecer e estar submetida ao marido, como a Igreja o está a Cristo.

O CASAMENTO MISTO

Além deste casamento santo da verdadeira Igreja, existem ainda o casamento misto, o casamento civil e os casamentos «de camaradagem». Como o cristão deve julgar das realidades da vida com pleno conhecimento, será preciso prestar alguns esclarecimentos.

O casamento misto, isto é, o casamento entre um católico e um não católico, está proibido pela Igreja, impelida a isso pelo seu amor maternal e dedicação solícita. A própria lei de Deus os proíbe quando deles pode nascer um perigo para a alma do cônjuge católico e para a alma dos filhos. Quando a Igreja, em determinadas circunstâncias, dá o seu consentimento a uma união deste género, fá-lo com o coração despedaçado e sem a menor alegria porque as almas estão em perigo. Se Rousseau, um descrente, não podia conceber que marido e mulher não tivessem a mesma fé, por maioria de razão um crente deve reconhecer essa verdade como evidente!

Quando os esposos não convergem no sentido religioso da vida, compromete-se a paz da família e a felicidade desaparece, a não ser que, movidos

por um falso amor, abandonem ambos os seus deveres religiosos decidindo-se a ir contra as suas íntimas convicções. Os filhos de casamentos mistos são mais pagãos que cristãos. Contudo, não quer isto dizer que não possa haver matrimónios mistos verdadeiramente felizes: há-os mas, por via de regra, são muito raros.

Tal foi o caso dos pais do poeta F. W. Weber (1813-1894). O pai não era católico mas tinha um grande respeito pela fé da sua mulher, e o poeta conta profundamente impressionado, como seu pai se ajoelhava e aprendia a rezar o Pai Nosso, a Avé-Maria e o Angelus. O mais velho dos filhos veio a ser sacerdote. No entanto, um caso como este constitui uma rara excepção.

Allan Stolz conta-nos ainda que tinha conhecido num hotel uma rapariga que cumpria as suas funções de criada com tanta amabilidade e simplicidade que ganhava a estima de todos. Agradou também a um homem de elevada posição que, quanto mais a contemplava, tanto mais se ia interessando por ela. De entre as muitas mulheres frívolas e elegantes que conhecia, não queria escolher nenhuma para esposa de seus filhos e preferia ter na sua casa aquela pobre e simples rapariga. O filho mais velho gostou da escolha feita pelo pai e solicitou, com simplicidade, a mão dela. Porém, esta rejeitou: preferia continuar a ser uma humilde criada do que casar com o filho de um milionário. E deu a razão decisiva da sua recusa: não queria casar por ele ser protestante. Não merece a nossa admiração uma

mulher como esta, que desprezou um esplêndido futuro para ser fiel às suas íntimas convicções?

«Porventura os protestantes são antropófagos? Por vezes, são pessoas muito mais nobres do que alguns católicos!» Mas não se trata do aspecto humano, trata-se do divino! Deus e tudo quanto a Ele diz respeito deve ser tratado com a maior seriedade e precisamente por isso aparece aqui uma grande dificuldade que não podemos esquecer cegamente. Trata-se da Eucaristia, do Sacrifício da Missa, do culto à Virgem Maria... Todas estas divergências se encontram aí.

Quando os esposos não estão de acordo nestas coisas, íntimas e sagradas, não pode haver paz nem sossego de espírito. O que é divergente não pode ser uno. Ao longo dos séculos, homens santos e geniais tentaram arvorar a bandeira da paz, mas tudo foi em vão. Com muita dificuldade se consegue essa paz durante o noivado, mas as divergências dos espíritos voltam, ao longo da vida conjugal.

PRECAUÇÕES INDISPENSÁVEIS

Com a garantia do livre exercício da religião e da educação católica dos filhos, a Igreja dá o seu consentimento aos casamentos mistos. Não pode regozijar-se com eles e fá-lo com profunda mágoa. Para compreender a severidade que a Igreja manifestou outrora em face dos casamentos mistos é suficiente lembrar um decreto do concílio de Elvira (do ano 305) em que se dispõe que os pais que entregam as suas

filhas em casamento a homens de outra religião, devem fazer penitência pública durante cinco anos. A experiência de séculos não é favorável a estes casamentos.

No entanto, se alguém quiser, apesar de tudo, procurar a sua felicidade num casamento misto, deve lembrar-se destas condições:

1. Os filhos devem ser integralmente educados segundo a religião católica.

2. O cônjuge católico deve ser um apóstolo para com o outro, isto é, deve, com o seu exemplo, ser uma testemunha da íntima verdade e veracidade da fé católica e, por esse meio, conquistá-lo e conduzi-lo pelo caminho da fé.

3. O cônjuge não católico deve prometer que não dificultará, seja por que meio for, o exercício da fé católica que deverá tratar com todo o respeito.

Ainda que muitos comecem com os melhores desejos, a vida diária vai fazendo desaparecer muitos desses bons propósitos. Deixa-se de fazer o sinal da cruz, não se tem coragem para usar água benta e tem-se vergonha do «ingénuo» terço. Finalmente, deixa-se de ir à igreja, para não falar sequer da confissão.

Talvez melhor do que ninguém tenha conhecido as dificuldades e os problemas do matrimónio misto o bispo de Vesprim, Martin Biró (1696-1762), procedente de uma família calvinista. «O pai vai com os rapazes a uma igreja, e a mãe com as raparigas a outra. O que nelas ouvem faz crescer mais ainda a sua oposição interior. Compreende-se de uma ma-

neira diferente a presença de Cristo na Eucaristia; o culto da Virgem, o dos santos, os preceitos do jejum e da abstinência são pontos de atrito. Às sextas-feiras uma parte da família come carne e a outra não, e quando nasce um filho, discute-se se deverá ser batizado catolicamente ou não. Que vida tão infeliz! Muitos amaldiçoaram-na... Eu já vi cair os cedros do Líbano. Porventura serás mais forte do que eles?»

Um célebre convertido, o conde Leopold Stolberg (1750-1819), dizia: «Há duas categorias de homens que não querem compreender os perigos do casamento misto: os que são totalmente incrédulos e consideram todas as religiões igualmente importantes ou igualmente pouco importantes; e os enamorados que, bêbados de paixão, não reconhecem como verdadeiros os perigos de ordem espiritual.

«Para ajuizar rectamente de um problema é preciso ter a inteligência clara, e o coração não pode estar apaixonado. A inteligência clara diz que nos casamentos mistos a fé é sacrificada ao amor. O casamento é o passo mais importante da vida; a felicidade ou infelicidade, a salvação ou a condenação dependem dele. Um cristão não dá nunca um passo decisivo sem ter perdido a luz e a orientação de Deus.

«Podes, com a consciência tranquila, excluir da Igreja os teus filhos? Podes suportar que na tua família exista uma dupla educação? Podes difundir nos teus filhos autêntico amor e veneração pela fé católica quando tão facilmente te ligaste a um não católico, que tem uma concepção tão perigosa do casamento? E se acaso chegar algum dia o

divórcio, tal como o admite a concepção acatólica do matrimónio? Ficarias sem defesa e sem direito, pois o teu cônjuge, de acordo com o seu sistema, actuaria legalmente e poderia chegar o dia em que os teus próprios filhos te fossem arrebatados».

A SANTIDADE PROFANADA

Violação grave e clamorosa do sagrado mistério do matrimónio é o casamento civil. Nele não existem os únicos valores extraordinariamente elevados que podem alicerçar um matrimónio duradouro e feliz: a graça de Deus, a bênção da Igreja, o pensamento da eternidade, a força do sacramento, a dignidade conjugal e a paz da alma.

Diz-se, porém, que os homens também podem ser felizes no casamento civil. A nossa experiência mostra coisa muito diferente. Certa mulher gabava-se, uma vez, diante de uma amiga, de que a sua vida conjugal era indizivelmente feliz sem necessidade da bênção da Igreja. A sua lua de mel duraria mais de dez anos, afirmação que todos acreditavam, já que marido e mulher pareciam entender-se admiravelmente. Passados dois anos, as duas amigas encontraram-se novamente. Aquela mulher atirou-se ao pescoço da amiga e soluçou: «Vim para te dizer que sou imensamente feliz». A amiga ficou surpreendida por julgar que já o era dantes, mas soube logo a razão: «O meu marido e eu fizemos abençoar a nossa união pela Igreja e por isso sou tão feliz!» E quando se lhe fez notar que antes

tinha dito que poderia ser feliz sem esses «bruxedos», respondeu: «Se uma mulher católica, ainda que apenas conserve um leve resplendor da sua fé, diz que é feliz sem a confissão e a comunhão, não acrediteis. Eu não tive um só momento de sossego e de felicidade, iludia-me a mim mesma e aos outros. Agora é que sou verdadeiramente feliz».

Sempre será uma ferida a sangrar, o facto de que o Estado considere como inexistente o que a Igreja tem como sagrado. Nunca o matrimónio pode ser inteiramente organizado pelas leis do Estado, porque não é uma coisa puramente humana, mas um assunto totalmente religioso. É, por isso, da competência da Igreja: um sacramento de Cristo não pode ser posto em mãos mundanas. O contrário só tem acarretado tristes consequências. A família só pode ser sã quando é considerada como sagrada e o casamento civil é a sementeira do divórcio e da diminuição da natalidade.

A TÚNICA DESPEDAÇADA DO SENHOR

A mais grave ameaça contra o casamento é o divórcio. Diz Santo Agostinho que o casamento procede de Deus; por conseguinte, o divórcio deve proceder do demónio. E, na verdade, assim é! O divórcio traz consigo uma série de infelicidades. As causas do divórcio são abandonadas em toda a parte ao arbítrio dos tribunais. Na Inglaterra só o adultério é causa de dissolução. Noutros países, existe uma longa série de causas justificativas. Nuns, exige-se

o mútuo consentimento, noutros é suficiente o pedido de uma das partes. Perturba-nos pensar que na América, no espaço de vinte minutos, é possível casar-se e divorciar-se. Na França, antes da guerra, um tribunal proferiu numa só sessão duzentas e noventa e quatro sentenças de divórcio.

Deste modo se destroem os sentimentos do dever e da responsabilidade sob a pressão dos instintos animais, e os tribunais que deveriam ser os defensores do direito são, na verdade, os seus verdugos. Os direitos das pessoas são sacrificados aos impulsos obscuros da colectividade. Onde se facilita o divórcio, aumenta o seu número. Os homens pensam mais antes de realizarem um casamento indissolúvel do que quando assinam um contrato a curto prazo. Não existe melhor elemento de união que as palavras: «...até que a morte nos separe!».

No divórcio, os direitos mais gravemente lesados são os da parte mais débil — a mulher e os filhos. Em certos meios, pensa-se que o divórcio é o instrumento que a mulher tem para lutar pela sua liberdade. Na realidade, porém, por meio do divórcio o marido converte-se num senhor despótico e num tirano sem responsabilidade.

O homem pode regressar de novo à vida social, mas o destino da mulher é a solidão, o afastamento, a ruína física e moral. O homem e a mulher não são iguais no casamento e também o não são no divórcio. O homem sai da luta com uma liberdade intacta e pode bater às portas de um novo paraíso. E a mulher? A sua sorte é idêntica à de um quarto,

ou de um carro ou de um brinquedo que depois de usados se tornaram inúteis. Jaz no chão como uma rosa sem pétalas. De tudo quanto levou ao casamento, pode retirar apenas os bens materiais; a beleza, a pureza e a honra ficam nele. Uma mulher sensata tem de defender sempre a indissolubilidade do casamento, que é a fortaleza dos débeis e a firme salvaguarda da sua dignidade de mulher.

E se a mulher for culpada? Disse com severidade Strindberg: «A mulher infiel é pior que uma prostituta porque assassina o seu marido e despedaça o futuro de seus filhos. A mulher adúltera deixou de ser esposa e perdeu a nobreza da feminilidade. O pensamento divino abandonou-a e é sòmente instintos e animalidade».

O FUTURO DO FILHO

E o filho? O direito natural reclama, em relação ao filho, a comunidade de vida dos pais para que possam dar-lhe uma boa educação. Só a unidade dos espíritos e uma harmonia sem nuvens podem ter influência educativa nos filhos. Quando as arrelias e discussões dos pais são frequentes e o filho repara nelas, a autoridade paterna diminui; e se algum dos cônjuges trata o filho com excessivo mimo, procura mais ou menos claramente rebaixar o outro. A criança repara em coisas que nunca deveria ver e transforma-se num triste intermediário das desavenças dos pais.

Poderá, em tal ambiente, educar-se um filho na fé, na obediência e no respeito? Se Baudelaire dizia

que a viúva que contraía outro casamento, atraía o seu próprio filho, que se deve dizer, então, do divórcio? O filho vê-se privado do amor quando mais necessitava dele e só encontra metade do carinho quando tem sede de um carinho cada vez maior. Torcato Tasso, ainda criança, teve de ser arrancado dos braços da mãe morta que o segurava. Uma fera nunca abandona as suas crias, mas no divórcio actual, o filho bem pouco ou nada representa.

Os tribunais de menores falam eloquentemente a este respeito, já que setenta e cinco por cento dos jovens delinquentes procedem de famílias cujos pais estão separados. É por isso compreensível que o Papa Pio XI qualifique de insensatos os motivos em que o espírito humano fundamenta o divórcio e que, com penetração profética, evoque os falsos juramentos feitos no altar por aqueles que mais tarde se divorciaram.

Desde o momento da sua constituição, o casamento fica ligado a um direito eterno, divino e indissolúvel e nenhum poder humano pode pôr as mãos nele. Cristo, ante quem tudo no céu, na terra e no inferno se ajoelha, disse: «O que Deus uniu, o homem não o pode separar!»

Se o Estado quisesse, na verdade, ter presente o seu próprio interesse, poderia aprender muito da Igreja no que diz respeito à defesa do matrimónio. Em 1932, foram apresentadas no tribunal eclesiástico de Gran, na pequena Hungria, setenta e seis acções de separação e dissolução de casamento. Sete foram liminarmente rejeitadas como insuficien-

temente fundamentadas; de trinta e duas causas de nulidade, vinte e duas foram admitidas e só em nove casos o tribunal decretou a nulidade por existir uma coacção, plenamente comprovada. De dezasseis causas em que se apelou para o Primaz, sete foram rejeitadas.

INFLEXÍVEL

A Igreja mantém-se sempre fiel às palavras do Evangelho e, sem ceder à pressão das paixões egoístas, defende com firmeza os direitos inalienáveis de todo o casamento válido. O Papa Nicolau I resistiu com coragem ao imperador Lotário; Urbano II e Pascoal II lutaram contra o rei Filipe de França; Clemente VII e Paulo IV opuseram-se aos caprichos de Henrique VII de Inglaterra e o corajoso Pio VII não se curvou perante o dominador do mundo, Napoleão. E através dessas lutas na defesa da indissolubilidade do matrimónio, a Igreja prestou um grande serviço à humanidade.

Pelo contrário, o Estado, pela facilidade com que tem concedido o divórcio, conduziu a humanidade à beira da ruína. A excessiva liberdade matrimonial abriu as portas ao relaxamento moral noutros terrenos. Desapareceu a ideia de servir desinteressadamente e cada qual procura unicamente apropriar-se de tudo quanto se encontra ao seu alcance. A cupidez, a ambição e os apetites são os traços fundamentais de um mundo que desconhece a fidelidade.

Proházka exprimiu o facto com exactidão: «O divórcio leva ao definhamento e, por fim, à ruína dos

povos». Baugha clamava com a maior dureza: «Quem atacar a indissolubilidade do casamento e o subordinar a um amor fácil, adúltero ou livre, ou ao mesquinho dinheiro, postergando a pureza da vida de família é um traidor à pátria. A mulher, o filho e o autêntico bem do povo nunca poderão apoiar o divórcio».

O bom senso do povo, simples e são, pronuncia-se também contra ele, e muitos homens íntegros têm ainda na boca as palavras do livro de Ruth: «Para onde tu fores, irei eu também!» A paz e a felicidade de muitas famílias tende a desaparecer quando se perde a fé no carácter sagrado do casamento.

A ideia de que o divórcio é o maior inimigo da família e do povo, deveria ser património de todos os homens sensatos. Como aquele célebre causídico, o Dr. Römm, que respondeu a uma consulta de uma senhora que pretendia divorciar-se por ser o seu marido um excessivo amador de vinho: «Se a sua irmã lhe apresentasse uma queixa desse género, certamente seria esta a sua resposta: tu pertences ao teu marido e ao teu filho».

No matrimónio indissolúvel, a mãe é o coração da família, a rainha do reino do amor. Só amou de verdade aquele que amou uma só vez, e desse amor nasce a coragem e o arrojo do marido e a silenciosa e dedicada fidelidade da mulher. A vida de família está colocada sob o signo da unidade; unidade na esperança e no temor, na alegria e nas lágrimas, na honra e na desgraça, na riqueza e na

miséria, na prosperidade e nas contrariedades. Um só coração e uma só felicidade—tal é a unidade do amor!

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE

O matrimónio só acaba com a morte. Os filhos não devem ver a mãe afastada do lar e substituída por outra. Um célebre general húngaro, Miklos Perczel, mandou pôr esta inscrição no túmulo da sua esposa: «Cumpriste a tua palavra, foste fiel até à morte, estivesse sempre a meu lado numa vida acidentada». Com efeito, acompanhara seu marido, exilado na Turquia, na França, nas ilhas Jersey, na América. Galsworthy dedicou-se às letras por amor da mulher. E ainda poderíamos recordar a bela atitude do conde Karoly Sándor que, depois da morte da mulher, nunca mais quis casar dizendo que jamais poderia encontrar mulher igual à sua esposa.

No naufrágio do *Titanic*, a mulher de Strauss deu um impressionante testemunho do seu amor e da sua fidelidade. Os botes de salvamento estavam preparados para as mulheres e para as crianças, enquanto os homens eram abandonados às vagas. A mulher de Strauss recusou: «temos lutado juntos numa vida cheia de dificuldades, partilhámos das alegrias e das contradições, morreremos também juntos, se for preciso morrer!» E o esposo abraçou a sua corajosa mulher. É assim que se deve amar: agora e sempre!

Com estes e muitos outros, ajoelha todo aquele que deu os primeiros passos no seio de uma família

verdadeiramente cristã, para dar graças a Deus por esse benefício que tanto o pode enriquecer. A saúde da árvore, dos ramos e dos frutos, depende do vigor da raiz, e por isso a família, o Estado e a nação serão o que for o casamento. O amor à pátria e ao nosso povo devem levar-nos a proteger o ideal do casamento sagrado que se celebra no altar perante os olhos de Deus. Quem ama verdadeiramente o seu povo impede com todas as forças que se separe e despedace o que Deus uniu para sempre. O homem e a mulher estão unidos por um «sim» numa unidade indissolúvel, e a eles foi confiada a tarefa de fazer dessa união uma união verdadeiramente santa aos olhos de Deus.

O CÍRCULO ÍNTIMO

Quando eu era ainda criança, costumava frequentemente ir até à beira de um tranquilo remanso e atirar pedras à água. Nunca me fartava de olhar com admiração para a maneira como cada pequeno círculo produzia outro maior até que o último batia nos bordos e pouco a pouco se desfazia, tornando a água à sua primitiva paz.

Qual é o círculo mais íntimo da vida, aquele cuja vibração se nota no lugar mais remoto? A hora da família começa quando a sagrada união de homem e mulher começa a florescer. Também pertencem à família os avós e os antepassados, mas são apenas o segundo e terceiro círculos que as ondas da vida fizeram. Aqui somente falamos do círculo íntimo.

Neste círculo interior atinge a mulher a sua mais alta dignidade e a sua última plenitude, torna-se uma nova «mãe da vida»! A sua dignidade maternal é o mais valioso tesouro desse círculo íntimo. O próprio Cristo se encontra imerso nele. Antes de começar a difundir a palavra divina, antes de se entregar ao sacrifício redentor da cruz, e de estabelecer a sua Igreja, preferiu o silencioso lar de Nazaré. Os mais maravilhosos acontecimentos da vida de Cristo não

são as grandes curas ou a expulsão dos demónios; mais maravilhosa ainda que a ressurreição de Lázaro, é a vida oculta no círculo íntimo da família de Nazaré. Nos milagres manifestava-se a divindade, mas aqui é um homem entre os homens.

A SAGRADA FAMÍLIA

Debrucemo-nos sobre a figura de José, um homem completo, de quem diz a Escritura: «era um homem justo». Olhemos para Maria, a mãe sem pecado, a cheia de graça. Aí está o Filho que traz consigo a plenitude divina do Pai. E o céu contemplava esta criança de Nazaré: «O Pai punha nele as suas complacências, e ele crescia em idade, em graça e em sabedoria diante de Deus e dos homens». Era uma trindade santa entre os homens, imagem do círculo íntimo de Deus; família verdadeiramente sagrada, modelo dessa trindade humana feita de pai, mãe e filho.

Foi este o motivo por que a Igreja incluiu a festa da Sagrada Família no ciclo dos seus mistérios. Todos os anos no domingo seguinte ao dos Reis, continuamos a celebrar a memória desta santa trindade humana. Enquanto o mundo existir, nenhuma outra família poderá igualar-se a esta, em beleza e virtude, em prosperidade e paz.

Não se trata contudo de um idílio romântico, irreal, alheio à vida. Porventura não foi esta família a realização de um ideal que Deus pediu aos homens? José foi mergulhado na noite dessa dúvida que pai-

rava sobre a sua esposa. Os primeiros dias do jovem casal estão rodeados de preocupações, e as etapas da sua fuga são antes estações do amor e da inquietação. Sobre Maria pesa a incerteza do destino futuro do seu filho: «uma espada atravessará a tua alma». E quando o Filho foi conduzido ao Templo, aos doze anos, todas as feridas tornaram a abrir-se. No entanto, apesar destes perigos, ou melhor, por meio dessas provações, a família de Nazaré pôde vir a ser o protótipo e a imagem sagrada de todas as famílias.

O JARDIM DA PANÓNIA

No fulcro da história da Hungria, está inscrito o nome de outra família verdadeiramente santa. No começo do ano mil, quis dar-nos o Senhor o primeiro modelo de uma santa família húngara. Nasceram flores no jardim da Panónia: Estêvão, o rei santo, pai e apóstolo do seu povo; Gisela, que com mão prudente educou os filhos e cuidou solícitamente do jardim, para que pudessem crescer flores impolutas. O primeiro fruto desta nobre estirpe foi Emérico, o santo, o orgulho da Casa de Arpad, o porta-estandarte dos altos ideais da juventude panónia.

«A mão do Senhor o realizou». Estas duas famílias são para nós modelo e escola. A essa escola de Nazaré e a esse jardim da Panónia devem ir os pais, as mães e os filhos; e conseguirão valor e fortaleza, quando forem iluminados pela luz e pela força de José ou de Estêvão, de Santa Gisela ou de Maria, a Virgem Santíssima.

Quando o próprio Deus estende a sua mãe sobre alguma coisa, os homens devem prestar uma atenção cheia de respeito. Nos primórdios da humanidade Deus criou a família, e esse círculo íntimo que recebeu a vida de Deus, deve voltar a encontrar nele o seu sentido.

A História ensina — e a vida dos povos confirma o seu testemunho — que a família é a célula originária das nações. Só o desvario mental de Rousseau substituiu essa unidade de três pela unidade solitária dos indivíduos autônomos: despedaçou a humanidade e os povos em milhares e milhões de átomos isolados. Uma ciência mais sensata regressa agora à doutrina de que a família é a célula e a forma primitiva de toda a comunidade humana. Ainda que nos encontremos numa grande comunidade social, sempre a família é a nossa primeira pátria e, como diz Sigrid Undset, o ambiente essencial de toda a cultura e de toda a religião.

Só um cego pode deixar de ver que a família é o elemento de conservação do género humano. O fim em vista é que nasçam novos homens, e que os recém-nascidos possam atingir a sua maturidade humana. É por isso que cada família tem a sua alma própria, as suas ambições e os seus desejos, as suas alegrias e as suas lutas, o seu calor e a sua temperatura próprias, a sua história e a sua linguagem.

O amor e a autoridade estão no âmago da família. O pai e a mãe são os dois fogos que alimentam esse círculo íntimo, e o amor e a autoridade conseguem realizar a unidade de todos. E entre pais e filhos apa-

rece um vínculo poderoso, a *pietas*, o amor reverencial, desinteressado e recíproco.

A vida na intimidade desse pequeno círculo constitui a felicidade de todos. Para o pai, é um mundo inteiramente submetido ao seu domínio; para a mãe, é a plenitude da dignidade maternal; para o filho, representa o carinho, o amparo e a educação. E os povos tiram dessa fonte as forças de uma nova juventude.

UMA HISTÓRIA DE PIRATAS

A família possui um extraordinário poder de transformação. O esposo e a esposa que começam a entrar nela, são atraídos pelos fortes vínculos do amor e, pouco a pouco, sofrem uma profunda transformação, de tal modo que o filho é já um filho desse lar. Daí deriva o facto de que a família imprima nos que a compõem um cunho característico.

Uma velha história de piratas pode servir-nos como um dos mais curiosos exemplos desse poder de transformação. Nos tempos posteriores a Colombo, os mares eram o campo ideal para os piratas que apareciam, quer em Gibraltar, quer nas Índias ou no canal do Panamá, tornando perigosa a navegação. Por acaso, um deles extraviou-se perto da Martinica e quis confessar-se a um missionário, o padre Labat. Um dia, este padre foi ao encontro do chefe dos piratas e cominou que pusesse termo a esse género de vida, prometendo que lhes seriam dados lar, casas e terras que pudessem cultivar. Assim se fez, e houve mulheres

que quiseram unir o seu destino ao destes homens. Os selvagens piratas do mar tornaram-se pacíficos camponeses, e o fogo tranquilo do lar domou a ferocidade daqueles salteadores, que vieram a ser, ao longo da história, um firme esteio da Igreja católica naqueles lugares. O exemplo mostra a profunda verdade contida nas palavras do bispo Glatfelder: «O fundamento mais sagrado e indestrutível da civilização humana são o altar e a família».

Nem sequer os próprios membros da família suspeitam que nesse círculo, tão pequeno e frequentemente tão desprezencioso, se encerra a felicidade e a paz e que nele se encontra a raiz da nação, do Estado e de toda a humanidade. Representa por isso a maior riqueza de todo o mundo. Basta a decadência da família para que se gerem autênticas e terríveis revoluções, e quando se apaga o fogo sagrado do lar, a humanidade precipita-se nas mais profundas trevas da barbárie, ao anularem-se os mais firmes fundamentos da vida.

Ainda que mudem os governos e se afundem os tronos e desapareçam as culturas, a família permanece incomovível através dos tempos. Todas as forças negativas que existiram ao longo da História encontraram a sua origem, em maior ou menor grau, na decomposição da família. Por outro lado, basta uma só família, ainda que não esteja excessivamente bem constituída, para haver uma poderosa força de unidade social. É sempre ela que defende o direito e os bons costumes e transmite a herança dos antepassados às gerações vindouras.

O FACHO DA VIDA

O ritmo da vida da família caracteriza-se por possuir um íntimo impulso, uma certa alegria de viver pela aceitação optimista da vida e pela firme vontade de se perpetuar através das gerações. A família é um lugar sagrado em que uma geração entrega a outra o facho da vida que na sua vida eterna acendeu o Criador do primeiro homem, e que só desaparecerá da terra apagado pelo vento tempestuoso do juízo final.

O símbolo da transmissão do princípio vital é a chamada «árvore da vida». Na minha infância, os noivos ainda levavam um ramo dessa árvore da casa paterna até à igreja e daí para o seu novo lar. A família jamais diz: «depois de nós, o dilúvio». Sobrevive à morte e as suas raízes, partindo do passado, prolongam-se no futuro.

Todo o lar tem a sua alma própria que não vem de fora: vem sobretudo da íntima e primitiva essência de cada família constituída. Uma anciã descrevia deste modo a alma da sua família: «Plantou cada arbusto, cada flor, cada árvore, e por toda a parte encontramos o rasto da sua mão e do seu trabalho perseverante. Nesta casa não há coisas sem alma; cada uma delas tem a sua vida e a sua história e em cada uma subsiste ainda o leve resplendor de uma alegria ou a lágrima de um sofrimento. Qualquer recanto da casa é uma testemunha da história familiar».

Na região do Reno, segundo um velho costume, o chefe da família escreve a crónica familiar. Quando o filho mais velho vai casar, o pai entrega-lhe o livro da família com estas palavras: «Continua com honra a nossa história». E o conhecimento dessa história dá força e orgulho às estirpes aristocráticas e, por vezes, mais ainda a essas famílias humildes que se lembram, nas suas recordações, da vida familiar até à décima geração. A lembrança dos dias passados é uma força extraordinariamente poderosa.

OS DIAS DOS ANTEPASSADOS

O conhecimento do que os nossos antepassados fizeram torna-se necessário na vida; devemos saber donde e de quem procedemos. Os netos devem poder contar os árduos trabalhos dos avós, as grandes qualidades dos pais; é triste ver desaparecerem as tradições familiares. Nunca mais poderão os filhos saber donde veio a mãe nem os nomes dos avós e parentes. Noutros tempos, todas as famílias, mesmo as mais humildes do povo, tinham o seu livro familiar em que se anotavam os nascimentos e os baptizados, as bodas e falecimentos, acrescentando-se aqui e acolá observações especiais. Nas páginas desses livros manifesta-se, nobre e sólido um firme espírito familiar.

Muito mais do que uma herança em quintas, campos, bosques ou dinheiro devemos apreciar o legado do espírito. Os bens dos antepassados não fazem uma família, porque depois de perdidos podem recuperar-se outra vez. Porém, se desaparecem os bens

espirituais de uma família, — a fidelidade, o amor, a união — desaparece a sua alma e apenas fica um corpo inerte que a morte vai conquistando para si sem que o possam ressuscitar as maiores riquezas. Não se pode descurar esse fogo sagrado que é a alma da família.

O dar e receber mutuamente é lei que vigora na família. A mãe abre as portas do lar e da vida a um novo ser e embala-o carinhosamente nos seus braços. Mais tarde, quando os braços da mãe estiverem cansados, serão os filhos que mitigarão as suas últimas dores e fecharão silenciosamente os seus olhos.

A própria morte é impotente para quebrar os vínculos da família. Os mortos ainda nos pertencem, embora habitem outra casa. «Quero mergulhar nos longínquos dias do passado: sem os meus mortos já não posso viver». Vivem ainda e esperam-nos. Porventura não são os mortos que invisivelmente guiam o destino dos vivos? Com frequência são mais fortes do que estes e sempre são os nossos melhores amigos.

A CIDADELA DAS ALMAS

Desde os tempos mais recuados, a família tem sido um lugar de oração. Cristo vive nela: «Quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles». E dessas famílias poderão nascer santos e heróis. Para a liturgia, o lar é uma imagem da pátria celeste; para as almas, uma cidadela, uma

defesa e uma fonte de energias. Nele se pode repousar e descansar quando, após o trabalho do dia, se regressa a casa, ao refúgio sagrado do lar.

A família é o melhor centro de educação para a vida na sociedade e no Estado. Os filhos aprendem a obediência e o respeito que devem à autoridade. Têm outros irmãos e devem contar com eles e, por vezes, renunciar a determinadas coisas em seu favor. Por isso, as famílias numerosas são a melhor preparação para adquirir o sentido social e o sentimento da ajuda mútua. Por sua vez, os pais aprendem a tomar, com força e com prudência, as rédeas do governo. A família é um Estado em miniatura.

O velho Pestalozzi, já octogenário, despediu-se no seu leito de morte com estas palavras: «Ó filhos, permaneci muito unidos e procurai a vossa felicidade no tranquilo ambiente da família». E nas obras deste grande pedagogo aparece como ideia central e como origem da boa educação a família e, dentro dela, a mãe. Por consequência, quem minar e derrubar a família, afundará nas suas ruínas não só o pai, a mãe e os filhos, mas também a felicidade de todo um povo e até da própria humanidade.

É bem sabido que, em todo o mundo, a família atravessa uma profunda crise e, por isso, a pretensão de salvar a humanidade deve ser precedida da salvação da família. Na confusão dos problemas humanos, esse é o único verdadeiramente importante e todas as outras angústias e preocupações desaparecem diante dele.

A solução deve ser dupla: religiosa e económica. É preciso que regresse à família a mais profunda religiosidade e que a Igreja se impregne verdadeiramente nas almas das famílias tão laicizadas que hoje existem. O uso das imagens e o contacto frequente com a Igreja caíram no olvido, apesar de que ambas as manifestações são uma fonte de energia sobrenatural. O homem religioso sabe lutar contra os ataques do demónio e torna-se enérgico, carinhoso e fiel.

A mesa e o berço são objectos preciosos da família. No entanto, sobre o berço e sobre a mesa devem estar a cruz do Senhor e a imagem da sua Mãe. Sob a sua protecção salvar-se-á a família.

As imagens não devem ser um simples motivo ornamental que, pouco a pouco, se vá cobrindo de pó e a que nunca mais se conceda importância: devem ser o testemunho vivo da oração e da fé da vida diária. Poderia colocar-se por baixo delas uma espécie de lema familiar, tal como este: «Onde há fé, há amor; onde há amor, há paz; onde há paz, há bênção; onde há bênção, está Deus e onde está Deus não há penas». A fé não é um fato para os domingos, é o latejar da vida diária e a respiração da alma.

A bênção da casa! Quando se funda uma nova família ou se muda de casa, quer seja na cidade, quer seja numa aldeia ou até na *puszta*, deve convidar-se o padre a abençoar a nova morada a fim de que nela reine sempre o amor generoso de que é imagem o coração de Cristo. Nenhum homem ou medida pode avaliar o imenso amor de Deus para conosco. Se se constrói um lar para o amor, não deveremos, porven-

tura, abrir as suas portas ao amor infinito do Senhor? A consagração da família ao coração de Jesus não é uma simples cerimónia piedosa; quem a faz com recidão recebe forças desconhecidas.

Conta-se do santo confessor Elzear (1323) que, encontrando-se fora da sua casa numa longa ausência, recebeu uma carta da esposa, inquieta e angustiada pedindo-lhe que regressasse. Respondeu: «Quando me quiseres ver, procura-me no lado aberto do Senhor; nele vivo e nele me encontrarás, ainda que alguns malvados me tenham afastado de ti». Com uma tal fortaleza de espírito, a família torna-se um autêntico santuário.

O PÃO E O VINHO

Toda a família tem o mesmo sangue. A mesa é comum e o pão é comum; o pão do lar é o melhor pão da aldeia porque o fez a mãe com todo o seu amor. São José vai com Maria a Belém, que significa «casa do pão», para que lá nasça o Pão da vida. O santo rei Estêvão plantou o trigo e a vide para que o seu povo, ainda jovem e bárbaro, recebesse o Pão do altar e com ele a paz da alma. Deste facto provêm estas antigas estrofes húngaras:

Deus nos dê aqui em baixo
trigo, vinho e paz!
E depois de morrer
dê-nos em herança
a salvação do céu
e poder louvá-lo
para sempre. Amen.

Trigo comum, vinho comum, pão comum, mesa comum! O Senhor fez-se pão, fez-se vinho para que todos pudéssemos comê-lo, para que todos pudéssemos bebê-lo. Quem comer desse pão viverá eternamente. «Tomai e comei todos dele; este é o meu corpo, que se entregou por vós». Quando o pai, a mãe e os filhos comem deste pão, recebem forças novas, pois já não são eles que vivem em si próprios, é Cristo, o Senhor, que neles vive. Jesus habita no meio da família, é ele que trabalha, é ele que ama, é ele que obedece. No misterioso segundo plano de toda a família cristã entrevê-se a imagem da Sagrada Família de Nazaré.

O lar suaviza as fadigas do labor quotidiano e até as transforma em alegria. Onde há amor não existem penas e mesmo que as haja tornam-se aceitáveis.

Como a unidade familiar tem a sua projecção na Nação e no Estado, estes têm obrigação de auxiliar a família. É, pois, de absoluta necessidade que o trabalhador receba um salário familiar. Não deixa de ser estranho o facto de que pessoas de sessenta ou setenta anos, que normalmente têm menos necessidades, recebam com frequência uma retribuição maior do que homens de trinta ou até de quarenta que pretendem constituir família. Estes precisam de um património familiar, de uma casa e de um lar; um lar para cada família deve ser o princípio de toda a política social no campo e na cidade. O centro de gravidade da questão social não é a preocupação pelo indivíduo isolado; esta é, sem dúvida, necessária, mas muito mais necessário se torna um subsídio familiar verdadeiramente eficaz.

A CIDADELA

O círculo íntimo da família é para o homem, ao mesmo tempo, um campo de batalha. Contra quem terá de lutar? Contra o que é sórdido e baixo, contra o que é vulgar e corruptor. Estes germes em parte alguma podem entrar mais facilmente do que na família e, por isso, ela própria é chamada por natureza à destruição dessas forças subversivas.

Quando existem faltas na família, devemos rectificá-las, mas mesmo com elas, com todos os seus defeitos, a família será um instrumento muito melhor que qualquer instituição educadora, seja qual for a magnificência das suas instalações.

A restauração do nosso povo depende de que se consiga ou não uma família santa e pura; na existência saudável destas células radica a única possibilidade de sarar o mundo envenenado dos nossos dias. Muito mais importante que a política aduaneira e a construção de estradas é o saneamento da família. A vida de um povo, depende da inteligência e da bondade dos homens que a compõem; no entanto, os homens de maior valor são os que procedem de uma família em que reina o espírito familiar e o sentido da unidade. É preciso empregar todos os esforços na salvação da família, porque só nas famílias sãs podem nascer almas nobres que elevem os seus olhares para as alturas.

Dessa fonte mana o heroísmo e a fortaleza, a coragem e a fidelidade. Compreende-se assim que

Karl von Rodbertus chamasse à família a «fonte milagrosa do povo» e que Heinrich Perch a considerasse o fundamento da felicidade de um povo. Na família, os pais vêem e sabem que nunca morrerão por completo; a sua memória permanece e os traços do seu rosto serão transmitidos pelos filhos para a posteridade.

Os cavaleiros traziam no seu escudo o braço da família e iam para o combate depois de ouvir estas palavras: «Sê digno dos teus antepassados!» Família quer dizer lar, segurança, orgulho e paz. Ai daquele que não tiver lar!

Um poeta aproximou-se silenciosamente de uma casa e olhou por uma fresta da janela. À luz de uma ténue lamparina viu um berço, pequeno e delicado:

Ouvem-se os gemidos da criança que chora
no suave berço.

A mãe corre ansiosa para junto do ser amado:
dos seus lábios brota a paz.

Ainda que o céu esteja sombrio
aqui brilha o fulgor das estrelas.

(ARANY)

O REMORSO TARDIO

Certa vez, um homem foi até à cidade. Levava consigo o seu único amigo, um velho cachimbo. Na capital vivia um antigo conhecido e aquele velho, ramo solitário e truncado da árvore familiar come-

çou a visitá-lo com frequência. Ao entrar na casa, ele, que não ria nunca, passou a sorrir sempre que três raparigas e dois rapazes o rodeavam alegremente sob o olhar satisfeito da mãe. E, ao fumar o seu cachimbo, por entre as nuvens de fumo, contemplava o amigo com a mulher e os filhos, qual longínquo remanso de felicidade. Certa ocasião, enquanto o fogo do cachimbo ia amortecendo, o velho estreitou, nos seus braços, duas das crianças. O cachimbo estava apagado mas o seu coração de velho ardia. E começou a chorar e a dizer com tristeza: «A minha vida foi um fracasso!»

Quando adoeceu, aquela família assistiu-o nas últimas horas para poder ordenar um pouco a sua vida fracassada. Não haverá no nosso mundo muitas vidas fracassadas?

A casa e o lar são luz na noite escura
quando estamos longe, solitários,
e o amanhecer nos surpreende.
O Criador eterno fez a mulher
e com ela a casa e o lar.
Sem eles o mundo morre de frio.

(GYÖRGY)

O P A I

Um pai da família, com vários filhos, folheou este livro. Não encontrando este breve capítulo, disse-me com ar de censura: «Falta um capítulo: o pai! É preciso dizer em voz alta a todo o mundo: a mulher não é somente mãe mas também esposa! Caso contrário, o homem seria apenas o pai dos filhos da sua mulher. O amor conjugal não deve ser entravado pelos filhos, deve ser cada vez mais íntimo. A mãe só tem coração para o filho e preocupa-se pouco com o marido, de maneira que, quando o filho aparece, todo o amor e delicadeza são para ele, e o homem e marido passa para um segundo plano. O pai torna-se assim seco e duro enquanto a mãe continua a ser carinhosa».

Respondi-lhe: «Tem razão. É significativo, porém, o facto de que na própria poesia o pai mal seja cantado. Quando se fala nele é apenas por um débil reflexo da luz que generosamente se derrama sobre a mãe e o filho. A arte e a poesia têm sido sempre pouco liberais para com ele».

O QUE PERDURA

Poussin e Doré representaram o dilúvio com impressionante dramatismo. Tudo está perdido! Palácios e templos submergem-se nas vagas, os homens esforçam-se por guindar-se às alturas salvadoras na mais espantosa manifestação de egoísmo, cada qual só pensa em salvar-se a si mesmo, e sem dó nem piedade calca e repele violentamente os demais. Um pai rejeita o seu filho, um noivo a sua noiva, mas uma mãe, num último esforço, levanta ao alto o seu filho para o salvar enquanto ela própria vai sendo tragada pelas águas.

Petőfi é justamente chamado o cantor do amor e ainda mais bela que a sua canção dos amantes é a sua canção do amor materno. Fala do pai aqui e acolá, sempre com uma profunda veneração mas é para a mãe que reserva os seus mais belos dizeres:

«...o maior tesouro que há na terra
é, na verdade, o amor materno».

(PETÖFI: *Crepúsculo no lar*)

Lembre-mo-nos ainda do drama íntimo de Beethoven. O seu pai era um cantor da corte, um artista, mas de carácter caprichoso. Pelo contrário, a mãe, que era cozinheira, criada de servir, possuía uma alma delicada, cheia de bondade e de amor para com o seu filho.

Não quer isto dizer que o pai seja incapaz de amar. O amor do pai pode chegar a derramar-se numa profundidade insondável mas é essencialmente diferente

do amor materno. Ama no duro trabalho, com o suor do seu rosto. Esse amor é mais duro e áspero e talvez mais desinteressado por ser mais reprimido.

Mãe e filho fundem-se numa íntima unidade e a mãe não pode viver, pensar ou ser feliz sem que o seu coração vibre em uníssono com o do filho. Para o pai, a paternidade não é tudo, tem mil problemas maiores ou menores por resolver e tem de entregar-se ao trabalho. De manhã, antes de partir, lança um olhar carinhoso ao filho que dorme no berço e vai-se embora depressa. Aparece nos seus lábios um sorriso ao mesmo tempo que talvez tome esta firme resolução: «É preciso trabalhar com todas as forças por ele. É preciso que ele alcance uma situação melhor do que a minha». E estes nobres pensamentos são um grande estímulo para o trabalho quotidiano.

O trabalho e as riquezas não conseguem fazer o homem intimamente feliz. O pai facilita ao filho as possibilidades de singrar na vida terrena, enquanto a tarefa da mãe consiste em tornar a alma da criança progressivamente aberta às possibilidades celestes, sendo, como é, a que pode oferecer os bens mais íntimos da vida. Não é somente de manhã que olha, preocupada ou sorridente, para o berço do filho mas a toda a hora, desde o cantar do galo até altas horas da noite. Quando o berço se torna demasiado pequeno, é ela que anda de mãos dadas com o filho e quando ele já voou para a vida e para o mundo, o olhar materno perscruta o horizonte longínquo para ver se encontra as pegadas do filho. Toda a

sua vida é constante atenção e cuidado do filho, a começar no berço. Adivinha as suas exigências e, quando a pequena alma começa a abrir-se para o exterior, é só ela quem repara nisso e pode satisfazer as suas primeiras vontades. Como disse Windhorst: «Desde Eva, a mulher tem na configuração do mundo uma influência muito maior do que nós, os orgulhosos filhos de Adão». A verdade é que a vida separa o pai do filho, ainda que isso aconteça no interesse deste.

EM SEGUNDO PLANO

A noite de Natal é um símbolo do amor paterno. As crianças estão à roda da árvore e tudo é alegria buliçosa e beleza cintilante. O fulgor da árvore ilumina também a mãe e fá-la aparecer mais encantadora. O pai, porém, está na sombra. Chegou em primeiro lugar e deve ir-se embora imediatamente. Beija-se a mão da mãe mas mal se repara no grande amor do pai, apesar de ter sido ele quem trouxe a árvore, os enfeites e os presentes. Este é o destino do pai ao longo da vida...

No entanto, não se deve pensar que, por este motivo, fiquem os pais amargurados ou ciumentos. Sabem muito bem que o Criador lhes designou uma função diversa da que tem a mãe, e que uma grande verdade se esconde no ditado húngaro: «Dos quatro cantos da casa, três pertencem à mãe e só o quarto é do pai».

Este livro não pretende de modo nenhum diminuir a dignidade do pai. Sabemos que a mão firme

do pai é indispensável na educação dos filhos, mas a sua vida é outra. A sua figura ilumina-se na sua desinteressada dedicação; traz o jugo do trabalho diário e pela sua frente corre o suor. As suas mãos calosas e as rugas da sua frente cantam uma canção que não é tão delicada como a canção da mãe mas é de todo necessária. O pai é a coluna que sustenta o edifício familiar, a sua força, o seu construtor, além de ser o seu defensor e o seu paladino.

Para os filhos, é o protótipo do homem, com um não sei quê de seriedade e de majestade. Se quiséssemos diminuir a dignidade paterna, teríamos de fazer calar os grandes testemunhos da história — o próprio poeta Horácio confessava dever tudo a seu pai.

A mãe é a primeira que presta homenagem ao pai, que conta aos filhos o muito que por eles trabalha e se afadiga, lançando deste modo os fundamentos desse respeito de que a família precisa para subsistir.

PAI NOSSO

A palavra de Deus é a primeira a proteger a dignidade do pai: «A glória dos filhos são os pais», diz a Escritura. E quando fala dos pais é sempre ao pai que dá a primazia, apresentando modelos magníficos de pais desde os patriarcas e reis até São José.

Para o filho, o pai é a imagem com que primeiramente se dirige a Deus, e este facto entranha uma grande e pesada responsabilidade. Quando a mãe ensina o filho a rezar o «Pai nosso...». a criança

instintivamente estabelece um paralelismo com o seu pai e os traços característicos do pai terreno vêm a ser os do Pai celeste. O próprio Deus santificou a paternidade quando nos deu, através de seu Filho, o nome com que o podemos invocar — «Pai nosso».

De Deus procede toda a paternidade quer no céu, quer na terra, e por isso o pai participa dos poderes divinos. Como criador e conservador da família, realiza uma função verdadeiramente divina: é o delegado e representante de Deus na família. A providência divina depôs nas suas mãos o cuidado do pão de cada dia e, desta maneira, é uma imagem do Pai celestial que tudo criou e que alimenta até os pássaros do céu. E também é uma imagem do Espírito Santo, dado que a sua missão é também a de ensinar, consolar e fortalecer.

A posição de São José como homem e como pai adoptivo dá-nos um eloquente testemunho da dignidade paterna. Em Belém, Egípto e Nazaré, está ao pé de Jesus como a imagem e a sombra do Pai Celestial. Vê e ouve a Jesus, e não longe, porque vive com ele; trá-lo pela mão, veste-o e acarinha-o com amor, cuida dele, protege-o. Aquele que não julgava usurpação fazer-se igual a Deus, não pensa que diminui a sua dignidade o facto de estar submetido a um homem, a José, seu pai adoptivo. Este só teve uma missão na sua vida: viver sempre e sobretudo para o seu filho Jesus. A partir deste instante, o pai é, na família, um amigo de Jesus e, para os filhos, será sempre a imagem da autoridade de Deus.

Aquele que, como José, tiver realizado esse divino serviço da família, tornará uma realidade as palavras da Escritura: «O seu corpo repousa há muito tempo no sepulcro, mas a sua memória perdura de geração em geração».

A M Ã E

Leva-me nas tuas coloridas asas, ó alada fantasia, até esses dias sorridentes e já crepusculares da primavera da vida! Infância e juventude, regressai, ainda que por um instante apenas! E tu, ó idade de ouro cheia de sonhos, embala-me outra vez na fantasia...

A PONTE DESTRUÍDA

Esse olhar retrospectivo faz ver, com um ligeiro estremecimento, que a ponte do passado está mergulhada num cerrado nevoeiro. «Para onde fugiu a minha juventude?» Como por entre as ruínas de uma casa destruída, escavamos nas recordações dos primeiros dias. Em alguns, a vida destruiu tudo e os dias da infância são como um remanso de felicidade à volta do qual os golpes do mar tudo afundaram.

Longe, muito longe está tudo quanto eu chamava meu. No entanto, as recordações da juventude surgem diante de mim e fortalecem-me como o brilho de uma luz à beira-mar que cintila nas águas sombrias e se reflecte nelas. Não devemos fugir das recordações. Despertam no silêncio da meia noite ou à clara luz do dia; vêm até nós uma a uma e,

outras vezes, precipitam-se como um bando de tresloucadas andorinhas.

«Quando penso na minha infância, sinto-me outra
[vez novo
como se a primavera me despertasse com uma
[suave brisa.»

(PETÖFI: *Dias da infância*)

Faz-nos muito bem regressar aos dias da infância, acoitados como estamos pela irrupção de dias turbulentos. Isso dar-nos-á um sossego como o que deve sentir a lebre que foi encurralada e afinal conseguiu alcançar um refúgio seguro.

«Ó feliz infância, sonho encantado, maravilhoso e sacro...!» (FARKAS IMRE)

Com passos vacilantes e de olhos abertos, a alma fatigada persegue as pegadas de um mundo mais belo...

«Diante da casa, num pequeno banco e à sombra de velhas árvores a mãe conta...

Reclinei a cabeça no seu seio e ouvi durante muito tempo: era um milagre e era um conto!

(PÒSA LAJOS)

Se me fosse dado iluminar outra vez os dias passados, fazer ouvir de novo a sua voz argentina e ter aquele sorriso que desapareceu! Ainda que a vida nos tenha esfacelado, ainda que tenhamos sido esmagados, e bebido até ao fim o cálice da amargura, quando nos lembramos dos dias da infância o nosso

coração estremece e a face do Deus belo e bondoso chama-nos dos começos do nosso caminho.

Não falo de um mundo imaginário, falo da realidade da vida. Num livro sério e palpitante de vida, num livro para todos, quereria, como se fosse um poema sagrado, mostrar diante dos olhos das mulheres nobres, das jovens puras e até dos filhos perdidos, a elevação e a profundidade, o valor e a beleza da vocação de mãe. Repararão na sua grandeza e nos ricos tesouros que encerra e sentir-se-ão intimamente encorajadas a tornar realidade esse ideal.

A PENA TREME

Em ti penso, contigo sonho, anjo da guarda da minha infância! Treme a minha pena e o meu coração bate mais depressa quando escrevo esta palavra: «Mãe». A grandeza desaparecida dos dias passados torna à minha presença como se me acenasse de um longínquo e espesso nevoeiro. Surgem as recordações dos dias soalheiros da primavera, das carinhosas mãos da mãe que tão solícitamente me cuidavam. E vibram as cordas da minha alma.

Quem pode compreender totalmente o sentido dessa palavra? Quem há que não estremeça ao pensar naquela que nunca o deixou de amar desde o primeiro instante da vida, que sorria como um sol sobre o seu berço, que sofria quando o seu pequeno estava doente e padecia? Que coração se não enche de emoção quando pensa naqueles dias da infância em que nada mais existia além da mãe? Talvez

tenha sido para muitos a primeira e a única alegria da vida!

É bom pensar nesses tempos, em que a alegria e a claridade nos rodeavam, em que a dor e as preocupações ainda não tinham aparecido, porque a mãe impedia a sua entrada na sagrada ilha da infância.

Quem pode dizer o significado da palavra «Mãe»? Estudiosos, novos e velhos, aprenderam na vida muitas definições e tornaram a esquecê-las. Essa definição, procurei-a durante muito tempo e nunca a poderei esquecer, embora tenha sido difícil encontrá-la.

Se reuníssemos tudo o que Petöfi escreve em longínquas terras, e Toth Kalman canta sobre a mãe no lar ou o que um órfão soluça num cemitério; se ouvíssemos as canções populares e os grandes poetas do povo ou os brilhantes elogios dos grandes educadores; se nos fosse possível penetrar na alma despedaçada de qualquer mãe quando visita na prisão o seu filho perdido; se contássemos as horas em que o olhar materno vela junto do berço de um filho doente; se pudéssemos convocar, da longínqua história, a orgulhosa mãe dos Gracos ou juntar em salva de ouro o delicado coração de Elisabeth Szilagy ou de Hellene Zriny e o fiel coração da mulher de um trabalhador que incansavelmente cuida, noite e dia, dos que ama; se, finalmente, trouxéssemos ainda a célebre figura de mãe do cemitério de Génova e sobre isto tudo fizéssemos resplandecer a imagem da Madonna, teríamos apenas um débil reflexo do que é a mãe. Mas a profundidade dessa maravilha não estaria ainda esgotada.

A PALAVRA MAIS BELA

Devemos aproximar-nos da mãe, pois a mãe não se compreende, ama-se. Os seus beijos, as lágrimas dos seus olhos, a sua oração dizem o que é a mãe... Mãe, mãe querida! Quantas coisas sem limites dizem essas palavras e que força fascinante não reside nelas!

Os filhos estão cansados de brincar e querem aprender outro jogo: «Cada qual vai procurar a mais bela palavra que há no mundo e, quando vier o pai, ele decidirá quem encontrou a palavra mais bela».

Eles e elas calam-se e pensam qual será a palavra mais bela e, cada um no seu canto para não ser visto pelos outros, escreve-a num pedaço de papel. Depois do jantar é o momento da grande decisão. O pai proclama: a mais bela palavra do mundo é «mãe». Tinha-a escrito um petiz de sete anos.

Diz-me uma palavra, se a conheces
feita de música e de harmonia,
de canções e de lendas,
de sorrisos e de lágrimas,
de tesouros e de pérolas,
de raios de sol e de luares,
de espelhos de mar e de perfume de rosas,
da ansiedade de lágrimas nos olhos...
Diz-me uma palavra, mas não encontrarás
mais bela e pura do que esta: «Mãe»!

(NÉMETH ISTVAN)

Esta palavra tem em cada língua um acento peculiar. Parece um lamento ou a queixa de um clarim longínquo e encantado, alegre como os sinos dourados de um carrilhão e quando a pronunciamos o nosso coração vibra nos nossos lábios. Existe algum ser a quem estejamos mais intimamente unidos, de alma e coração, do que à nossa mãe? Há alguma palavra que nos comova mais profundamente do que essa? Quanto mais longa é a nossa vida e mais o mundo se abre diante de nós, tanto mais devemos admirar essa maravilha que é a mãe. E quanto mais a vida nos tiver ensinado, tanto mais bela e mais profunda será para nós essa palavra.

Então, o que é a mãe?

Tu és a fonte de que eu brotei, tu és a raiz de que eu nasci. Tu és a porta por onde entrei na vida. (BISZTRAY GYULA).

A mãe — li-o uma vez — é o fogo, e os filhos são a luz. A claridade da luz mostra-nos a intensidade do fogo.

A mãe é a videira, e os filhos os ramos. Pelos ramos podemos ver o verdadeiro valor da videira.

A mãe é a árvore da vida e os filhos são os frutos. O Salvador disse: «Pelos frutos se conhece a árvore».

A mãe é o relógio, e os filhos os ponteiros. Estes dizem-nos a hora que soou.

A mãe é a pena, e os filhos os escritos. É por estes que se conhece o escritor.

A mãe é o leme, e os filhos a frágil barquinha. Ela vai para onde o leme a conduz.

A mãe é a rainha e os filhos os súbditos. Sob o cetro de uma mãe prudente, os filhos vivem contentes e felizes.

A mãe é a maior maravilha e o maior mistério. A humanidade alegre, a humanidade que sofre, estremece e comove-se diante dessa palavra.

Anjo da Guarda! Não sou eu a dar-te o nome: Agostinho e Ozanam assim te chamaram. Mãe, anjo da guarda, que nos protege sob as suas asas e que, por entre os escolhos e abismos, nos indica o caminho seguro. Tu és um reflexo da providência divina, o olhar vigilante do anjo da guarda. Tudo isto são símbolos e imagens porque nenhum homem pode exprimir o que a mãe representa para ele; apenas pode dizer que, depois de Deus, é a maior graça e o maior bem que possui.

É uma palavra sagrada, é um nome bendito que acode aos nossos lábios quando mal sabemos balbuciar o que está sempre no mais íntimo do coração, enquanto o coração continua a latejar. É um nome bendito e sagrado para além do túmulo, porque é o arauto e, ao mesmo tempo, o resumo de quanto há de mais belo na terra: o amor materno.

A GRANDE DEVOÇÃO

Para esclarecer o sentido dessa palavra, tanto devo ouvir as razões da inteligência como as razões do coração. Participar do poder divino de transmitir a vida é uma magnífica vocação! Como diz Lovich Ilona, ser mãe quer dizer receber um filho das mãos de Deus; quer dizer entregar a vida inteira, aniquilar-se até à fraqueza e à humildade. Ser mãe, quer dizer consolar e ajudar, e a sua missão na terra consiste em mitigar a dor e ajudar a suportá-la.

A vocação de mãe é vocação para servir e para amar, e para servir cada vez mais. A mulher, na juventude, prepara a sua alma para esse sagrado serviço e chega verdadeiramente a servir quando, como a escrava do Senhor, traz a vida no seu coração; fá-lo brotar no mundo e, desde então, cuida dela e acompanha-a até ao último instante. Ela comunica vida e abnegação, amor e saúde. Ela aperta-te contra o seu coração, fita-te, ensina-te a falar, amar e sorrir. No inverno, as tuas mãos frias aquecem-se entre as suas, alimenta-te de si própria quando és pequeno, dá-te o pão quando crescido e está sempre a dar-te a vida. Quando dizes «ó mãe» e ela responde «meu filho» o próprio Deus se alegra no seu coração.

Há sacrifícios que só quem é mãe pode suportar. Só ela conhece, em toda a sua profundidade, a total alegria da esperança e o amargo pão do sofrimento; é por isso que o seu nome nos fala de perseverança

maravilhosa, de bondade magnânima, de amor inexprimível e de sacrifícios que se não podem contar. Não há dignidade que possa ultrapassar esta que torna possível à mulher superar o próprio homem.

Que coisa maravilhosa é a mãe!
 Outros poderão amar-te, mas só a mãe te conhece.
 Ela trabalha por ti, cuida de ti, ama-te.
 Perdoa-te tudo porque te compreende
 e só comete uma injustiça: morrer e abandonar-te.

(BARONESA DE HUTTEN: «Mãe»)

É difícil exprimir o que é o amor materno. Por vezes, parece-nos ter compreendido um aspecto, como se se visse de certo ângulo o fulgor de uma pedra preciosa, mas essa impressão desvanece-se rapidamente porque as nossas ideias e as nossas palavras são simples pressentimentos do mistério da vida em que a mãe está imersa.

A maternidade desenvolve a sensibilidade da mulher, faz nascer nela novos sentimentos e por isso, por muito depravada que seja uma mulher, como mãe é santa. Este mistério sagrado que enche a alma da mulher eleva os homens até Deus, por cujo meio existe um amor que dá a vida a um ser ainda desconhecido, que faz cuidar do filho e protegê-lo com abnegação, e lhe dá luz e calor do próprio coração a fim de que, quando crescido, se entregue nas mãos de Deus, de quem procede toda a vida.

A MORADA ÍNTIMA

A tarefa formativa e o labor de irradiação da mãe nunca se interrompem. Do seu seio nasce a vida e é nas suas mãos que ela cresce. O coração materno trabalha silenciosamente no mais íntimo da História. Sem ruído, mas eficazmente, dirige e informa os acontecimentos históricos. Quando Maria Teresa, mãe do império e de muitos filhos, num instante de grave perigo, apresentou o seu filho a todos os nobres reunidos, estes comprometeram-se a defendê-lo mesmo à custa do sangue e da própria vida.

A vocação de mãe não se circunscreve a limites puramente naturais. Não devemos situá-la apenas nos estreitos limites do nascimento e da morte, porque toda a vida vem de Deus e é a ele que de novo regressa. A mãe dos Macabeus dizia, entre orgulhosa e humilde: «Não fui eu que lhes dei a alma e a vida, não fui eu quem formou os seus membros; foi o próprio Criador do mundo».

Por isso, tem razão o poeta ao dizer: «Deus amamos através do coração da mãe» (Székely László). O seu amor é tão elevado e magnífico que chega a alcançar o amor do coração de Deus e por isso podemos dizer, com verdade, que o amor materno é a revelação do amor de Deus.

Reparastes, nos belos dias de verão, nessa neblina azul que paira sobre os montes? É ela que permite

ver melhor as claras belezas da terra. Se eu pudesse colocar este véu transparente sobre o rosto da mãe, parece-me que teria mais coragem para falar da suavidade e da pureza desses olhos que não podiam acreditar no mal. Que força desconhecida se ocultava nessa suavidade?... Meu pai, cuja autoridade parecia inquebrantável e infalível, voltava os seus olhos para ela como se reconhecesse um poder misterioso» (Henry Bordeaux).

Quando os filhos vêem na mãe algo de sagrado, ante os defeitos e impaciências dela, farão como os pintores que, em todas as coisas da terra e em todas as coisas imperfeitas, procuram ver sempre o que há de eterna beleza. Rafael pintou muitas imagens de Maria e ele próprio contava o que costumava fazer: observava as mulheres que eram mães e, quando descobria um traço verdadeiramente belo, fixava-o e, reunidos todos, pintava a imagem da Mãe de Deus.

A LUZ DO ALÉM

O amor materno, ainda que seja forte e apaixonado, não está só por esse facto embebido na luz sobrenatural da virtude. O amor materno é um impulso da natureza em que também se esconde amor próprio e que se reduz a puro sentimentalismo quando apenas se ama o filho por ser engraçado ou bonito. Também os animais amam os seus filhos desta maneira.

O amor materno foi criado por Deus, mas o pecado original dividiu-o em duas partes: o amor egoísta

e mundano, e o amor santificado por Cristo. Este último prescinde completamente do egoísmo e está disposto a dedicar-se mesmo a um filho que repugne ao sentimento de agrado natural. Um amor desse género sòmente pode brotar da fé,

O amor de amizade, o amor conjugal e qualquer outro sentimento humano são pequenos e até inexpressivos em relação ao amor materno. Para este, a terra não tem limites. Pode renunciar a si próprio, sofrer com um sorriso, precisamente porque ama. Como custa negar-nos a nós mesmos para seguir um alto ideal por amor de Deus! No entanto, a mãe renuncia a todas as grandezas da terra pelo amor do filho que é, para ela, o seu segundo e mais valioso eu. Para o filho está cheia de dedicação, mas para si é sacrificada.

A mãe tem os sentimentos da mãe de Tiago e de João: os seus filhos devem ser os primeiros, ocupar os mais altos lugares e ser muito felizes. O Senhor que tinha julgado severamente o egoísmo foi, no entanto, compreensivo para com esta mãe, e na Escritura encontramos o mais elevado cântico ao amor: «O amor não se irrita, o amor não pensa mal, sabe perdoar tudo, sabe sofrer tudo...» O amor materno é, na verdade, tão desinteressado que está pronto a perdoar mesmo que o filho tenha feito sofrer a própria mãe. E, quando é o filho que sofre, cada um dos seus sofrimentos é uma ferida no coração materno em que tudo fica gravado. «O amor é paciente, o amor é bondoso, nunca se procura a si próprio e não conhece o ressentimento. O amor nunca acaba!» A fé da mãe tornar-se-á um dia visão directa,

e a esperança virá a ser plenitude, mas o amor de Deus e dos filhos durará eternamente.

A mãe dedica a sua vida a lutar e combater pelos outros e a alegrar-se com a vida dos demais. Vive no mundo mas não para o mundo. Eötvös disse algures: «Desde que a mulher se torna mãe, já não sabe esperar nada para si; começa uma vida nova e a sua alma, a partir desse instante, já não vive para o seu próprio amor. Renunciou ao mundo, morre para si mesma, para criar para um pequeno ser um mundo novo, o lar. Aqui busca e encontra o fim da sua vida, o seu único tesouro e a sua última plenitude: o filho, que é a alegria do seu coração, a alma da sua vida, a coroa da sua esperança, o seu único e o seu todo».

DADO POR DEUS

Para realizar esta tarefa, para se entregar a esta magnífica vocação, o Criador deu-lhe tudo quanto era preciso. A sua vocação exige um amor vigilante, fiel e pronto para, dia e noite, fazer os maiores sacrifícios, amor que só pode viver no coração da mãe; exige uma imaginação viva, uma sensibilidade instantânea, um espírito interior, delicado e simples, capaz de se introduzir e identificar amorosamente com o pequeno mundo interior do filho.

A vocação de Deus exige um coração luminoso que saiba partilhar das brincadeiras e das mil necessidades da criança, sentido da pureza e da ordem, bom gosto para o vestuário e para o cuidado do

lar. A mãe deve ser alegre para com os filhos, compreender os seus jogos e divertimentos, feliz com as ruidosas algazarras dos pequenos e, finalmente, — por que não o dizer? — deve ter esse instinto de curiosidade que todas as filhas de Eva herdaram, tão abundantemente, da primeira mãe. Na verdade, se a mulher não tivesse na alma essa virtude (ou defeito), como poderia compreender esse sempiterno curioso que é o filho, que nunca cessa de fazer perguntas, nas suas constantes descobertas de um mundo novo para ele?

A mãe que tiver estes dons é uma bênção do amor de Deus e a maior consolação que nos foi dada neste vale de lágrimas. Mostra-nos o caminho quando nos desviamos, levanta-nos quando caímos, encoraja-nos quando desanimamos, suaviza as durezas da vida e transforma em rosas os espinhos. Ainda que o nosso destino seja duro e nos pareça que a natureza é cruel e insensível até ao extremo de não podermos compreender que Deus criasse o mundo por amor, não devemos ficar cheios de azedume e pensar na infelicidade da vida. No meio deste mundo, Deus pôs o amor no coração da mãe e o pão do desterro torna-se suave quando é uma mão carinhosa que o dá. Avaliamos o valor de uma jóia quando a olhamos à luz, e ajuizamos da actividade de umas mãos que vivem para a alma quando meditamos em silêncio.

Por isso, queremos pensar nos dias que passaram. Queremos embeber a nossa alma nessas belas recordações e saborear a vida da mãe, num trabalho que é fonte de alegria. Admira-nos ver a força de uma

débil mulher e essa admiração nasce ao considerarmos as possibilidades escondidas na alma materna: aproxima-te dum berço e contempla essa coisa pequena que chora, abeira-te dum leito de morte e observa o escondido enigma do coração humano, investiga o mistério da vida: encontrarás sempre as mesmas pegadas, o coração da mãe!

NUNCA É DEMASIADO

Não me censureis dizendo que só vejo e descrevo as belezas, porque conheço bem a sentença de Propércio: «Nunca louveis demasiado, uma mulher que seja mãe». No entanto, pensemos devagar e volvamos os olhos ao nosso próprio passado.

Vemos com olhos diferentes a imagem da mãe quando, ao, anoitecer, se abeira do nosso leito e quando, nas nossas doenças, cuidava de nós, com amor e dedicação. Nesses momentos, havia no seu olhar uma luz ultraterrena, o brilho da majestade do além que não pode exprimir com palavras.

Pensemos também no papel que a mãe desempenhou na nossa vida, no amor e no sacrifício com que realizou a sua vocação. Lembremo-nos das noites de vigília, das penas e das preocupações, daquele amor com que, todas as noites, milhares e milhares de mães se inclinam sobre os filhos que estão prestes a adormecer. Então aparece a dignidade da mãe num resplendor que abafa todas as imperfeições humanas e que faz incidir um raio de luz mesmo sobre as mães que carecem da força do amor e do sacrifício.

A grandeza da mãe não a inventaram os poetas, não é um ideal irrealizável; é um pedaço cálido e sangrento da vida. A elevação e a pureza da mãe não são uma coisa abstracta, são um resumo da vida real.

A mãe está acima do tempo, é uma imagem da eternidade do mundo. Os séculos passam sobre a alegria e a dor sem deixar rasto, mas ela é a grande plenitude, o silêncio e a imutabilidade da vida que começa, cresce e passa. Só a fecundidade da terra se pode comparar a ela.

Por isso, a mãe está acima do tempo e das mudanças. O seu amor não se desenvolve porque não pode crescer mais, tal como a primavera e o outono, que não são susceptíveis de desenvolvimento por serem partes de um círculo fechado. A dignidade da mãe não há louvores que a esgotem, porque procede do coração de Deus e é uma das suas mais cálidas e comoventes manifestações. Só nos cabe encher-nos de admiração perante esse milagre de Deus e louvá-lo por ter depositado o seu amor no coração da mãe.

No meio da magnificência do Paraíso, o primeiro homem estava triste e só, sentia a necessidade de ter esposa e mãe: «Não é bom para o homem estar só. Façamos uma companheira para ele».

A partir desses dias do Paraíso, o homem vive a dura luta pela vida e junto dele vive fielmente a esposa e a mãe. A primeira mulher foi culpada e caiu mas a Mãe do Salvador que havia de vir derramou sobre todas as filhas de Eva um misterioso

raio de esperança e de luz que infundiu nos sonhos nupciais de todas as jovens israelitas a esperança de virem a ser a mãe do Salvador.

A dignidade da mãe procede de Deus e a lei e a providência divinas velam sobre ela desde o primeiro dia até ao fim dos tempos. Através da história, passa a infinita multidão das mães como elos de uma cadeia de ouro em que cada uma entrega à outra a chama da vida até que de novo regresse a Deus, seu ponto de partida.

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

Deus criou Eva, a primeira mulher. Eva significa «mãe dos vivos», já que, por vontade do Criador, de Eva nasce essa corrente maternal, que avança através dos séculos e das gerações para a eternidade. Na maior parte das jovens, pressentimos a futura mãe e o poeta vislumbra almas de crianças a rodear as cabeças das mulheres novas.

Surpreende e admira a disposição e a estrutura da alma da mulher. No entanto, não é menos maravilhosa a disposição do corpo que deve receber o germen sagrado da vida. Quando o corpo de uma mulher atingiu a sua maturidade está apto para receber, como um campo, esse germen de molde a formar dele um novo homem. Mas, essa tímida semente, esse novo homem é ainda tão débil que precisa de todo o calor do coração materno e por isso a mãe trá-lo perto do coração, alimenta-o do seu próprio sangue, dá-lhe o seu calor e protege-o dos golpes do mundo exterior que poderiam facilmente destruir esse pequeno ser.

A CASA SILENCIOSA

Abaixo do coração da mulher fica o seio materno, de que tão frequentemente e com tanta veneração fala a Sagrada Escritura. Deus criou essa casa silenciosa para que os filhos pudessem crescer; morada suave e delicada, com muros brandos como requer o diminuto ser. Deus preparou essa mansão ao filho desde o momento em que a mulher teve, pela primeira vez, a alegria íntima de ser mãe. É a hora da vida e do mistério, mas também a hora e o mistério da mulher: Deus partilhou com os pais o seu poder criador e desse trio — Deus, homem e mulher — brota o mistério de uma vida nova.

«Ouves o murmúrio do seio materno?
 Como palpita e lateja...?
 Que diz o ser que há tantos meses lateja?
 Vem dizendo: ó Deus, ó Deus, ó Deus!

(MÉCZ LÁSZLÓ)

Sabeis que força se revela no início da maternidade? Para a compreender, seria preciso identificar-nos com a «Tragédia do Homem», tal como a concebeu o nosso grande poeta Madàch.

O primeiro homem caiu no pecado e o seu espírito é como um campo sobre o qual passou uma torrente de lava incandescente, que incendiou e devastou tudo. Adão que tinha sido chamado a partilhar da luz de Deus, procura consolo e ajuda em Lúcifer. Este, com mentiras, apresenta-lhe um magnífico pano-

rama para a humanidade vindoura e, depois de cometido o pecado, abandona-o à sua infâmia e ao seu desespero. As últimas luzes começam a apagar-se e Adão aproxima-se de um abismo cheio de tédio e de tristeza. «Se Deus está agora perdido para mim, deverei ainda servir de escárneo para o demónio?» Nesse instante ouve-se a voz de Eva: «Ó Adão, pressinto que sou mãe!» E Adão retrocede da beira do abismo, cai de joelhos diante de Deus, pronto para viver e para lutar: «Quer me levantes até à luz, quer me sepultes nas sombras da noite, eis-me firme». Quem realizou o prodígio da mudança de Adão não foi o prodígio da fecundidade?

O homem nunca tem maior fé no futuro nem trabalha com tanto esforço como quando sabe que está para chegar um filho. «Quando vem um filho, a fronte perde as suas rugas, ainda que a necessidade e as preocupações imprimam nela sulcos profundos». (VÍTOR HUGO).

E que diremos da mãe?

«Que grande alegria a de ser mãe!
Dar ao mundo loiros dons de Deus,
tal como a árvore dá os seus frutos! !
Vestir de sangue e de espírito
no nosso mundo humano
a nudez das almas
que Deus envia!

(LIENHARD)

SANTA PRIMAVERA

Verifica-se então uma reviravolta do destino, uma situação vital inteiramente nova. É como que entrar na primavera, num «Ver sacrum», primavera sagrada, com uma sensibilidade nova no corpo, no coração e na alma. Com a vida que germina, forma-se um novo e misterioso «eu» na mãe. Porém, passa-se aqui algo de semelhante aos primeiros rebentos do ano; brilham sob os raios do cálido sol e possuem uma orgulhosa pujança, mas a temperatura não é segura e são para recear dificuldades que impeçam a transformação dos rebentos em frutos.

Começa a aparecer uma sensibilidade maravilhosa e até sobrenatural, dada por Deus, na mulher que se torna a primeira morada da vida. O seu sangue faz latejar, pela primeira vez, o coração de uma vida jovem a que vai emprestando novas forças, calor, alimento, medicina. Assim como o grão de trigo se multiplica ao germinar, da mesma forma a mãe renasce muitas vezes em cada um dos seus filhos.

Todas as coisas, interiores e exteriores, circundantes ou superiores, entoam silenciosamente ou vibrantemente o cântico da maternidade. Toda a existência da mãe se converte num vigoroso *Magnificat* que se eleva até aos céus, porque toda a mãe nobre e pura pode cantar o cântico da mãe de Deus: «Fez coisas grandes em mim aquele que é poderoso e cujo nome é santo...» E de toda a mãe se pode ainda dizer: «Bendita és tu entre as mulheres...» pois, pela bênção

e pela graça de Deus, pode uma mulher atingir a maternidade. A futura mãe traz em si a promessa da esperança e em breve será uma fonte de vida que abre a uma alma imortal o caminho para Deus, para a Igreja e para a pátria. A mãe penetra assim no mundo da eternidade.

Os anjos não recebem essa graça nem podem partilhar do poder criador de Deus e dar ao céu novos santos. A mãe está mais próxima de Deus do que qualquer outro ser, já que Deus a uniu a si próprio para uma tarefa criadora. Ela sòzinha não pode realizar o milagre, mas Deus põe-no nas suas mãos e ela é a portadora do dom divino. Daí a grandeza e a dignidade de que a maternidade se reveste. São os anjos que a acompanham, e o anjo da guarda do filho junto com o da mãe protege os dois para que nenhum mal lhes possa acontecer.

Vai dando o corpo e o sangue a um novo ser e rodeia-o de um amor profundo. Mas ainda não o conhece e espera com ansiedade o dia em que, pela primeira vez o seu olhar maternal possa pousar no filho.

Car vos beaux yeux sont pleins de douceurs infinies.
Car vos petites mains, joyeuses et bénies;

N'ont point fait mal encore!

Jamais vos jeunes pas n'ont touché notre fange.

Tête sacrée! Enfant aux cheveux blonds, bel ange

A l'aurole d'or!

(VÍTOR HUGO)

Como será o pequeno ser? Rapaz ou rapariga?
Com quem se parecerá mais, com o pai ou com a
mãe, ou com os dois?

Ó filho, como serás?

Como será o teu rosto, e os teus lábios, e os
[teus olhos?

Vejo-te como espelho de Deus,
e como espelho do pai,
e como espelho meu também!

(Lovich Ilona)

O SORRISO

Conta-nos a Escritura que a velha Sara sorriu quando soube que ia ser mãe. Santo Ambrósio diz que esse sorriso foi um sinal da alegria futura e o próprio Rafael a imortalizou num fresco do Vaticano. Nesses dias, a mãe está mais aberta ao sobrenatural e é lógico que também o divino desça e se manifeste. Quando Santa Cunegunda ia nascer, a mãe teve conhecimento de que ia dar à luz uma criança que chegaria a ser santa e, como é bem sabido, João Baptista foi santificado no próprio seio materno e daí a alegria da sua mãe.

Devemos volver os nossos olhos ao período anterior à gestação do filho. A mãe cristã sabe que a história do futuro filho é muito antiga e transcende o mundo inteiro e a criação. Ainda não existiam as montanhas, ainda não existiam as estrelas e os mundos e já vivia nos pensamentos de Deus uma

pequena promessa do ser. A criação, a redenção e a santificação esperavam-no e Deus conduzia a História diante dele e à sua volta, preparava o caminho dos antepassados até que a hora desse ser chegasse.

No tempo da espera, no mundo da mãe e da família, tudo se faz em função do diminuto ser. Pouco depois a mãe muda de vestidos e procura apresentar-se mais bela e atraente; esforça-se por que o seu corpo esteja mais fresco e rosado e por que a sua alma se revista da mais suave serenidade.

Contudo, o sorriso da mãe é acompanhado de sacrifício à medida que a vida que germina é mais forte e poderosa. A mulher afasta-se da vida social porque um simples olhar pode, por vezes, magoá-la. A sua alma fecha-se para o exterior e recolhe-se em si mesma para se tornar mais sensível aos movimentos da criança.

A mãe sabe muito bem que não pode influir directamente no filho que vai nascer. Seria inútil que contemplasse a beleza das esculturas clássicas porque não a poderia comunicar a um ser que se forma e cresce em obediência a leis interiores. É por isso uma superstição tola pensar que se pode pelo «mau «olhado» prejudicar ou enfeitiçar a criança no seio materno ou que o filho nasce defeituoso se a mãe passar por um sobressalto. No entanto, e ainda que respeitemos enèrgicamente estas ideias supersticiosas, necessário se torna reconhecer que as preocupações e as penas da mãe no tempo da gestação deixam rasto no fruto do seu corpo.

Uma mulher inteligente sabe que o filho não vem ao mundo como uma folha em branco. As características corporais e espirituais herdam-se e por isso os pais conscientes e as mães que querem para o lar o fogo perene da paz e da felicidade devem preocupar-se por transmitir em toda a sua pureza o facho da vida às gerações vindouras. Muito pode a mãe fazer se, nessa época tão delicada, cuida do seu modo de vida a fim de evitar tudo quanto possa prejudicar o novo ser. Bailes, patinagem, desportos violentos, etc., devem ser postos de parte. É bem conhecido o caso de Miguel Ângelo, nascido prematuramente em consequência da queda que a mãe sofreu quando, na companhia do marido, passeava a cavalo. Miguel Ângelo foi um génio mas ao longo da sua vida sofreu muito em consequência daquele nascimento prematuro.

Quando a mãe se alimenta, alimenta também o fruto do seu corpo, e o seu sangue mistura-se com o sangue do filho. Por isso, e por amor à criança, deve ter cuidado nas refeições, renunciando a tudo o que possa ser prejudicial ao novo ser. Diz a Escritura que a força gigantesca de Sansão foi devida à temperança de sua mãe neste período. E se o presentimento do futuro filho levou a mãe a mudar de vestuário, não deve preocupar-se excessivamente com as modas; a elegância pode contrariar o bom desenvolvimento do filho que cresce no seio materno.

ADVENTO, ADVENTO!

O grande mundo morreu para a mulher e o pequeno mundo que nasce é, para ela, todo o mundo e o único mundo que existe. No entanto, o ser que se aproxima traz alegria misturada com lágrimas.

Ainda que a mãe goste das tarefas domésticas, nesta época de espera deve renunciar a elas em grande medida. Convém não se fatigar excessivamente, não se esgotar, não realizar trabalhos pesados ou movimentos que exijam esforço porque o descanso é mais preciso do que nunca. Mas não deve recluir os trabalhos moderados necessários ao crescimento e saúde do pequeno ser.

Nunca, porém, se deve dar o caso que se deu com uma camponesa húngara, de Zala-Erdöl. Encontrava-se nas vésperas do parto quando decidiu ir até à vinha para arrancar as ervas e endireitar as videiras. Quando, ao entardecer, regressava a casa, de enxada aos ombros, sentiu chegar a sua hora e lá mesmo, no caminho, num campo, deu à luz uma criança. Sòzinha, fez tudo o que é necessário nestes casos e depois prosseguiu o seu caminho, também de enxada aos ombros e com o recém-nascido no avental. Lembrou-se, então, de que precisaria de vinho para o baptizado. Voltou atrás, procurou o vinho e voltou à aldeia com o vinho, o filho e a enxada. Tinha percorrido mais de doze quilómetros...

Até a leitura de romances deve ser abandonada nesses dias sagrados, porque sob o coração da mãe

tem lugar um facto muito mais comovente do que aqueles que pode apresentar um romance. As próprias alegrias devem ser moderadas.

L'enfant paraît! Adieu le ciel et la patrie
et les poètes saints! La grave causerie
s'arrête en souriant.

(VÍTOR HUGO)

Nos dias tranquilos deste advento, a mãe passa o tempo a sonhar com contos de anjos, bonecas e brincadeiras de crianças.

«Que o berço seja tão suave como o musgo
e a almofada tão branca como um floco de neve!
Que os anjos velem os seus sonhos e os seus risos!
Que a neve empalideça ao pé dos seus vestidos,
e as suas rendas sejam como raios de sol!
Vem; ó mãe, vem e trabalha depressa
que o filho está a chegar!
Pega no linho mais fino e na mais rica seda
e tece rosas e lendas alegres...
que de males está a vida cheia!»

(Tòth Lenke)

PREPARAÇÃO

Mais importante que a preparação externa é a preparação interior. A futura mãe cuida do seu estado de ânimo porque os sentimentos e preocupações do seu espírito se manifestam bem perto do germen vital. As grandes alegrias ou tristezas, os sobressaltos inesperados, as penas, as angústias e as comoções são

prejudiciais nestes dias, como é fácil de compreender. O germen da vida que está oculto sob o coração da mãe vai formando o novo corpo e em ambos circula o mesmo sangue. Tudo que tem influência sobre o coração da mãe se reflecte na mesma medida e no mesmo ritmo no pequeno ser.

Os pensamentos da mãe não influenciam apenas a sua alma. Com uma precisão espantosa, projectam-se no incipiente sistema nervoso do filho porque os dois sistemas estão tão unidos que participam das mais delicadas excitações. Nestes dias, os melhores companheiros são uma prudência discreta, um coração sossegado e uma dose sensata de alegria e de seriedade. Quanto melhor for a mãe, tanto mais perfeito será o filho. O que os outros podem dar à criança, só podem dá-lo depois do nascimento, mas a mãe oferece-o antes e ininterruptamente o vai depositando no novo ser.

A ORAÇÃO

O mais importante é a oração: eis que chega o tempo de orar e de agradecer.

Certa mãe que pressentiu a chegada de um novo ser disse-me que deveria rezar por ele, para que todos os latejos do seu coração pertencessem ao filho. Fiquei surpreso e a pensar nas razões por que toda a mãe deve rezar pelo bem do seu filho nesta vida e no reino da graça. Talvez porque todo o universo esteja compreendido na oração da mãe que reza.

Donna Música, depois da batalha de Monte Branco que o marido venceu, ajoelhou-se na igreja de São Nicolau, pensando no filho que trazia no seio e rezou:

«Ó meu Deus, que bem se está neste lugar e que alegria estar aqui convosco! Em parte nenhuma se poderia estar melhor.

«Não é preciso dizer nada. Basta trazer-vos o meu rude ser e ficar em silêncio aos vossos pés.

«O segredo que se oculta no meu coração, só Vós o conheceis. Só Vós compreendeis o que é dar a vida. Só Vós partilhais comigo deste segredo da minha maternidade:

«Uma alma que faz outra, um corpo que alimenta outro corpo, em si mesmo, da sua substância.

«O meu filho está em mim e ambos estamos unidos a Vós.

«E juntos rezamos por este pobre povo desorientado, ferido e despedaçado que me rodeia para que se deixe curar e compreenda os conselhos do inverno, da neve e da noite.

«Coisas que noutros tempos eu não teria compreendido, antes de ter em mim este filho, quando a minha alegria estava fora de mim».

Que a cólera, o medo, a dor e a vingança,
abram caminho às mãos carinhosas da neve e da
[noite.

(Paul Claudel)

A OFERENDA

No seio materno começou já a grande oferenda. Assim fez a mãe do profeta Samuel, a de Santo Agostinho, a de Tomás de Aquino e a de André de Fierole. Neste espaço de tempo, Santa Mónica oferecia o seu filho a Deus todos os dias e a toda a hora. A mãe de São Bernardo comungava mais frequentemente e a de São Francisco de Sales ia inúmeras vezes até junto do altar. Em casa, a futura mãe deve dirigir frequentemente o seu olhar à imagem da Mãe celestial, que é quem melhor a pode compreender. Que força nasce dessa imagem! Também ela tem um Filho nos braços!

O rosto da mãe brilha com especial fulgor e torna-se transparente. É um tempo santo de advento. Todos os que a contemplam ficam impressionados e cercam-na de respeito. Parece que estamos numa igreja, ou que chegou o Natal e vai nascer o Menino Deus.

Ó filho, ramo florescente,
fruto escondido que brota do meu ser!
Eis que se abriu a mão de Deus
e dela vens até aos meus braços,
tu que és a alegria na terra!
Queria poder já estreitar-te de encontro ao
[meu coração,
e beijar-te e embalar-te no meu seio,
e saber como tu és belo, como tu és bom!
A beleza vem de Deus, eu não a posso dar.
Ó filho, meu filho, quando abandonarás a noite?

Quando me estenderás as tuas mãos
 e poderei trazer-te nos meus braços?
 Os dias passam depressa e as noites voam
 mas eu velo à tua espera.
 Encho os vales e abato as montanhas
 para que o caminho seja plano e novo,
 esse caminho por onde Deus te envia
 a ti, meu filho, o mais belo fruto da minha
 [vida.

(LOVICH ILONA)

Aflora, cada vez com maior insistência, a pergunta: «Mereço eu, na verdade, vir a ser mãe? Uma vida nova nasce em mim e vive em mim; devo alimentá-la, respiro para ela o mesmo ar e a sua alma repousa em mim». Como se enganaram os homens de ciência, desde os antigos gnósticos até Rosmini! A Igreja ensina claramente que os nossos primeiros pais, o seu corpo e a sua alma foram criados por Deus. Nós recebemos o corpo dos nossos pais mas a alma procede directamente de Deus Criador.

A alma não começa a existir antes do corpo; no mesmo instante em que a nova vida começa no seio materno, Deus cria a alma. Isto é o que a nossa fé nos ensina. No momento da concepção de um novo homem — momento que os cientistas não conseguem definir com absoluta clareza — a mãe torna-se o lugar e o segredo desta obra divina. Quando a mãe mergulha neste mistério, não se comoverá o fruto do seu ventre ao sentir a alegria de viver, como fez João Baptista no seio materno de Isabel?

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

Este tempo, porém, não é só de bonança e nele podem desencadear-se tormentas e nevões. Enxaquecas, dores, abatimento, fadiga, crises nervosas e outros incômodos fazem a sua aparição. Deus o quer e o tesouro merece-o! Esses sofrimentos podem ser suportados e todos os dias milhares de mães dão novos filhos ao mundo. Deus presta a sua ajuda nessas horas difíceis e todas as dores são esquecidas quando a mãe pode, finalmente, ter o filho nos braços. O próprio Cristo o disse no Evangelho: «A mulher está triste quando vai dar à luz porque chegou a sua hora, mas quando nasceu o filho já não pensa nas dores porque deu um homem ao mundo». Esta alegria é tão grande que, em face dela, todas as dores sofridas parecem extraordinariamente pequenas.

É prudente o conselho dos médicos mas não pode esquecer-se que a vida da mãe e do filho deve confiar-se não só à ciência dos doutores mas sobretudo à Providência de Deus. A nossa confiança nela deve ser inalterável, bem como o abandono nas mãos do anjo da guarda que, desde o primeiro instante, está ao pé do filho e vela por ele.

TRANSFORMAÇÃO

A educação do filho não começa quando a mãe vê, pela primeira vez, a sua face, mas no momento em que a mãe sente que ele foi concebido. O pressuposto fundamental da educação é o autodomínio e a santidade da mãe. A paz da consciência transmite-se ao novo ser e, por isso, a mãe evita o pecado,

domina as suas paixões e procura viver os tesouros da fé chistã para encher assim a sua alma.

Este tempo de espera deve decorrer na maior pureza interior. Purificar a alma no sacramento da penitência e receber a Cristo, pão dos fortes, na Eucaristia. A mãe deve pôr o seu fruto nas mãos de Deus, que vela pelo bem da mãe e do filho. Santa Mónica concentrava-se interiormente e não abandonava os livros sagrados para santificar o fruto das suas entranhas. Com todas as suas forças procurava ter um coração puro para que o filho que se estava a formar recebesse sòmente influências salutares. E assim o seu filho, Santo Agostinho, pôde escrever que começou a apreciar a palavra de Deus no seio materno e que nele tinham tido a sua raiz todos os impulsos divinos que recebera. Neste tempo, a mãe deve pedir para o filho uma alma cheia de beleza que possa atrair outras almas pela plenitude da sua alegria e pelo seu espírito de paz.

A mãe merece, agora mais do que nunca, atenção e respeito. À sua volta, deve andar-se com passos leves, como sobre o musgo, porque «o amor de Deus anda pela floresta...» Esse respeito pela mãe é também respeito pelo filho. No entanto, são aos milhares as mães que se queixam da falta de consideração e o facto traduz-se dolorosamente no filho. O desventurado poeta Lenan tinha já recebido no seio materno aquelas duras impressões que tão tristemente influenciaram toda a sua vida.

O marido que com seriedade ganha consciência dos seus deveres de pai, é uma grande ajuda para a

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

mulher nestes dias difíceis e, ainda que seja a esta que corresponda a parte mais importante, o esposo sabe partilhar das suas preocupações. Se alguma vez alguém mereceu o maior respeito e a mais delicada consideração, foi a mãe que espera um filho! As próprias feras se amansam perante a mãe que traz um filho no seio, e só um ser grosseiro ou estouvado pode fazer troça, numa atitude que só compraz o «inimigo da vida e homicida de sempre».

No entanto, são muitas as mulheres que, mesmo nestes dias, se vêem obrigadas a realizar duros trabalhos. Torna-se, assim, uma das primeiras tarefas da política social cristã obter a interrupção do trabalho da mulher nesses dias e o auxílio necessário para secundar, em boas condições de assistência, o plano que a maternidade exige. A luta pela plena satisfação deste direito seria, na verdade, uma cavaleiresco serviço prestado actualmente à mulher.

Modelo desse auxílio é a Virgem Maria que, depois da saudação angélica em Nazaré, na Galileia, se apressou a ir até às montanhas da Judéia para visitar a sua prima Isabel e partilhar com ela das alegrias e penas da maternidade. «Aprendei de Maria, vós mulheres, como se deve prestar ajuda às futuras mães! Nem o retraimento próprio de uma virgem, nem as montanhas ásperas nem a longa distância impediram Maria de acudir em auxílio da mãe que ia dar à luz». (Santo Ambrósio).

O caminho da mãe começa agora. Durante toda a vida se alegrará com a felicidade do filho mas o

seu coração começará a sangrar ao ver que ele se afasta dela cada vez mais. O amor pode sem dúvida recompor essa brecha mas o filho nunca mais voltará a estar tão intimamente unido com a mãe como nesses dias de esperança. Não nos esqueçamos nunca do seio materno em que o nosso corpo viveu durante nove meses, amparado pelo coração amoroso da nossa mãe.

NASCEU UMA CRIANÇA

Quando o pequeno ser amadurece, de acordo com as disposições de Deus, deve abandonar o seio materno e aparecer à luz do mundo. Como diz a Sagrada Escritura, «chegou para a mulher o momento do parto». O seio materno abre-se e os músculos, por meio de contracções e distensões, impellem o pequeno ser para a luz, e o fruto do ventre vai aparecendo entre os movimentos e as dores do parto.

A HORA DIFÍCIL

A mulher de Phíneas sentiu repentinamente as dores do parto e da mesma maneira muitas mulheres as sofrem antes do momento previsto. Há casos extraordinários, como o daquela mulher de Zaladod, em que se dá à luz sem sofrer. Mas, normalmente, o filho nasce na dor. Deus chama a esse momento, «a hora difícil da mulher». São cainbras e dores que, umas após outras, fazem estremecer o corpo; de segundo para segundo, vai-se avolumando uma profunda dor interna, tal como se um pequeno corpo fosse arrancado aos poucos de outro maior. A mãe sente-se extenuada, cheia de dores e infeliz! A sua frente e o seu rosto bri-

lham banhados em gotas de suor e o interior do seu corpo é como se tudo fosse uma ferida aberta.

No Paraíso, antes da queda original, o nascimento de um filho não custaria tanta dor, mas agora, depois do pecado, custa sangue, lágrimas e sofrimento. Todo o recém-nascido se poderia chamar «Ben-oni», isto é, «filho da dor», como Raquel, moribunda, chamou a Benjamim, o filho que lhe custou a vida. O parto traz consigo o estigma do pecado original: «Darás à luz na dor...!»

No momento em que chega o filho, dom do céu, as dores são o testemunho do pecado original e de que este mundo é um vale de lágrimas. «Esta é a primeira canção que todo o ser humano canta ao dar o seu primeiro passo nesta vida». Contudo, as dores da mãe e os prantos do filho fazem parte do plano de Deus. Dizia certa mulher corajosa durante o parto: «O pequeno chora mas eu não posso chorar; devo receber alegremente o meu filho. O amor deve sorrir sempre».

Perante o sacrifício que o parto implica, devemos curvar-nos reverentemente. Certo provérbio italiano diz: *Madre vuol dire martire!* Ser mãe quer dizer ser mártir. Antes que a medicina tivesse feito os grandes progressos que actualmente regista, graças, em grande medida, aos trabalhos de Semmelweis (1818-1865), o maior médico húngaro, frequentemente, no nascimento de um filho, se encontravam a vida e a morte. O filho vinha ao mundo e a mãe partia para o eterno repouso. Assim nasceu Peak, grande sábio húngaro, que submetido à fria edu-

N A S C E U U M A C R I A N Ç A

cação paterna e sentindo a falta da mãe, procurava outra que o pudesse amparar.

Hoje em dia, as futuras mães, quando pressentem as dores do parto, são internadas numa clínica, sobretudo nas cidades importantes. É certo que o nascimento de um filho no hospital perde o poderoso sentido que tem o nascimento no lar, mas aí encontram-se muito mais possibilidades de auxílio nos casos imprevistos. Ainda que o parto seja entre lágrimas e sofrimentos, ainda que nele se manifeste o estigma do pecado ou as entranhas da mãe sejam uma ferida a sangrar, não se trata de nenhuma doença. É uma coisa inteiramente natural que, com os devidos cuidados, não encerra qualquer perigo.

COM A AJUDA DE DEUS

As dores da mãe e as lágrimas do filho depressa se transformam em alegria. Dizia uma mulher experimentada: «Nada se esquece tão rapidamente como esse sofrimento». E aqui vemos também a mão de Deus, que põe na natureza humana a alegria da mãe que esquece toda a dor na presença do filho. Ainda está débil e cansada mas nota que começa a melhorar: mesmo no meio da dor, a mulher que tem fé, nunca perde a esperança.

A mulher cristã pode, no meio das dores, fazer a sua mais bela e comovente oração com a fé e o espírito com que espera o novo ser. A própria Eva que tanto havia perdido, que tinha sido expulsa

do Paraíso e rejeitada, gritou cheia de alegria, quando nasceu o seu primeiro filho: «Com a ajuda de Deus obtive um filho!» As lágrimas de alegria e as lágrimas de dor estão, neste caso, próximas umas das outras, ainda que pareça existir um abismo entre elas. E assim se fecha o ciclo sagrado: pai, mãe e filho. Família!

O nascimento de um novo ser, de uma nova alma que poucos meses antes se juntou ao corpo e agora está preparada para sofrer com as outras, é uma maravilha dolorosa, mas, ao mesmo tempo, cheia de alegria. Como diz a Sagrada Escritura, devemos regozijar-nos quando nasce um ser humano. Nos povos menos cultos, oferecem-se presentes à mãe, e nos povos civilizados chovem flores e dão-se os parabéns. Mas o cúmulo da alegria terrena reside no momento em que o recém-nascido é mostrado à mãe. «Quem não foi testemunha da alegria enorme que resplandece numa mãe ao estreitar de encontro ao seu coração o filho primogénito?» (Kölcsey). Levanta-o nos seus braços, beija-o e enche-o de lágrimas de alegria; através dessas lágrimas, brilha uma alegria só comparável à alegria do céu, ao nascer do sol.

O escultor, o pintor, o músico e o inventor alegam-se na sua obra e ao dizer «eureka», — «encontrei-a» — exprimem a alegria da vitória. Muito mais incomensurável, porém, é a alegria que experimenta a mãe com o filho recém-nascido, carne da sua carne, sangue do seu sangue e, na frase de Toldi, alma da sua alma. O filho pertence-lhe muito mais verdadeiramente que qualquer outra coisa no mundo.

N A S C E U U M A C R I A N Ç A

Deu o primeiro passo na vida, mas deu-o nos seus braços, seguido pelos seus olhares, alimentado pela sua ansiosa respiração. A beleza tantas vezes sonhada e tantas vezes ansiada, está agora diante da mãe.

«Uma paz profunda e sossegada, uma alegria silenciosa enche a minha alma. Toda a minha vida sonhei com este instante e finalmente chegou essa felicidade inexprimível. A minha vida, os meus sonhos, as minhas inquietações tornaram-se carne e sangue nessa frágil criatura».

O que antes era sangue revoltado e noite febril
Tornou-se hoje felicidade sagrada.
A mãe embala uma criança,
um rebento que acaba de nascer.
O céu e a terra encontram-se aqui
enquanto dormem a tristeza e o cuidado.
A mãe embala uma criança,
um rebento que acaba de nascer.

(Sajò Sàndor)

MARIA, MÃE

Uma mulher de Gőcsej rezava assim, depois do nascimento de seu filho: «Dou-te graças, Virgem Santa, Mãe Maria, por teres dado a vida ao teu filho e me teres conservado o meu». A mãe deve encher-se de gratidão para com Deus, que é a própria vida e de quem procede toda a alegria. De qualquer mãe se poderia dizer o que escreveu o célebre Gauss, em 1803,

por ocasião do nascimento de um dos seus filhos: «Nas tuas mãos estão colocados os primeiros fios de uma vida que deve durar até à eternidade. Vocação séria e difícil, mas magnífica!»

O nascimento está cheio de dor, mas a criança retribui com grandes alegrias. «A mulher está triste quando dá à luz, mas mal a criança nasceu nunca mais pensa na dor». Fez então o sinal da cruz na diminuta fronte do filho e essa é a primeira bênção maternal à qual muitas outras se hão-de seguir. Passou o sofrimento, brotou uma vida nova; é o triunfo do amor! «Nasceu uma criança, para a alegria ou para a dor; mas a mãe perde-se numa ingénua e amorosa contemplação» (Friedrich Hebbel).

A PEQUENA MARAVILHA

As forças que começam a actuar no recém-nascido são deveras maravilhosas. Este ser de cinquenta ou sessenta centímetros transformar-se-á num homem que caminhará orgulhosamente pela vida, de fronte erguida. Através das grades da prisão, uma criança recém-nascida comoveu o coração de um criminoso; a sua face brutal iluminou-se — só Deus sabe o tempo que tinha passado sem isso acontecer — e gritou: «Direi tudo, confessarei tudo, mas deixai-me ver, ainda que seja só por um instante, o meu filho». Guardas, polícias, juízes e cárcere foram impotentes para conseguir o que um filho conseguiu.

O ser esperado com ansiedade, nascido na dor e fonte de cuidados e preocupações, é também uma grande alegria na vida do pai. «Talvez seja a mais autêntica alegria que existe sobre a terra...» (Papini).

Para a esposa o nascimento do filho é decisivo. Não é apenas o facto de ter nascido uma criança; é que a esposa se torna mãe com o nascimento desse filho.

ALEGRIA DE TODOS

A vinda do filho é causa de alegria e de felicidade em toda a família. Traz consigo muitos dons; não ouro ou prata, mas muito mais valiosos do que todos os tesouros do mundo. O filho é o anjo da guarda e o vínculo de união entre o pai e a mãe. No fogo íntimo do amor conjugal é agora colocada uma nova brasa e o amor brilha tão luminoso como no primeiro dia. O filho traz aos pais um destino para as suas vidas. Pais levianos tornam-se sensatos e cabam por reconhecer o sentido das suas responsabilidades.

O filho consegue dar alegria aos apátridas, aos que se encontram em terra estranha, porque o seu nascimento cura as feridas e dá resignação para enfrentar o destino. A mãozinha de uma criança, sem ser notada, pode desfazer as querelas familiares, e só por si, unicamente pela sua presença, é um autêntico anjo da paz. E os avós, talvez ainda contrariados, acabam por ceder suavemente: «O sol poente lança os seus últimos raios, ainda a sorrir».

Na vida dos povos, o nascimento de uma criança pode revestir-se de uma especial significação. Quando, em 31 de Janeiro de 1938, nasceu o primogénito da herdeira do trono holandês, todo o país e o seu império vibraram entusiásticamente como se constituíssem uma só família. Troaram os canhões, repicaram os sinos e os aviões traçaram círculos no céu.

Em 1222, Santa Isabel deu à luz em Wartberg o seu primeiro filho. Um mensageiro levou a feliz notícia ao pai, o margrave Ludwig, que se encontrava em Marburgo, na reunião das Cortes. O mensageiro recebeu ricos presentes e o margrave dispôs-se a regressar imediatamente, mas o rio que havia no caminho só tinha uma frágil ponte de madeira a atravessá-lo. Ele então, para que todos os que quisessem ir ver o filho recém-nascido, pudessem passar com segurança, mandou construir uma ponte de pedra. Ainda existe essa ponte e, junto dela, uma capelinha.

Quando, em 1239, nasceu o duque Estêvão, uma festa memorável se celebrou no palácio de Bela IV e o rei distribuiu ouro a mãos cheias. E quando Santa Isabel deu ao rei André III uma filha, choveu ouro sobre o povo, e das fontes da fortaleza de Buda fez-se correr vinho em abundância e repicaram os sinos, porque o rei era feliz. O rei Matias concedeu isenção de impostos e outros privilégios à casa que o viu nascer, em Klansenberg. Quando nasceu São Francisco de Sales, os pais distribuíram entre os necessitados uma grande soma de dinheiro, e Napoleão III, por ocasião do nascimento do seu primeiro filho, fez um donativo de um milhão de francos

para fins de beneficência. Ainda hoje, muitos pais querem manifestar visivelmente a sua gratidão pelo dom recebido do céu por meio de presentes à Igreja e aos pobres, que sirvam para perpetuar o dia em que o filho nasceu. Deste modo, o nascimento é para todos causa de alegria, como foi dito do nascimento de João: «Muitos se regozijarão nele».

Um curioso costume da Holanda: quando nasce um filho, coloca-se uma tabuleta à porta da casa. Esse sinal serve para proibir a entrada aos encarregados de receber os impostos e a qualquer outro funcionário público pouco grato. O lugar em que se nasce, é sagrado, e é por isso que frequentemente os quartos em que nascem os santos são depois transformados em capelas.

De Moisés, recém-nascido, diz claramente a Escritura que era belo. No entanto, que recém-nascido não é belo, ao menos aos olhos da mãe? Por vezes, sobre essa beleza há uma sombra de desilusão: esperava-se um rapaz e veio uma menina. Talvez seja uma aborrecimento mas a vontade humana não tem nenhuma influência nesses jogos um pouco misteriosas da natureza. As tentativas feitas nesse sentido não foram bem sucedidas e, por enquanto, trata-se de um enigma insolúvel.

É UMA FILHA!

Às vezes ninguém está contente na família: interrompem-se as felicitações porque nasceu uma filha. Em geral, só os selvagens se comportam desta maneira

quando nasce uma menina e, mesmo entre eles, nem sempre tal acontece. Já que, por exemplo, entre os bantús, é mais bem recebida uma filha do que um filho.

Não é bom alimentar excessivas ilusões a este respeito porque a natureza, por vezes, dispõe as coisas de uma maneira muito diferente. O chefe dos cruzados, Karolyi Sandor soube dar graças a Deus por lhe ter dado uma rapariga, ainda que ele esperasse um rapaz: «A Majestade de Deus deu-me a pequena Clara, bendito seja o seu santo nome». E essa pequena Clara foi para o pai, para a família e para a pátria mais útil do que muitos homens. Frequentemente acontece que a filha recebida com desgosto e com mau humor se torna, na verdade, o anjo tutelar da família e a fiel companheira da velhice.

Seria absurdo que só nascessem generais, inventores e artistas; os povos, como é evidente, não podem subsistir sem mulheres. Quando uma mãe se curva sobre o berço em que repousa a filha, deve pensar que nela estão as mães do futuro, a mais preciosa herança de um povo.

Há famílias em que se quer uma filha depois de terem nascido vários filhos, ou ao contrário. Mas não é bom que a mãe faça projectos sobre o que só da vontade de Deus depende. O rei Luís, o Grande, e sua esposa esperavam, depois de duas filhas, ter finalmente um herdeiro que pudesse governar os dois reinos. A rainha retirou-se para Zara e pôs uma relíquia de um santo sobre o seu peito. Foi-lhe porém revelado que nasceria uma outra filha que

seria mais tarde Santa Edwiges, a rainha tão amada do povo polaco. O céu tinha planos diferentes dos da terra.

O coração de uma mãe também não deve sentir-se despedaçado por o seu filho ser débil e enfermo. Vaszary Kolosz (1832-1915) nasceu prematuramente, e, no entanto, chegou a ser Cardeal-Primaz. Newton, abandonado pelos seus próprios pais por causa da sua frágil constituição, foi o príncipe dos físicos. São Francisco de Sales também nasceu prematuramente, e o mesmo aconteceu com Santa Sofia Barat, devido à impressão produzida na mãe por um incêndio.

É também possível que uma mulher tenha um filho aos quarênta anos. Não tem de que se envergonhar. Se antes é um milagre de Deus, também o é agora. O Espírito Santo dá testemunho para todos os tempos e para todas as mães, nestas palavras que disse acerca da velha Sara: «Quem poderia acreditar que um dia se dissesse a Abraão: repara em Sara, tua mulher; vai ter um filho apesar da sua idade avançada?!»

O AMOR DIVINO

Ao mar da vida, ininterruptamente vêm chegando crianças. E isto acontece não só nas condições normais do nascimento; por vezes nascem nas ruas, nos combóios... como D'Annunzio que nasceu num barco no Adriático. «Despertamos, uns na primavera, quando as flores se abrem ao calor do sol,

outros nas tormentas e nevões do gélido inverno. Daria bastante que fazer a um sábio tentar compreender por que razão o amor divino envia constantemente tantos filhos ao mundo» (Amon Agnes).

Embora a criança seja apenas um minúsculo ser que chora, nela se encabeçam os direitos de uma nova personalidade:

Quem é mais pobre que uma criança?
Nascida na encruzilhada dos caminhos,
hoje deslumbrada, amanhã cega:
sem guia acabaria por se extraviar.

(BRENTANO)

Para a criança, a mãe é tudo e é por isso que a mãe recebe o louvor do Espírito Santo. O ninho mais quente do mundo é o lar e a mãe, a mais esplêndida manifestação de toda a natureza criada.

Ouçamos a seguinte carta: «Nada de novo na nossa casa. A novidade virá daqui a três semanas. Que coragem a da minha mulher! Passou calmamente todo este tempo tão duro para uma mulher que vai ser mãe. Ao pé dela sinto-me pequeno e sem valor. É impressionante o que se está a passar e penso que nada há na natureza que se possa comparar a este brotar da vida. Como homem e como futuro pai sinto-me insignificante em face de tudo o que acontece».

Na impressionante «Ladainha dos mães», Mécs
põe na boca do coro das mulheres estas palavras:

Na páscoa sangrenta das nossas ansiedades
plantámos silenciosamente a árvore do nosso amor.
Regado com o nosso próprio sangue e as nossas
[lágrimas,
coberto com os nossos beijos,
o sol amadureceu os rebentos da vida
que roubaram o nosso coração.
Sabemos demasiado bem o que custa um homem!
Ó frios, geadas e ásperos invernos
tende compaixão do fruto das nossas entranhas!

AUXILIARES DA MAE

Cabe-nos ainda dizer, em poucas palavras, alguma coisa sobre as auxiliares das mães; algumas palavras verdadeiramente sérias sobre as mulheres que auxiliam a mãe. Em primeiro lugar, as parteiras. Não falaremos, naturalmente, de mulheres numa situação análoga à daquelas mulheres egípcias que, como narra a Sagrada Escritura, haviam recebido do faraó ordem para matar todos os recém-nascidos do sexo masculino. Só falaremos das que verdadeiramente sabem que são colaboradoras de Deus no nascimento de uma nova vida.

É uma bela vocação a de ser auxiliar de Deus e dos homens. Foi uma delas que nos esperou a cada um de nós no limiar da vida, quando chegamos a este mundo. Com o sacerdote e o professor primário, essa mulher faz parte da imprescindível «guarda-avançada» da Igreja. No século passado ainda se lhe fazia uma menção especial nas visitas pastorais dos bispos e, hoje em dia, na Suíça, é objecto de uma rigorosa escolha por parte de todas as mulheres casadas. O seu ofício, mais do que qualquer outro, representa um posto de confiança.

NUMA NOITE TEMPESTUOSA

Desde que o mundo existe, ao pé da futura mãe há sempre uma mulher que é uma grande ajuda para a mãe e para o filho que nasce. Possui uma vocação admirável mas também uma vocação difícil: nem sequer lhe é permitido permanecer junto da sua própria mãe moribunda quando o filho de um estranho vai nascer. Sempre pronta de dia ou de noite. A sua saúde deve ser de ferro, para poder resistir a duras provas. Por vezes, chamam-na de noite e em noites tormentosas quando mais confortável e acolhedor é o lar; outras, tem de sofrer ao longo de muitas horas os lamentos de tal ou tal mãe que não consegue dar à luz. Não é para admirar que daí venha a nascer uma autêntica comunhão de espíritos.

Uma noite fria e tempestuosa de Fevereiro, bateram apressadamente à porta da casa de uma parteira, numa aldeia siciliana. Através da porta fechada, a voz desesperada de um homem grita que, num lugar bastante afastado, a esposa foi acometida pelas dores do parto, de repente e com sintomas de gravidade. A mulher acorda e sente-se hesitante: é mãe de cinco filhos e está à espera de outro. A sua hora não está longe. Lá fora o vento açoita com a chuva as janelas, e ruge um gélido furacão. Não há meios de locomoção. Sair é tentar a Deus, além de que nenhuma retribuição pode esperar de uma família pobre. As suas dúvidas, porém, não vão além de um instante. No seu íntimo, fala a voz do dever e também a voz do coração e da maternidade: está em perigo uma mulher e talvez a vida

de uma criança! E aquela mulher fatigada lança-se através da tempestade nocturna. De vez em quando é-lhe preciso parar, a fim de acalmar o coração agitado e quando, depois de hora e meia, chega até à casinha em que jaz a mulher, as suas forças atingiram o limite. Logo que entrou no quarto, ela própria sentiu que a sua hora tinha chegado e mal pôde deitar-se junto da outra mulher. Passados uns minutos nasceu o seu filho: depois ainda serviu de auxiliar no parto de outra mulher. Deitada na mesma cama, as suas forças esgotadas contribuíram para o nascimento de um novo ser.

MOMENTOS DIFÍCEIS

Há, na verdade, nascimentos difíceis, mas há mulheres ainda mais difíceis. Muitas vezes, a parteira tem que lidar com mulheres pouco hábeis, com maridos estúpidos e até com superstições familiares. Conhece como ninguém, com olhar penetrante, a mossa que o pecado original fez no homem e continua a fazer. Sabe de paixões selvagens, de matrimónios infelizes e de mulheres abandonadas. Se tem coração, a sua alma deve estremecer. Motivos humanos não faltam e precisamente por isso necessita de outras forças: necessita da força da caridade que a nossa fé proporciona.

Esta vocação tem, no entanto, os seus perigos, tal como tem acontecido com todas as coisas verdadeiramente importantes da vida humana. Quando serve e auxilia por amor ao dinheiro, faz de um serviço sagrado um negócio meramente humano. Um arguto

provérbio popular diz: «O demónio não conhece melhor ajuda que uma parteira leviana». Hoje em dia, exige-se da parteira uma maior preparação científica e isso é muito bom, quer para a mãe, quer para o filho. No entanto, no mesmo ritmo da formação profissional deve aumentar a formação espiritual. A ciência não pode substituir uma consciência bem formada e a mulher deve servir a Deus e não cooperar no pecado.

OS MEUS FILHOS

Noutros tempos, quando o ofício de parteira era livre e as próprias mulheres da comunidade familiar o sabiam exercer, os filhos que ajudavam a dar à luz eram considerados como próprios e eram elas que os levavam, com orgulho, ao baptismo. Por isso, quando essas crianças já singravam na vida, o brilho da glória que atraíam também se reflectia, em parte, em quem as tinha ajudado a vir ao mundo.

Ainda me lembro do orgulho de uma destas mulheres quando regressei da primeira aula do Liceu. Uma outra que ajudara a nascer perto de três mil crianças sentia-se instrumento de Deus. Não há muito tempo, tive de ir a Zalalörö e contemplei o enterro de uma velha parteira que com fidelidade e dedicação tinha excedido o seu múnus durante dezenas de anos e que agora era acompanhada até ao túmulo por um imponente cortejo de mães e filhos, em prova de gratidão. Na mesma ordem de ideias, em 1943 foi construído um monumento numa das principais ruas de Melbourne: era uma enorme estátua de pedra, a cujos pés se via um redemoinho de

crianças. O monumento perpetuava a memória de Anna Panthong, parteira da cidade, que tinha ajudado a nascer mais de dez mil crianças.

Estas mulheres sabem que, nessas horas difíceis e decisivas, duas vidas humanas estão nas suas mãos. Nesses instantes, podem invocar três anjos tutelares: o da mãe, o do filho e o delas próprias. E podem também pensar em Nossa Senhora que teve de percorrer um longo caminho pelas montanhas para estar ao pé da sua prima Isabel na hora difícil. Não seria para admirar que a mais pura das virgens tivesse sabido desempenhar essa tarefa com inteligência e com amor.

Não falta um certo romantismo de lenda maravilhosa à volta da figura destas mulheres. As crianças da Hungria pensam que a sua função é a de proteger a mãe das picadas da cegonha. Esta leva primeiramente os filhos à parteira que os coloca numa grande bolsa preta e os distribui depois pelas casas.

O CUIDADO DOS FILHOS

Também é preciso dizer algumas palavras sobre as aias e as criadas que tratam dos filhos em todas as famílias, quer de posição elevada, quer humildes e que, quando faltam, são substituídas pela irmã mais velha ou até pelo irmão. E é preciso, porque é um problema delicado deixar um filho entregue aos cuidados de alguém quando a mãe não pode estar ao pé dele.

Uma aia ou uma criada podem esmagar a alma de uma criança mas, precisamente por isso, podem fazer dela um autêntico templo vivo de Deus. Com contos e narrativas inconvenientes pode a alma de uma criança ser destruída, mas também é verdade que se não pode pagar com dinheiro a ajuda que presta uma mulher boa junto dos filhos.

A jovem mártir Pelágia veio a ser cristã por meio de uma criada. S. Vito também foi educado no cristianismo e até baptizado pela aia, que ainda o encorajou no momento do martírio. E é curioso observar que São Bento comunicou a sua decisão de abandonar o mundo à sua aia antes de o fazer aos seus próprios pais.

Selma Lagerlöf, no seu romance «Gösta Berling» que ganhou o prémio Nobel, erigiu um monumento a estas mulheres. «A velha criada sentou-se junto do berço para embalar com as suas canções a criança que adormecia. Bem sabes tu que a aia boa e fiel faz também bons homens». Vê crescer três gerações e é a estabilidade no meio daquele fluir. Na verdade, pertence à família.

SERES ABANDONADOS

Além dos pais e das auxiliares da mãe, os criados e criadas têm na vida dos novos seres uma influência que se não pode esquecer. São pessoas que, muitas vezes, parecem criaturas abandonadas no meio do mundo. O pai e a mãe estão longe e também estão longe o padre, o mestre e a igreja da aldeia. Encontram-se de repente num mundo inteiramente novo e

a nova família não os admite na intimidade. São seres sem lar e por isso não é para admirar que procurem — e encontrem — a alegria e a felicidade por caminhos escuros. Dos seis mil e noventa e cinco suicídios que em 1938 houve na Hungria, perto de oitocentos foram de criadas de servir e o facto é um índice eloquente de que falta em ampla medida no seio das famílias, o amor verdadeiramente cristão.

De acordo com a concepção cristã, uma criada é a mão direita da mãe. Esta deve tratá-la com confiança e com carinho porque também deve ser mãe para ela. A família alheia deve tornar-se um novo lar. Nas línguas românicas, «família» significa em primeiro lugar, o conjunto dos criados que necessariamente fazem parte da família. Também entre nós, antigamente, ninguém se envergonhava de ser criado ou criada, porque, pelo simples facto de o ser, se passava a fazer parte de uma nova família.

Nada de desonroso tem, na Sagrada Escritura, o officio de servir. «Se tiveres um criado fiel, cuida dele como de ti mesmo e trata-o como teu irmão!» Todos somos filhos de Deus, libertados pelo sangue do Senhor; já não há senhores e escravos, somos todos uma só coisa em Cristo.

Como as criadas também têm uma alma imortal, é necessário ter a preocupação do seu bem espiritual. Elas devem ter a possibilidade de participar da vida religiosa da Igreja: ir até à igreja não é tempo perdido porque daí podem tirar forças para fazer o seu trabalho com alegria interior. Existe um sol com raios

invisíveis e é preciso contar com essas forças que se não vêem; o trabalho manual não é tudo.

Por vezes é preciso usar de palavras mais fortes; é melhor uma tormenta que acaba por se apaziguar do que uma irritação interior permanente. Uma criada não é um ser perfeito e também necessita de orientação e de correcção.

Também não podemos esquecer que, por trás da rapariga, existe a mãe dedicada e solícita que, porventura, deixou sair de casa a sua filha com as mesmas palavras da mãe de Santa Zita: «Jamais esqueças os conselhos da tua mãe!» Muitas tarefas há que as criadas desempenham para que as nossas mães possam pertencer-nos mais tempo e ilimitadamente. O anjo tutelar das criadas de servir é a virgem Zita, que durante trinta e oito anos serviu numa casa e nela soube brilhar numa santa pureza, surpreendendo-se de que os homens fizessem tão facilmente o mal e o pecado.

Os santos mostram-nos como se deve tratar as pessoas que nos servem. Santa Francisca Romana tratava os criados com um amor autenticamente maternal, cuidava deles como uma mãe e com eles rezava e lia livros de piedade. A mãe de São Francisco de Sales reunia-os todas as noites para rezarem as orações em comum. Porventura não existem, hoje em dia, os «fiéis servidores do seu senhor?». Acaso já não existe o ideal da «criada e servidora do Senhor?»

Ainda que cada época tenha a sua própria terminologia e as palavras «criado» e «criada» comecem

a desaparecer da linguagem habitual, não deixarão de existir as mãos invisíveis que nos servem e cujo valor apreciamos devidamente quando nos faltam. Honra-se e celebra-se enfaticamente a memória do soldado desconhecido e depositam-se coroas no seu monumento. Porém, quem honra o grande número dos sem-nome que consagram a vida a servir e a cuidar dos demais?

A Igreja tem em alta estima o trabalho de servir até ao ponto de o ter elevado ao grau de uma ordem sagrada, o Diaconado, isto é, o «serviço divino». Servir não é uma desonra, é um ofício sagrado, um serviço divino.

RENASCIDO PELA ÁGUA E PELO ESPÍRITO SANTO

Acaba de chegar uma nova alma a este vale de lágrimas. Mas virá nimbada do esplendor celeste, ou rodeada de inquietantes problemas?

A vida do corpo está confiada, desde o primeiro momento, a mãos hábeis e protectoras e ao alimento do seio materno. A alma, pelo contrário, vem a este mundo com um terrível lastro. Os pais não têm culpa — e muito menos o filho — de que falte alguma coisa à sua alma, de que tenha nascido cega. Com os olhos terrenos essa alma não consegue ver a luz de Deus, está despida e nua. Falta-lhe o vestido alvo e santificador da graça de Deus.

Desde a queda do Paraíso, todos os homens nascem com uma alma cega, pobre e nua. São os exilados do Paraíso e do reino dos céus. Esta triste situação e essa perda, conhecemo-las pelo nome de «pecado original». No entanto, como Deus é amor, não podia permitir que as nossas almas continuassem cegas, pobres e nuas: enviou-nos o Filho para abrir os olhos da nossa alma e vestir-nos com a luz de Deus.

É o que acontece no baptismo, quando a água corre pela frente da criança e o sacerdote pronuncia as palavras: «Eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Nesse instante, a criança abre os olhos pela segunda vez e nasce para um novo mundo, o mundo de Deus e do céu. Esta obra prodigiosa é realizada na alma pelo Espírito Santo.

TEMPLO VIVO DE DEUS

O mártir Leónidas aproximou-se silenciosamente do berço do filho, inclinou-se para ele e, com a maior reverência, beijou a criança no peito e disse: «O meu filho é, na verdade, um milagre! É um templo vivo de Deus! Pelo baptismo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm nele a sua morada!»

Nas obras e nas criações de Deus é preciso distinguir três ordens diversas: a ordem da natureza, a ordem da graça e a ordem da glória de Deus. O firmamento estrelado, todos os tesouros do mundo, a grandeza das montanhas e dos mares nada são se os comparamos com a magnificência da filiação divina. Se os cristãos soubessem a grandeza que traz consigo o baptismo!... O homem mais pobre é infinitamente rico se estiver baptizado e o seu coração for puro. Nenhum príncipe tem a promessa de uma herança tão valiosa como a do cristão porque o céu nos pertence e trazemo-lo já em nós pelo baptismo. Ser cristão é motivo de orgulho, e nunca poderemos agradecer bastante aos nossos pais o terem-nos levado ao baptismo.

Se o facto de ser cristão já na terra causa uma profunda alegria interior, não é possível avaliar qual será a alegria do nosso coração quando essa grandeza interior puder desabrochar plenamente no céu. Agora vemos tudo como que por enigmas e imagens: então veremos face a face. «Olho algum viu, nem ouvido algum ouviu, nem o coração humano pôde alguma vez pressentir o que Deus prepara para os que o amam». E o baptismo é a porta de toda essa eterna felicidade do céu.

Que responsabilidade tão grande deriva desse facto! Não é só o caminho do jardim da terra, frequentemente cheio de espinhos, que a mãe deve mostrar ao filho; deve sobretudo mostrar o caminho que leva ao céu. Que frágil é um ser tão pequeno! Basta uma leve indisposição para que essa luz insignificante se apague ao sopro da morte. E se a criança morrer sem baptismo, em vão baterá às portas do céu.

A Igreja insiste em que não adie o baptismo dos filhos. A mãe do São Clemente Hofbaner fê-lo baptizar no próprio dia do nascimento e nos tempos em que os homens tinham uma fé profunda, era esse o costume. Qualquer mãe cristã que ame verdadeiramente o seu filho não deve admitir dilacões. Não receará excluir o seu próprio filho da felicidade do céu? Se um ser humano morrer sem baptismo não poderá ser enterrado num lugar sagrado. É verdade que no além não o espera o sofrimento e será feliz, mas a felicidade de uma criança sem baptismo nunca se poderá comparar à de um baptizado

que entrou no reino de Deus. A diferença é maior que a que existe entre um homem que vê perfeitamente e um cego de nascença.

A SANTA MADRE IGREJA

A Igreja aproxima-se do berço da criança, como uma segunda mãe, para lhe oferecer a vida eterna. Por isso empregamos essa bela expressão: «Madre Igreja». Em nome de Cristo, reclama o pequeno pagão para o baptizar e purificar na água sagrada.

O baptismo na igreja é muito melhor que o baptismo em casa. Encerra um profundo significado o facto de que a criança seja levada nos braços dos padrinhos até à igreja. Nela, toda a comunidade dos santos parece esperar o novo habitante do céu. A criança tornar-se-á aí filho de Deus! Mais tarde também receberá aí o sacramento da penitência e o do altar, será crismada e, se Deus assim o quiser, aí celebrará o seu casamento. Estes elevados pensamentos não podem ser evocados com tanta e tão bela profundidade num baptismo realizado na casa paterna. Mas em caso de doença não deve demorar-se o baptismo no próprio lugar de nascimento.

Os padrinhos devem ser escolhidos com o maior cuidado. A presença do padrinho não é uma simples cerimónia; os padrinhos devem ser para a criança um verdadeiro modelo e um guia no caminho da vida. Num romance de D'Annunzio, uma família ilustre pede a um simples lenhador que seja o padrinho de seus filhos porque dele poderiam os afilhados

aprender uma fé profunda e um sincero espírito cristão. A sua oração, quando lançava galhardamente o trigo pelos campos, era esta: «Concede-nos o Senhor, que os nossos filhos sejam como o pão que nasce da terra! Tal como o pão se transforma na Eucaristia, no corpo misterioso do Senhor, sejam também os filhos, pão sagrado de Deus!»

A responsabilidade e a dignidade dos padrinhos é grande, porque, no caso de os pais morrerem ou se desleixarem, devem tomar conta da educação das crianças. A rainha Santa Isabel da Hungria encontrou uma vez uma pobre mulher que estava prestes a dar à luz e mal tinha forças para chegar até casa. Levou-a ao palácio, apadrinhou a recém-nascida e deu-lhe o seu próprio nome. A partir desse instante, visitava todos os dias a mãe e a filha e quando estas puderam regressar a casa, deu-lhes roupas para que a afilhada se abrigasse com roupas de princesa e dinheiro para que se pudessem alimentar. O lema de Isabel era este: «Trazei-me os pobres, para que não tenham de sofrer».

CERIMÓNIAS SAGRADAS

O baptismo é um prodígio tão grande e tão sobrenatural que toda a pompa externa com que os reis e os príncipes rodeiam o baptizado dos filhos não passa de pó e cinza. Quando se celebrou o baptizado do filho de Napoleão III e de Eugénia, sententa e cinco bispos se encontravam em Notre-Dame, o próprio Papa Pio IX foi o padrinho e a rainha da Suécia e Noruega levou a criança à pia baptismal. Contudo,

este baptismo não foi maior nem mais importante que qualquer outro administrado a uma criança pobre na mais humilde igreja rural.

O baptismo é em si um facto tão transcendental que os seus efeitos se elevam até ao céu e descem até às profundidades do inferno. Por ele, o novo ser ganha forças para defrontar o demónio e todos os seus satélites e para se consagrar ao serviço de Deus. O sacerdote conjura o espírito do mal e expulsa-o da criança para que ceda o seu lugar ao Espírito Santo e o sinal da cruz na fronte da criança é a manifestação exterior dessa cisão entre o céu e o inferno: Cristo, o Senhor, põe a sua mão sobre o infante e toma posse dele. E, entretanto, ouvimos as palavras do Evangelho: «Deixai que as crianças venham até mim e não lho proibais, porque delas é o reino dos céus».

Segue-se depois a cerimónia em que os sentidos se abrem para o mundo do sobrenatural. Por isso o sacerdote toca nos ouvidos e diz: «Ephphetha!» abri-vos! São cerimónias cheias de significado e, infelizmente, muito pouco conhecidas.

Finda a primeira parte das cerimónias preparatórias, que costumam realizar-se na sacristia ou no adro da igreja, o sacerdote coloca o extremo da estola sobre a criança ou, quando é mais crescida, pega na sua mão e leva-a ao interior da igreja. Na pia baptismal é unguida com o óleo dos catecúmenos e os padrinhos, em seu nome, dão testemunho de fé. Tudo está preparado para o baptismo.

Então, a criança é introduzida na pia baptismal, tal como noutro tempo Cristo entrou nas águas do Jordão. Antigamente as pias baptismais permitiam realizar uma verdadeira imersão e o neófito era submergido completamente na água para significar que o homem sai do baptismo totalmente renovado e purificado.

Hoje em dia, é no baptismo que a criança recebe o seu nome. Como se chamará o filho? Eis um grave problema em que, por vezes, reina uma lamentável confusão. Nomes estranhos, mesmo de animais, aparecem por um lado e por outro. No entanto, sempre os cristãos consideravam uma honra terem eles e os seus filhos nomes de santos. Estes nomes evocam as ideias de fortaleza, coragem, pureza e fidelidade e são como uma luz que guia os homens pelos caminhos da vida.

A Igreja preocupa-se muito com as crianças e concede-lhes, ainda no berço, os seus melhores dons. Fá-las filhos de Deus, dá-lhes um anjo da guarda e apresenta-lhes um santo do céu como modelo e protector, além de as vestir com as vestes alvas e puras da graça santificante. Daqui por diante já não serão cegas e os seus passos não serão dados nas trevas. Cristo será, como o indica o círio baptismal, a luz que ilumina o seu caminho nesta vida até que a luz eterna o ilumine na outra.

Enquanto na igreja a criança é recebida na comunidade dos santos com um solene cerimonial, a mãe fica em casa a rezar por aquele filho que deu à luz na dor. É uma oração ardente que não brota dos

lábios, mas nasce do coração. Ainda que se sinta fraca, a alma da mãe está forte para poder ser a medianeira entre Deus e o filho. Os seus pensamentos voam para o futuro do filho e isso obriga-a a preocupar-se e a pedir por ele.

A mãe dá graças a Deus por ter chegado a sê-lo porque Deus não fechou o seu seio na esterilidade e porque o filho se tornou templo vivo do Deus três vezes santo. Desta maneira, o filho nasce de novo pela oração da mãe.

AGNUS REDEMIT OVES

Depois do baptismo, levam o filho a casa, onde a mãe o espera com ansiedade. Em muitos lugares da Hungria ainda existe o costume de se efectuar uma curiosa cerimónia ao regressar a casa. A mãe e a parteira estão dentro e diante da porta ficam os padrinhos com o filho. De dentro, perguntam: «Que trazeis?» E os que estão fora respondem:

«Um cordeiro baptizado,
um cordeiro puro como um anjo,
um cordeiro santificado!
O Cordeiro de Deus também redimiu
o cordeiro muito amado da mãe!
Agnus redemit oves!

Até esse momento a mãe contemplava o filho só com os olhos da carne e agora fá-lo com os olhos da fé. Um novo homem foi recebido no coração de Cristo, passa a ser membro do seu Corpo mis-

tico e nunca poderá ser separado dele. Ainda que cometa pecados e ainda que — Deus não o permita — seja condenado, nunca mais poderá ser tirado da sua alma o sinal de cristão. Tornar-se cristão não é, portanto, uma simples cerimónia passageira que se cumpre por costume, é algo de perdurável até à eternidade.

É belo dar um filho à vida e povoar a terra. Porém, a fé mostra algo de mais belo: povoar o céu. Teus filhos vivem e jamais desaparecerão, porque a alma do homem é imortal. No último dia, os mesmos corpos ressuscitarão e participarão da felicidade eterna ou da eterna condenação. Se a consciência do baptismo estivesse mais viva em nós, cristãos, estaríamos mais orgulhosos da nossa condição porque nada há de mais belo e mais nobre que ser cristão.

A liturgia da quaresma e dos domingos ajuda-nos, durante todo o ano, a compreender mais profundamente o baptismo e a renovar em nós a consciência de cristão. A quaresma era antigamente o tempo de preparação para o baptismo e o domingo é o dia em que o cristão deve tomar consciência da sua condição. Depois de termos trabalhado durante seis dias para a terra, temos o direito de, no sétimo, pensar que somos cristãos e filhos de Deus.

Por ser o baptismo, depois do nascimento, o facto mais transcendental da nossa vida, deveríamos celebrar em cada ano o seu aniversário. Nesse dia a alma deve pedir contas a si mesma e é bom que nos alegremos uma vez por outra de estarmos na luz e na

alvurà do reino de Deus. Zeno de Verona dizia: «Quem pensar que nasceu de novo, será sempre feliz; quem se esquecer de tudo quanto era antes de renascer será mais feliz; mas o mais feliz será sempre aquele a quem nunca se puder negar a sua condição de filho de Deus».

A BÊNÇÃO DA MÃE

Deus, no Antigo Testamento, mandou que a mãe, depois de ter um filho, fosse ao templo para se purificar. No Novo Testamento já se não fala de purificação — porque o nascimento de um filho é algo de grande e agradável a Deus — mas de «consagração e bênção». Acção de graças e alegria é o que ressalta das orações que devem recitar-se por motivo da bênção da mãe.

MARIA NO TEMPLO

Em recordação da subida ao Templo da mais santa das virgens, depois de dar à luz, a mãe cristã vai à igreja para dar graças a Deus e receber a bênção. Maria levou ao Templo aquele que era a alegria do mundo e a complacência do Pai celestial e ofereceu também o dom dos pobres, um par de rolas.

A Santa Madre Igreja, solícita, diz às mães terrenas: Ó mãe cristã! Deus te abençoou com um filho e converteu em alegria a tua dor. Agora podes, junto com o teu filho, implorar e louvar o santo nome de Deus. Dá graças a Deus e alegra-te com ele mas não esqueças que a alegria só será plena se o teu filho crescer para a glória de Deus. Grava

profundamente no teu coração estas palavras da Escritura: «Se tiveres filhos, educa-os, orienta-os, corrige-os desde a infância». Preocupa-te com o bem espiritual e corporal dos filhos. Ensina-os a pronunciar com os seus lábios inocentes de criança o nome de Jesus. Infunde nos filhos, no mais íntimo do seu coração, o princípio de toda a sabedoria: o santo temor de Deus. Com advertências e indicações e, se for preciso, castigando-os, procura que os teus filhos se afastem dos caminhos do mal. Desde o princípio devem aprender a amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e ao próximo como a si mesmos. Pede a Deus que os ampare com a sua graça para que não cresçam só em idade e estatura, mas na verdadeira sabedoria e no amor de Deus. O filho deve ser a tua alegria, o teu consolo e o teu apoio e assim o pedimos por Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem se deve todo, o louvor e glória por toda a eternidade. Assim seja».

Logo que lhe é possível, a mãe cristã vai com o filho à igreja para o apresentar ao Senhor. Acções de graças, adoração, súplicas e actos de arrependimento enchem a sua alma. Adoração, porque experimentou em si a onnipotência divina, criadora da vida. Acções de graças, porque não devemos deixar de agradecer um copo de água fresca e um filho é, na verdade, um presente de Deus. Ainda que o amor da mãe seja muito grande, é limitado e finito. Podem sobrevir doenças e necessidades que a mãe não poderá evitar. Nas mãos de Deus se encontra a saúde do filho, a sua futura vocação e a sua salvação eterna... Actos de arrependimento? De que deve arrepender-se?

der-se uma mãe? Durante o tempo em que levou em seu seio o fruto do seu corpo, deve ter tido muito cuidado consigo mesma, para que as impaciências e as más tendências não atingissem o corpo e a alma da criança. Além disso, quem poderá dizer que está sem pecado? Sempre temos de que nos arrependermos.

Na alma da mãe renova-se agora o propósito de cuidar do bem espiritual e corporal do filho com autêntico amor materno. Não falta muito para que uns lábios inocentes aprendam os nomes mais santos da humanidade, os nomes de Jesus e de Maria. O filho foi recebido de Deus e só a Deus deve pertencer. A visita da mãe e do filho à igreja, pode ser para os dois uma fecunda bênção.

PEREGRINAÇÃO ATÉ DEUS

Há, porém, jovens mães que, por falsos respeitos humanos, omitem essa visita à igreja, mas as mulheres verdadeiramente cristãs, que têm consciência da grandeza da sua fé, não devem, sob nenhum pretexto, deixar de a fazer. Também elas foram levadas à igreja um dia nos braços das suas mães e os filhos não podem ficar sem essa graça e bênção. O primeiro caminho que a mãe deve percorrer depois do parto e mesmo que o filho não tenha chegado a viver, é o caminho que conduz à igreja.

Esta visita reveste-se ainda de um outro significado. A mãe deve tomar consciência de que a sua grande auxiliar na educação do filho é essa sábia

educadora que se chama «Santa Madre Igreja». É comovente ver o sacerdote colocar a sua estola sobre a mãe e o filho para os introduzir na igreja. Oxalá possa ela entrar com o filho no céu, ao som do órgão e dos aleluias dos anjos!

Uma rainha inglesa levou o filho até ao altar e depositou-o nos degraus em solene consagração a Deus. Essa criança veio a ser, mais tarde, o santo rei Eduardo, cognominado o Confessor (1066). Quando Isabel da Hungria deu à luz, em 1277, a sua filha Gertrudes, fê-la baptizar imediatamente. Logo que se sentiu capaz de ir até à igreja, vestiu-se modestamente e, com a filha nos braços, percorreu a pé o pedregoso caminho que vai de Wartburg até à igreja de Santa Catarina em Eisenach. Ao chegar, depôs a criança sobre o altar e junto dela um cordeiro e um círio pronunciando a seguinte oração: «Ó Senhor Jesus, oferece-te e à tua Mãe este tão amado fruto do meu corpo. Dou-te com todo o meu coração o que tu me deste, Senhor e Deus, Senhor da vida da mãe e do filho! Sòmente peço que aceites este filho, regado com as minhas lágrimas, como um dos teus servos e amigos e o ampares com a tua bênção!»

Quando a Virgem Maria saiu do Templo, o velho Simeão aproximou-se dela e disse: «Eis que esta criança servirá para ruína e salvação de muitos em Israel. E uma espada atravessará a tua alma». Que espera ainda esta criança adormecida que a mãe retira do altar para a reconduzir ao templo santo da família?

O FUTURO DO FILHO

Quando João Baptista nasceu, toda a gente dos arredores perguntava de si para si: «Que virá a ser esta criança»? Esta é a grave interrogação que, explícita ou veladamente, paira sobre todos os berços.

Deus conhece desde a eternidade o caminho e o fim de cada ser. Nós, porém, encontramos-nos na maior ignorância quanto ao futuro. De certo modo, ainda é bom que a maioria dos homens não aprofunde nestas questões porque só serviriam para o preocupar de uma maneira contínua e dilacerante. No entanto, é o mais importante de todos os problemas.

AS ESTRELAS

Há trezentos ou quatrocentos anos, interrogavam-se as estrelas para receber uma resposta. Contemplava-se o horoscópio e as estrelas decidiam tudo na vida. Ainda hoje, entre os singaleses e nos povos do norte da Índia, depois do nascimento do filho, o pai vai à procura do astrólogo para lhe pedir o horoscópio da criança. Santo Agostinho fez ver quanto há de superstição irracional na pretensão de saber pelas estre-

las o que o homem fará no futuro, coisa que só depende do poder decisivo da sua livre vontade.

O povo húngaro julga conhecer o futuro dos filhos pelos sinais exteriores do corpo: quem tiver o cabelo encaracolado será sábio, o de cabelo liso será doentio; se os dentes incisivos estiverem muito separados, a criança percorrerá o mundo... O dia do nascimento está rodeado destas e de muitas outras superstições. Nos tempos de Rousseau, os astrólogos e adivinhos concordavam também em que a alma da criança era angêlicamente pura e permaneceria assim sempre que estivesse afastada da sociedade humana, porque os homens nascem como anjos e são corrompidos pela sociedade...

A resposta verdadeira foi dada pelo bispo Imre Zzabö no seu último discurso: «O coração de uma criança é como uma palmeira jovem; os golpes e as feridas que lhe são causadas nos primeiros anos, manter-se-ão visíveis no decorrer do tempo e tendem a tornar-se incuráveis. A criança pode vir a ser um anjo ou um demónio».

Anjo ou demónio? Eis a questão que se põe junto de cada berço, e que exprime a realidade mais profunda de todas, porque no berço da criança se degladiam anjo e demónio. Quantas vezes não virá a ser preciso levá-la até à mais nobre condição e vê-la mergulhar no mal para que o homem autêntico alcance a sua maturidade!

Só a vida de Cristo foi desvendada pela mensagem dos anjos: «Eis que esta criança será grande, herdará

o trono de seu pai David e o seu reino não terá fim». Para sua Mãe, Maria, o futuro não ficou na escuridão porque sobre ele brilhavam a luz da promessa do Paraíso e as palavras dos profetas. Para os seus pais e para todos, esse futuro descortinava-se qual estrela matutina num mundo de trevas e de pecado. O nome de Cristo é para nós alegria e esperança e o fulgor dessa felicidade ilumina também os primeiros dias do recém-nascido.

O FUTURO DESVENDADO

A poucas almas de eleição desvendou Deus o segredo do futuro. De Santo António conta São Paulino que, quando criança, um enxame de abelhas voou até à sua boca e daí se deduziu que viria a ser um grande orador. Uma antiga lenda diz de Santo Efrém que, na sua boca, nasceu uma videira para significar que vivificaria o mundo com a sua santidade e a sua doutrina. A mãe de Santo Ethelvolt adormeceu à soleira da porta da casa e sonhou então que descia dos céus uma grande bandeira que a envolvia por completo e depois se elevava outra vez; e a seguir viu nascer da sua boca uma águia de ouro que crescia até cobrir todo o mundo com as suas asas. A mãe de São Columbano tinha a sensação de guardar um sol no seu seio. A mãe de São Domingos, antes de o filho nascer, viu em sonhos um cão que trazia um archote e com ele incendiava o mundo. Em São Camilo veio a tornar-se realidade a visão da mãe que viu que havia de nascer um filho que trazia uma cruz no braço e ia à cabeça de uma multidão de crianças. Sobre o berço de Afonso de

Ligório um velho jesuíta profetizou que aquela criança chegaria até aos noventa anos e trabalharia muito pelo reino de Deus.

Estes e outros episódios possivelmente não passam de lendas piedosas. No entanto, servem para confirmar o facto de que são muito raros os casos em que se conhece qualquer coisa sobre o longínquo destino do homem. O futuro é obscuro e incerto e repousa exclusivamente na mão de Deus. Daí as perguntas das mães. Que virá a ser o meu filho na árvore da família? Um ramo vivo ou um tronco seco? Será um raio de luz que chegue até ao céu ou acabará o seu caminho na perdição? Deixará de luzir em breve a sua estrela ou apagar-se-á mansamente numa longa velhice? Será uma criança sem pecado ou um Herodes assassino?...

A ESCOLHA DA MÃE

No coração da mãe abundam problemas e projectos porque o berço é o foco de toda a ingente multidão das possibilidades humanas. Os imperadores depõem no berço os seus impérios, os reis as suas coroas e os heróis as suas espadas. Coroas, espadas, escudos e armas curvam-se perante os berços e esperam que alguém de novo os levante. Os sábios trazem os seus livros, os escritores as suas penas e os pintores os seus quadros. Em cada instante aumenta a multidão e cada vez é maior o número dos homens que aparecem. Abrem caminho, apresentam-se e depois continuam.

Entre eles está Heine, o poeta que escreveu poemas maravilhosos mas que foi vitimado por uma terrível doença. Poeta... Isso seria alguma coisa, mas... e a doença? Não! A mãe luta contra esses pensamentos... Aparecem então as grandes figuras da História. Passam ao largo e a própria grandeza de Napoleão desaparece... A mãe não se detém em nenhum dos seus modelos. Que deve escolher? Pode, na verdade, escolher? Pode, de facto, procurar um destino para o seu filho?

«Ó mãe, tu queres escolher para ti o mais belo»
— dizem a rir os espíritos.

Ouviste algo de semelhante? Quer escolher?

O que para nós foi bom, será bom, também,
para a criança que está no berço!

Deve ter toda a nossa herança:

o que é carga seja para ela carga,
o que é honra seja honra também!

Sob as coroas, escudos e espadas escondem-se feridas e dores. Por isso a mãe não gosta de nenhuma dessas figuras que, aos milhares, passam velozmente diante de seus olhos. Avante, avante... Ainda mais, ainda mais... Quando chegará a felicidade de um filho?

Seremos felizes, nós os homens, por não podermos escolher? Por entre muitas cruces, procurámos com cuidado uma que se adaptasse aos nossos ombros e não encontrámos nenhuma. E quando finalmente demos um grito de alegria ao ver uma que parecia feita à nossa medida tivemos que reconhecer que era a mesma que a princípio tínhamos rejeitado. Deus

sabe o que é bom para nós e sabe adaptar suavemente as coisas à nossa medida.

A ciência pode dar alguma indicação sobre o desenvolvimento futuro da criança, dado que o fruto não cai longe da árvore. Mas isso é sempre pouco e insuficiente, além de que nem sempre se verifica o que ela prevê. Por vezes, o fruto cai no meio de espinhos e aparecem rosas entre os cardos.

DEMASIADO PENOSO

É preferível que não conheçamos o futuro, e que a escolha não esteja nas nossas mãos. Na realidade, seria uma carga demasiado penosa para os ombros humanos e é o próprio Deus quem a toma a peito. O berço continua a ser o grande enigma, o misterioso enigma que aparece no despertar da existência humana, como o segredo que se esconde nas pétalas de um botão que ainda não desabrochou.

Quem pensar que conhece o futuro do filho pode enganar-se com muita facilidade. Dizem que Eva julgava que seu filho Caim seria um herói, que haveria de reconquistar o Paraíso perdido e, por fim, veio a ser o assassino de seu irmão. No entanto, mesmo que o futuro seja desconhecido, é preciso fazer notar a existência de um profundo e misterioso vínculo entre o destino da mãe e do filho. Daí o facto de não devermos ficar surpreendidos se a mãe souber qualquer coisa sobre o futuro do filho em virtude de uma espécie de estranho presentimento. Afinal, trata-se

da sua própria vida e, no seu íntimo, parece-lhe ouvir a solução do enigma do futuro.

A resolução do problema está, em parte, nas mãos da mãe. A alma do filho pode ser educada e orientada num ou noutro sentido: pode, por exemplo, ser-lhe preparado o caminho para uma vocação de sacerdote, ou de militar, etc.. Contudo, só uma mínima parte da orientação do futuro está nas mãos da mãe; a parte decisiva depende de Deus.

Por conseguinte, a mãe tem de elevar as mãos ao Omnipotente para poder ser o guia de seu filho no caminho desta vida. Desde o berço até ao túmulo tem de pedir que o seu filho ande sempre pelos caminhos de Deus, sem se afastar deles e nessa altura poder-se-lhe-ão aplicar como a ninguém as promessas do Senhor: «Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á». A alma da criança é uma cidade fortificada mas Deus pôs as chaves nas mãos da mãe.

V I D A B R E V E

José Eötvös disse: «Para que a felicidade seja completa é necessário que tenha uma forma sensível. Para a mãe, essa forma é o filho. Quando, no rosto do filho, vê sorrir as mais belas recordações da sua vida, quando traz ao colo o leve peso do futuro ou quando, junto do berço, se abandona ao sonho, alcança a sua maior felicidade. Todos os tesouros do mundo deixam de ter valor para ela».

A NOITE TRISTE

Quando o coração sangra, quando esse fim e essa felicidade estão a ponto de desaparecer... Que acontece?

«A noite vai abrindo as asas negras.
As cidades e os homens adormecem,
mas a mãe vela junto de um leito...»

(Joseph Vida)

Com os seus beijos pretende infundir novas forças no filho a quem a vida foge. Não seca as gotas de

suor: beija-as ansiosamente para ver se ainda pode contemplar o seu sorriso e se ainda o pode ouvir chorar. A noite é escura, a noite é triste. O seu negro manto vai apertando o cerco à volta do coração do filho. A mãe angustia-se numa terrível luta. Vai morrer, apesar de mal ter nascido? Acabarão as canções de embalar, o riso, a alegria de viver e esvair-se-ão as esperanças? Será tudo a corda partida de um violino?... Começa a manhã e a mãe chora porque não conseguiu vencer a morte. O perfume da flor desvaneceu-se e a alma voou para o reino dos céus.

O corpo, pálido e diminuto, repousa num pequeno canxão branco. Passaram os sofrimentos, e a mãe está tranquila. Desabafou em lágrimas e é como se o morto comesse a sorrir. Procura ainda por todos os recantos o fulgor dos olhos que desapareceram e finalmente aproxima-se do caixão. É inútil a esperança de que volte à vida mas é duro ter de reconhecer que o amor não pode ressuscitar um cadáver. Em vão acaricia a criança e lhe diz: «Levanta-te, meu amor, fruto das minhas entranhas e alegria da minha vida!» Tudo passou! O corpo está frio; a vida foi-se. As flores murcharam...

Uma dor lancinante vai crescendo no coração da mãe. À sua volta, fala-se em voz baixa e ele procura evocar no seu íntimo essa vida tão curta, folheando talvez o diário que só lá em cima será concluído. Pega outra vez nas mãos do filho, sempre pela última vez... O enxoval passa a ser recordação sagrada que a mãe conserva como fragmento

de um tesouro que evocará o corpo, o sorriso e a felicidade do filho.

O filho foi conduzido ao cemitério e colocado num sepulcro frio. Esse pequeno túmulo torna-se um pequeno jardim. A dor e a saudade são os seus jardineiros.

ERA UMA VEZ

Uma lenda velha, muito velha, narra que as flores de um sepulcro contavam umas às outras, em segredo, esta história:

«Houve outrora uma mãe que tinha um filho tão belo que não existia no mundo outro igual. Contudo, adoeceu e o bom Deus levou-o consigo ao céu. A mãe ficou inconsolável e as suas lágrimas corriam de dia e de noite. Uns dias depois de ter sido sepultado, apareceu o filho junto da mãe no lugar em que costumava brincar. Saltaram as lágrimas à mãe com tal desespero que a criança desatou também a chorar. Amanheceu e o filho teve de regressar ao sepulcro.

No dia seguinte, à noite, tornou a aparecer junto da mãe. Trazia uma coroa na cabeça e no corpo o vestuário com que tinha sido amortalhado. Deitou-se na sua caminha como dantes e disse à mãe que chorava: «Ó mãe, não chores porque então não posso descansar no sepulcro: as tuas lágrimas caem sobre mim e molham-me a roupa».

A mãe ficou sobressaltada e deixou de chorar. Na noite seguinte o morto veio outra vez. A sua cara era alegre: «Ó mãe, bem vês: agora a minha roupa está seca e posso adormecer!» Desde então,

a mãe fez da sua dor uma resignação silenciosa. O filho nunca mais voltou e agora repousa plácida-mente no sepulcro».

A Igreja, nas exéquias das crianças, tem palavras de verdadeira consolação: «Bendito o nome do Senhor... Os anjos regozijam-se com uma grande alegria... Louvai o Salvador que me salvou a mim... Pois a minha mãe não me fez para a terra, mas para o céu».

Uma mãe cristã deve encontrar na fé as forças necessárias para corajosamente suportar a sua dor. Clotilde, rainha de França, pronunciou, em circunstâncias idênticas a esta, a seguinte oração: «Ó Deus Omnipotente, criador de todas as coisas, dou-te graças por me teres achado digna de que o fruto do meu ventre fosse levado para o céu. O meu coração não pode, por isso, entristecer-se. Sei que o meu filho que abandonou o mundo vestido de branco, vive junto de ti e se alegra com a beleza do teu rosto».

O santo cura d'Ars não partilhava da dor das mães que perdiam um filho na idade da inocência. Escreveu à condessa de Garets: «Feliz mulher, feliz filho! Foi uma grande graça que Deus concedeu a ambos ter abreviado o tempo da sua luta na terra e permitir-lhe assim alcançar depressa o céu».

Eis a inscrição de um sepulcro num cemitério do Tirol:

«A tua vida foi um breve sonho
e mal pressentiste a alegria de viver.
No amanhecer da vida

abraçou-té, ó querido, a morte
e te levou puro e sem mancha
para o reino da eterna alegria».

As famílias precisam de um anjo tutelar e por isso devem alegrar-se ao pensar que têm um pequeno anjo nos céus. Morreu uma vez uma criança e os pais estavam tristes, em casa, numa noite de tormenta. Pareceu-lhes que tinham batido à porta. «Será o nosso filho que regressa?» Mas logo lhes apareceu um outro pensamento: «Regressar a casa? Não é ele quem, na verdade está em casa, enquanto nós não somos mais que peregrinos que ainda lá não chegaram?» Quando morre uma criança acontece o que certa mãe escreveu de seu filho: «O bom Pastor levou nos seus braços uma das suas pequenas ovelhas».

O B E R Ç O

Tornemos ao berço. A relação entre o berço e o sepulcro determina a vida e o destino dos povos. Sem berço não há família, e com frequência, de um só berço nasce uma aldeia, uma cidade, uma nação. Nele entramos na vida e é ele que constitui a bandeira do futuro e a pedra miliar da História.

OUTROS POVOS, OUTROS BERÇOS

Também o berço tem a sua história. Primeiro, foram os braços da mãe que desempenharam a tarefa, e só depois se teceu uma espécie de cesta. Ainda hoje muitas tribos negras da África empregam o mesmo sistema: uma cesta que se leva às costas e onde vão as crianças; outras, mais simplesmente, atam os filhos às costas com um grande pano e levam-nos de um lado para o outro enquanto trabalham. Os noruegueses e os fineses empregam um berço que se pode pendurar e está forrado de peles finas e macias. As mães esquimós levam os filhos numa espécie de bolsas de couro. Alguns povos asiáticos colocam os filhos em pequenos buracos cavados na terra e à medida que os miúdos crescem assim se vai aumentando o tamanho do poço. Certas tri-

bos índias da América do Norte levam as crianças em cestas que a mãe coloca sobre a cabeça e os lapões empregam um berço feito de peles de rena e de casca de bétula da qual pendem correntes e pérolas de vidro.

O berço é um dos tesouros mais estimados do povo. Na China é ainda uma espécie de vasilha de louça. Os gregos antigos davam-lhe a forma de um barco, figura imitada mais tarde pelos romanos, que a tornaram cómoda e macia, e que perdurou ao longo da Idade-Média. No século XVIII os berços passaram a construir-se com forma oval e não faltaram mais tarde berços notáveis como o do duque de Reichstadt que representava um sumptuoso quarto de estilo império. Na Hungria, não desapareceram as velhas formas da mais antiga tradição: um pano estendido entre duas madeiras sobre a qual, ao ar livre e ao canto do rouxinol, dorme o povo do futuro.

Através dos séculos podemos contemplar a mãe dedicada a um trabalho manual ao mesmo tempo que com o pé imprime um suave balanço ao berço. Esse berço e esse balanço determinam o ritmo da História.

A INTERVENÇÃO DA TÉCNICA

A beleza do berço vai, hoje em dia, desaparecendo. O pensamento moderno não gosta do berço porque pensa que o balanço não é bom para a saúde da criança. Hoje em dia, o problema passou a ser apenas um frio problema técnico e mecânico.

Georges Stephenson, o inventor da locomotiva a vapor aplicou a sua descoberta ao berço e apareceu o berço impulsionado a vapor. Um engenheiro americano casou com uma médica que, por motivo da sua profissão, estava muito tempo fora de casa e não podia atender a criança de poucos meses. Uma criança não é mais do que uma pequena máquina de dar gritos e que só adormece quando ouve a bela voz de barítono do pai que a embala com lindas canções. Mas o engenheiro tinha muito que fazer e não tinha tempo para cantar e embalar. A solução foi esta: construir um berço eléctrico em que a criança se pudesse embalar a seu bel-prazer e colocar sobre a mesa um gramofone pelo qual o insatisfeito pudesse ouvir a voz do pai, gravada anteriormente em disco...

Um outro inventor, Ledafszky Erno despertou a atenção geral com o invento de um berço que baloiça automaticamente. Embalar as crianças rouba muito tempo aos mais velhos e o mal pode remediar-se por meio de um motor eléctrico que faz esse trabalho com uma paz e regularidade maior que a que teriam os homens. Não faltam berços com ar condicionado em que a criança está protegida contra prejudiciais influxos do ambiente... São muitos os que se orgulham destes inventos como se fossem precisos para a felicidade da mãe e do filho.

Na Itália, há já alguns anos, vem-se propagando o «apostolado do berço» que tem como finalidade fomentar o amor pela criança e pela solicitude em cuidar dela. Oxalá floresça também no nosso país esta forma de apostolado! O desenvolvimento da técnica é prodigioso, mas não é a técnica que educa

os filhos; é o amor materno que permanece sempre e que não pode ser substituído por nenhum progresso da ciência. A vida começa no berço e, por isso, a mãe deve estar junto dele e não se afastar enquanto o filho não for crescido. Um berço artificial não torna desnecessária a mãe, porque não é o ritmo que faz adormecer a criança, é o beijo maternal cheio de carinho.

As crianças talvez não tenham coração. Não se contentam com uns instantes e querem ter a mãe junto de si durante todo o dia e, por vezes, durante toda a noite. O pai aborrece-se com os choros, perde a paciência e acaba por se deitar deixando o pequeno traquinas entregue à mãe. Quem deverá, então, sacrificar as horas de descanso e velar junto do filho? A mãe deve ficar, deve ser corajosa e, quando o pequeno patife ainda não quer adormecer, deve sussurrar pela centésima vez uma canção de embalar, suavemente, mansamente, sem se queixar... É a «mulher forte» de que fala a Escritura, que nem dorme nem descansa. Reza no silêncio da noite e murmura uma canção: «dorme, meu menino, dorme!»

Nesse pequeno berço encontra-se a dignidade e a grandeza da mãe. Há de tudo nele, excepto paixões e egoísmos. Quem repousa nele não conhece o passado, o futuro sorri-lhe mas esse futuro está oculto para ele. Quando vier a conhecer o passado, e não puder sorrir no presente e tiver de contemplar com inquietação o futuro, exclamará com a canção popular: «Deus abençoe mil vezes aquelas mãos que com amor me embalaram dia e noite sem nunca descansar!»

O LEITE MATERNO

Se, de acordo com os antigos costumes, eu quisesse compor um título para este capítulo, não hesitaria. No Livro de Samuel está escrito: «E Ana, sua mãe, permaneceu em casa e amamentou o filho até que foi desmamado». Segundo a Lei, este período costumava durar cerca de nove meses. Há lugares em que pode durar mais tempo. conta-se que em algumas regiões da América do Sul, chega a durar anos, de maneira que se pode dar o caso de que o miúdo tire da boca da mãe o cigarro e depois continue a amamentar-se.

A via Láctea estende-se no céu de norte a sul, constituída por inúmeras estrelas. Sobre a terra, o leite materno, recebido dos antepassados, prolonga-se através das gerações. Conta uma lenda pagã que Amalteia alimenta misteriosamente com leite e mel todos os homens através dos séculos.

OUTRA MARAVILHA DO CRIADOR

A função que, antes do nascimento, desempenhava a comunidade de sangue entre mãe e filho, leva-a agora a cabo o leite materno. Depois do nasci-

mento, o sangue da mãe transforma-se em leite no seio materno para voltar a ser, no filho, sangue vivificador. Por isso, é possível afirmar, na verdade, que a mãe alimenta o filho com o seu próprio sangue.

A própria composição química nas diferentes etapas e, de modo especial, nos primeiros dias denuncia uma adaptação natural do leite às necessidades da criança. Por isso, não deve o filho ser privado dele, pela grande importância que tem no seu crescimento e saúde. Mãe e filho, mesmo depois de separados após o nascimento constituem uma unidade vital. No entanto, por desleixo, a própria mãe pode tornar prejudicial esse alimento do filho. Alguns médicos afirmam que um certo número de cigarros por dia tem influência na composição do leite materno, podendo torná-lo nocivo para a criança. São válidos para sempre estes princípios: «O leite materno foi ordenado para a criança pelo próprio Deus, e a sua sabedoria dispôs quais os princípios alimentares necessários para a lactante. A Providência encheu o seio materno e estabeleceu que ele se esvaziasse através da alimentação do filho. O leite materno é obra-prima do Criador».

O crescimento progressivo da criança e o seu rápido aumento de peso patenteiam o grande poder nutritivo do leite materno. A própria natureza o fornece em abundância e em qualidade, sem necessidade de preparação prévia e sempre adequado às necessidades do filho. Do ponto de vista médico, ainda se poderia acrescentar a capacidade de resis-

tência que proporciona à criança, tendo em vista as doenças e fraquezas próprias do primeiro período de vida de um novo ser.

ATITUDE DA MÃE

A mãe deve amamentar o filho sempre que isso não for de todo impossível. Aliás também ela ganhará com isso, porque favorece o seu restabelecimento físico e serve para manter o equilíbrio nervoso e o bom estado geral. Ainda mais: conservará o encanto da juventude, dignificar-se-á e o seu espírito será mais sensível e delicado. Contaram-me de uma mulher leviana, internada num centro de correcção, que o facto de ter de amamentar o filho recém-nascido tinha contribuído para fazer dela, em pouco tempo, uma mulher séria e honesta.

Não há dúvida de que isso é o que mais convém ao filho. Os seus órgãos, pequenos e frágeis, adaptam-se admiravelmente ao leite materno que nasce da fonte do amor que jamais se extingue. Diz-se que a alimentação pelo leite materno facilita o desenvolvimento das crianças, futuras mães, de maneira constitucional. A unidade de vida entre mãe e filho é tão íntima que nunca mais se repetirá: o corpo, a alma, os anelos e os desejos, as esperanças e os temores comunicam-se ao filho de modo natural e com a maior facilidade. Não é fácil, por isso, substituir o leite materno por uma alimentação artificial que carece das características de cada mãe. A própria natureza lhe proporciona a sua bondade intrínseca, de tal maneira que, de acordo com as estatís-

ticas do médico Zbororsky, só um por cento das mães está impossibilitada de amamentar os seus filhos.

A correspondência entre a natureza do filho e o leite materno é, em geral, tão perfeita que, por vezes, se pode pôr em grave risco a vida da criança quando a mãe o não quer alimentar. Em todos os tempos, as senhoras de classe social elevada, procuraram amas para os seus filhos, mas nenhum favor lhes fizeram com isso. Dentro da relatividade das estatísticas e do condicionalismo médico desses tempos, encontram-se dados suficientemente expressivos. Em Paris, em 1870, a mortalidade dos lactantes alimentados artificialmente ou com ama era de setenta e cinco por cento. Quando a cidade foi sitiada pelos alemães e as mães tiveram de alimentar os seus filhos, apesar das graves dificuldades externas, a mortalidade desceu para dezasseis por cento. Uma estatística de uns anos atrás, dava um índice de mortalidade de onze por cento nos filhos amamentados pela mãe, e de vinte e sete por cento nos outros casos.

O CÍRCULO ALHEIO

Allan Stolz insiste em que os filhos não devem ser entregues em mãos alheias para serem alimentados. Deve antes preferir-se a alimentação artificial. A condição de ama é anti-natural, porque o que Deus lhe deu para o seu próprio filho, vai ela dá-lo a um estranho, a troco de um salário. Por um interesse económico, o seu próprio filho fica privado do alimento necessário para a vida. Sob o ponto de vista moral, também se podem levantar objeções. Com

efeito, as amas serão sempre mães em virtude de um casamento legítimo, ou não terão tido um passado obscuro e duvidoso? Não há o risco de entrarem, através da ama e do seu convívio, germes da malícia e do pecado alheio na criança? Pelo menos, deve exigir-se necessariamente o exame médico destas mulheres antes de começarem a alimentar a criança.

Ainda que não aconteçam coisas piores, pelo menos uma se pode verificar com frequência: o filho sai do círculo materno e afasta-se cada vez mais dele. Esta grande verdade, representou-a com evidência o pintor Grenze em dois dos seus quadros. No primeiro, contempla-se uma mãe que entrega o filho à ama; no segundo, está pintado um rapaz que vem de longe e que procura, não a mãe, mas a ama. Contudo, se não houver outro meio, deve recorrer-se a este ou à alimentação artificial, que é sempre um pobre sucedâneo.

Tudo o que vimos expondo, permite-nos compreender por que razão os grandes moralistas católicos e, sobretudo, Afonso de Ligório, o amigo das crianças e dos humildes, estabeleceram como norma genérica a obrigação que a mãe tem de alimentar os seus próprios filhos.

Não é preciso ser cristão para se compreender esse dever: na antiga Esparta era a própria lei que estabelecia a obrigação de as mães amamentarem os filhos. Não é verdade que isso seja indigno de pessoas de elevada categoria social: o que Deus pôs na natureza é sempre nobre e elevado! Branca

de Castela nunca consentiu, nem mesmo durante a doença que seu filho, o futuro rei São Luís de França, fosse amamentado por outra mulher. Madame Curie, a descobridora do rádio e prêmio Nobel por duas vezes, não julgou impróprio da sua dignidade alimentar os filhos, apesar dos seus múltiplos afazeres. E o melhor exemplo encontramos em Maria, que amamentou o seu filho Jesus. A Idade-Média seguiu este modelo, imortalizado pelos grandes pintores e que deu origem a uma grande devoção popular.

A mãe cristã sabe que é, em relação ao filho, representante de Deus, e não deve, por isso, renunciar irreflectidamente à sua dignidade em favor de outra mulher. Dar a vida a um filho é, sem dúvida, algo de grande, mas é tarefa muito maior e mais difícil o seu crescimento e educação. Uma mãe autêntica nunca permitirá que sangue estranho entre nas veias do seu filho e que seja o sorriso de outra mulher que desperte o espírito da criança para lhe ensinar a balbuciar as primeiras palavras. Não se trata só do alimento do corpo; trata-se do alimento da alma, porque a mãe, tal como o pelicano, alimenta os filhos com o seu próprio sangue.

MATERNIDADE SELVAGEM

Conta-nos o explorador americano William Kirby que certa vez, quando regressava de uma expedição pelos arredores da baía de Hudson, encontrou uma mãe índia, ensanguentada e coberta de feridas. Mandou que a mulher fosse imediatamente tratada e

atendida e fez-lhe, depois, várias perguntas. Estava surpreso por encontrar nessa região, com uma criança ao colo, uma mulher pertencente a uma tribo índia que vivia a várias centenas de milhas dali. A mulher contou-lhe, então, que a sua tribo estava em pé de guerra com uma outra, e que se tinha visto obrigada a fugir. Em certa altura, como se sentisse esgotada, teve de ficar com o filho, no lugar em que se encontrava.

— «E as feridas? — perguntou o explorador. Certamente recebeste-as na luta».

— «Não, — respondeu a mulher a sorrir — as feridas fi-las a mim própria». E mostrou o anzol que estava no chão, junto dela. «Esta carne, que vês no anzol, tirei-a há pouco do meu braço, momentos antes de teres chegado».

O explorador olhou para ela espantado. A mulher prosseguiu: «Há três dias que andava faminta, e o meu peito tinha-se secado por completo. O meu filhinho estava à beira da morte... Que outra coisa podia eu fazer? Arranquei carne do meu corpo, e pu-la no anzol para apanhar peixes e assim o meu filho poder ter outra vez leite...»

A mãe é o mais belo tesouro que o filho tem na terra. Que paz não transparece no rosto do filho quando reclina a cabeça no seio materno! Ao pensar nisto, não me lembro da *Madonna* de Pablo Picasso, lembro-me da *Madonna della Sedia* de Rafael, o príncipe dos pintores. A propósito deste quadro conta-se um interessante episódio: nos intervalos do trabalho, os operários sentavam-se no pátio do Vaticano e as mulheres levavam-lhes o almoço. Entre elas havia uma que trazia uma criança ao colo e o

pequeno, enquanto os homens comiam, sentiu-se, uma vez, no direito de fazer o mesmo. A mãe sentou-se e começou a amamentá-lo. Impressionou tanto a Rafael, a impaciência da criança e o seu posterior sossego, que, rapidamente, pegou no carvão e no pincel e compôs a sua maravilhosa *Madonna*. Nela quis exprimir que «o que de mais belo existe na terra, é a mãe quando pega no filho e o coloca no seu peito para que possa saciar a fome».

A PRIMEIRA INFÂNCIA

Os primeiros tempos, o amanhecer da vida, têm o seu encanto peculiar. Vivemos neles sem consciência da vida e sonhamos, calmamente embalados na carinhosa dedicação de outras pessoas que vagamente pressentimos. Vivemos no meio do mundo e o mundo conhece-nos tão pouco como nós o conhecemos a ele. O mundo ainda não nos pertence e nós também não pertencemos ao mundo; pertencemos única e exclusivamente a um coração, ao anjo tutelar do nosso berço.

Muito devagar primeiro, e com uma crescente intensidade depois, a alma da criança desperta. A princípio boceja, bebe e agita-se; na primeira semana começa a seguir a luz com os olhos; na segunda, presta atenção aos movimentos; na terceira a sua cara começa a tornar-se expressiva; no fim da quarta semana já levanta a cabeça sozinho. No segundo mês começa a balbuciar, e com choros ou com gritos de alegria exprime o seu desagrado ou a sua satisfação.

Passados quatro meses gosta de experimentar tudo, e de despedaçar qualquer objecto que lhe for parar às mãos. Pouco depois começa a compreender algumas palavras, aponta para os diferentes objectos

que estão à sua volta e começa a erguer-se e a pretender caminhar. No fim do primeiro ano aparecem as primeiras manifestações da sua incipiente vontade e poucos meses depois desperta o espírito de curiosidade. Nesses dias a mãe anda de descoberta em descoberta e é feliz. Também o filho se sente imensamente feliz porque dois anjos velam por ele: o anjo da guarda e a mãe.

O ENTARDECER

O sol poente ilumina com os seus últimos raios o berço, a cara da criança e a mãe. Enquanto embala o berço, a mãe rejubila na sua alma e, ainda que o pequeno não compreenda nada, fala-lhe das ovelhas brancas e pretas, das rosas que não têm espinhos, da escada de Jacó por onde subiam e desciam os anjos... e de muitas outras coisas, até que chegue o dia em que o filho já seja crescido.

É nestas horas que brota a canção de embalar, a flor mais bela da poesia da mãe. Com o rosto transfigurado e o coração cheio de alegria, embala a criança e parece que surpreendemos aí um leve fulgor do reino das fadas. Os poetas e os grandes músicos aproximam-se silenciosamente para ouvir a canção da mãe e oferecer ao mundo um pouco da sua beleza.

«Ó bom Deus! ó anjo da guarda!
fazei-me piedoso e bom,
fazei que o meu vestido
bem cedo me fique curto!

Uma canção é a flor do coração, e dela brota o calor da vida. Nada é mais belo do que ver uma mãe a reclinar na cama o filho ao mesmo tempo que da sua boca nasce uma canção:

«Ó meu filhinho! não te mexas tanto,
acalma-te e adormece.
Cantar-te-ei ainda outra canção
e beijarei os teus olhos ao adormeceres.

(MORA FERENC)

A mãe tem um tesouro de canções que nunca mais acaba porque, sempre que o filho desperta, tem de cantar uma nova. As canções de embalar dos nossos grandes poetas são, sem dúvida, mais belas e perfeitas que as que o povo canta, mas à vista delas são como flores artificiais. A mais humilde mulher do povo, que não pensa em altas poesias, sabe dar à sua canção tanta alma e tanto sentimento que a transforma em hino a Deus. O sol, a lua e as estrelas curvam-se diante do berço, tornado assim o centro do mundo. Lá do céu os próprios anjos fitam com curiosidade o filho e passam em silêncio para não perturbar o seu sono. Todas as canções começam assim: «Dorme, meu filhinho, dorme!»

«Dorme, meu filhinho, dorme!
Que chegam as estrelas
e também a lua vem a navegar.
Ó meu berço, berço meu!
Dorme, meu filhinho, dorme!»

O MENINO ADORMECIDO

Então acaba a canção e a mãe, que tão bem cantou, afasta-se nos bicos dos pés, depois de lançar um último olhar para ver se, de facto, o menino adormeceu... Regressa ao trabalho mas o seu coração vela junto do filho. Em breve terá de voltar para o contemplar. Entretanto, a criança dorme e sonha com fadas e contos, anjos e princesas...

Que bela é uma criança adormecida! A mãe não se cansa de a contemplar, porque o que é a vida da mãe nestes primeiros meses senão um constante debruçar-se sobre o berço? No seu amor materno há uma luz sobre-humana, e no seu rosto preocupado há pureza e claridade. A mãe dorme pouco e levemente, porque o pensamento do filho lhe recusa um repouso profundo, mas o seu coração está tão cheio de alegria e de paz que dá a impressão de ser ela quem descansa pacificamente no berço. «Eu durmo mas o meu coração vela». No berço dorme a inocência; quem não velará por ela?

Não é verdade que a contemplação da face de uma inocente criança adormecida enche o espírito de uma paz inefável? A vida não gravou ainda nessa fronte as rugas implacáveis, e o seu coração ainda conserva a pureza das águas baptismas. As preocupações e as penas estão longe. Dorme, meu filhinho, dorme!

Das belezas do paraíso conservou o homem três coisas: a beleza das flores, as estrelas do céu e o bri-

lho inocente dos olhos das crianças. Toda a beleza conflui na face de uma criança quando esboça esse primeiro sorriso que penetra até ao fundo da alma da mãe e converte esse instante num dos momentos mais belos da vida da mulher.

«De tudo quanto existe no mundo nada há de mais belo do que uma criança que sorri. Tu e teu filho riem a três: sim, a três, porque a sua inocência sorri convosco» (M. Kliebe). «A criança é feliz, não conhece a dor e mesmo que a trovoada açoite o seu rosto, sorri cheia de alegria» (E. Kulmann). «Não é porventura uma criança que está a rir ao mesmo tempo que a primavera brota?» (Kranich).

QUANDO ACORDO PELA MANHÃ...

No sorriso de uma criança brilha toda a beleza do amanhecer. «Quando acordo pela manhã sinto-me cheia de felicidade e quando tenho nos meus braços o filho que começa a abrir os olhos e a espreguiçar-se molemente, sinto possuir o tesouro mais rico da terra. Depois, canto-lhe muitas canções para que sempre esteja rodeado de alegria e de felicidade. Um filho, é a própria alegria e, por isso, quando dirige à mãe o seu primeiro olhar, ri-se festivamente tal como se se tivesse dado um grande acontecimento. Então, os beijos da mãe retribuem esse sorriso do filho. O mais cruel castigo que se poderia impor a uma mulher seria este: nunca mais poderás abraçar e beijar o teu filho! O beijo da mãe pode dar a saúde ao filho doente, porque muitas vezes não é o corpo, é a alma que sofre; e, quando a alma está

sã, o corpo melhora facilmente. Esse beijo e essa primeira época da vida jamais se apagarão da memória do filho porque é o momento mais belo da sua existência».

Um simbolismo divino poderia encontrar aqui a sua expressão humana. A Igreja toma a criança sob a sua protecção antes do nascimento, quando os esposos se prometem mútua e eterna fidelidade diante do altar e, mais tarde, abençoa o berço quando, no baptismo, faz da criança um filho de Deus. Quando o filho aparece na vida já não é um estranho, é um dom de Deus esperado com ânsia e com amor. Não há neste mundo nenhum ser que, exceptuando o sacramento do altar, tanto atraia as complacências de Deus como uma criança. O amor de Deus e o amor da mãe encontram-se no filho envolvidos numa profunda e magnífica harmonia.

O BEIJO DE DEUS

O grande teólogo Scheeben vai ainda mais longe quando diz que «o filho descansa no seio da mãe, de quem recebe e continua a receber a vida». O beijo é o sinal exterior dessa comunidade permanente das vidas, como se de cada vez se quisesse comunicar de novo o hálito vital. O beijo da mãe é uma imagem do ósculo eterno que Deus Pai dá ao divino Filho que desde a eternidade descansa no seu seio. O mistério terreno da unidade vital entre a mãe e o filho permite-nos compreender um pouco a insondável profundidade de Deus e pressentir algo

da profundidade, da altura e da imensidade do amor de Deus, três vezes Santo.

Quem melhor do que a mãe penetra no mundo e nas inquietações da criança? O filho ainda não pode falar mas já é compreendido: a mãe entende-o quando ri e quando chora. Porém, com que alegre impaciência é esperada a primeira palavra! Se pudesse saber já por que ri e por que chora...!

Chegou finalmente o dia em que os lábios do filho articulam a primeira palavra, recebida pela mãe como um prodígio. Ao mesmo tempo, a criança começa a dar os primeiros passos e a mãe observa com admiração que o filho é cada vez maior, que se desenvolve e que a alma transparece cada vez mais no seu rosto. A mãe coloca-o no chão e, segurando-o pelo mão, diz-lhe: «vem; vem cá». A criança começa hesitante, depois ganha coragem e... dá os primeiros passos no longo caminho da vida. O sol brilha, as pombas arrulham e os pais estão cheios de alegria...

No primeiro passo a mãe é o objecto e o guia, e o prémio por ter chegado ao fim é um beijo. Quando tropeçamos e caímos, a mãe levanta-nos, sopra nas nossas «feridas» e tudo está resolvido: é o prenúncio da vida futura. Mais tarde, chega o momento dos primeiros sapatos e dos primeiros vestidos. A mãe, em criança, fazia vestidos para as suas bonecas, mas agora a brincadeira tornou-se realidade.

Um homem muito rico guardava os seus tesouros com armas e ferrolhos. Um outro, muito poderoso, vestia-se de púrpura e cingia uma coroa. Alguém

lhes perguntou se eram felizes e eles acenaram negativamente com a cabeça. Porém...

«No limiar da casa está sentada uma mulher e a casa é pequena e humilde. Tem uma criança nos braços e fita-a com amor. Nunca na sua vida teve pérolas ou tesouros, mas eis o que diz ao apertar o filho contra o seu coração:
Eu sou feliz, eu sou feliz...

Os dias da infância são o paraíso da vida. Mas este paraíso seria áspero e frio sem a mãe. O amor sacrificado da mãe é a fonte donde brotam a alegria e a felicidade do filho.

CONTOS E JOGOS

Deus criou o coração da mãe para o amor e a única recompensa do seu carinho é o facto de saber, com alegria, que ama o seu filho e de o ter consigo. Contudo, a maior alegria, experimenta-a quando começa o desenvolvimento espiritual e corporal do filho: a sua expansão assemelha-se a um belo dia de primavera em que tudo começa a florir, e se lançam sementes à terra húmida e os pássaros chilreiam no ar.

Um botão de flor que se entreabre, é belo e é ainda mais bela uma vida que brota, mas a maior beleza que pode existir é a de uma alma que desabrocha. A revelação do espírito proporciona à mãe as mais delicadas alegrias. Até agora ela deu ao filho o seu próprio sangue; a partir desse instante, poderá dar-lhe a própria alma. Até aqui corria entre os dois o mesmo sangue, mas agora começa o diálogo de alma a alma.

O coração materno é o maior e o melhor educador e devemos curvar-nos reverentemente perante a sua grandeza. É ele que repara na primeira manifestação do espírito e nas suas primeiras necessidades e que está plenamente preparado para desempenhar

com o maior cuidado a sua elevada missão. A fragilidade do filho tem o seu amparo, pela segunda vez, no seio do espírito materno.

PERGUNTAS E MAIS PERGUNTAS

Quando uma criança começa a perguntar é preciso ter muita paciência para a ouvir e para responder. Como são interessantes e curiosas as primeiras perguntas de uma criança! Uma mãe criteriosa não se mostra aborrecida em face das perguntas do filho. Não abafa impaciente a chispa que brota, não apaga a luz que começa a aparecer e é ela própria a perguntar. Nessas perguntas revela-se a sua alma e abre as portas ao mundo dos contos.

«Com canções e belas histórias, a minha mãe embalava o meu sono...» (Mécs Lázslò). Para todos os desgostos, grandes e pequenos, do filho, uma bela história é a melhor consolação. Aos dois ou três anos, uma criança já sabe prestar atenção e o mais irrequieto garoto acalma-se para ouvir o conto que a mãe começa a contar...

Ó MÃE, UM CONTO!

Uma das mais caras recordações da nossa infância é a figura da nossa mãe a contar-nos um conto. Na sua velhice, Goethe ainda pensava nos longínquos dias em que, sentado aos pés da mãe, brin-

cava e ouvia contar antigas lendas. Há, sem dúvida, grandes narradores na história da literatura mundial, mas quem atinge o valor da mãe? Quem, como ela, sabe falar de gigantes e de anões, de príncipes e de princesas, de fadas e de castelos encantados? ... A mais humilde das mães sabe contar contos aos seus filhos, ainda que não seja versada na arte de narrar. Deve fazê-lo porque é mãe, e os olhos do filho, grandes e brilhantes, fitam-na com surpresa e admiração. Uma mãe inteligente nunca responde às perguntas do filho com palavras frias e secas, sabe sempre encontrar um conto como resposta.

Tem-se desencadeado, em várias épocas e lugares, uma violenta campanha contra os contos. «Essas histórias ridículas em que os animais se revestem de figura humana e falam, deveriam ter sido, há muito tempo, banidas do mundo e substituídas por temas vulgares da vida diária». Eu, porém, adiro com a maior convicção à opinião do célebre pedagogo Lender de Celles que julga que os contos devem ser cultivados tanto por razões artísticas como por motivos de ordem moral.

Se os contos desaparecessem, a sua perda seria irreparável, porque contribuem para a formação da memória da criança e também da sua sensibilidade moral. Nos bons contos, o mal é sempre considerado como digno de desprezo e de castigo enquanto o bem é premiado e louvado. Nos anos em que se está a formar a consciência da criança, esse instrumento pedagógico não pode ser preterido. De maneira especial, deve velar a mãe por que o filho não adquira o hábito da mentira.

No entanto, Allan Sholz pensa que os contos também têm os seus aspectos perigosos, pela razão de que, quando a criança vê que os contos não se dão na vida real e que não existem castelos encantados ou princesas de fantasia, facilmente pode pensar que os relatos da História sagrada são de um género semelhante. Porém, esse perigo pode ser eliminado se, na medida em que os anos decorrem, se procura chamar a atenção da criança para o grau de realidade e de veracidade dos contos. A sua beleza não reside no facto de que os animais falem, mas no facto de que neles se encontram o bem e o mal, a luz e as trevas, o amor e a felicidade.

Estes contos não devem desaparecer na era da bomba atómica; devem acompanhar-nos até ao fim dos séculos, porque a sua finalidade não é servir de passatempo. O seu fim é a construção do mundo espiritual da criança. Quando contamos histórias às crianças, ganhamos a sua admiração, a sua atenção e o seu carinho e, depois de as terem ouvido durante bastante tempo, começam elas próprias não só a repeti-las como também a inventar outras histórias novas. Não quer isto dizer que toda a criança tenha de vir a ser poeta mas que, por este meio, se encontra no caminho de vir a ser um homem interior de rica sensibilidade e isento de uma exterioridade frívola.

O TEU PRÓPRIO CONTO!

Além do reportório geral de contos, existe sempre um que a mãe costuma contar muitas, muitas vezes. A acção desenvolve-se nos dias da sua própria infân-

sia em que ao colo da sua mãe, também vivia no reino dos sonhos, ainda que se tratasse duma época em que se derramavam muitas lágrimas. A minha mãe contava-me factos da guerra da libertação de 1848 e coisas da minha avó. Para os outros, isto será talvez pouco interessante mas, para mim, constitui um precioso tesouro. Contava-me, por exemplo, como, uma vez, os ladrões tentavam assaltar a casa, quando a minha avó estava a fazer o pão: com a maior decisão e rapidez agarrou um deles com as mãos cheias de massa e atirou-o pela porta fora. Desde então, a figura da minha avó apareceu-me como a imagem de uma grande heroína.

Os contos da mãe enchem de luz o dia, dão paz à alma e abrem os horizontes de um mundo melhor. Selma Lagerlöf, grande escritora nórdica, escreveu: «Já alguma vez observaste, sem dúvida, uma criança ao colo da mãe, a ouvir atentamente uma história. Quando a mãe fala de cavaleiros cruéis e de princesas infelizes que são raptadas, o filho abre os olhos por completo, levanta a cabeça e ouve com atenção; porém, quando começa a falar de coisas alegres e de raios de sol, os olhinhos da criança fecham-se e começa a sonhar adormecida nos braços da mãe...» O conto representa a alegria da criança tal como os jogos são o seu trabalho. Feliz o tempo em que o filho suplica: «Ó mãe, conta-me um conto!»

OS JOGOS

No paraíso da infância, encontram-se os jogos. Enquanto houver crianças no mundo, existirão jogos a rasgar horizontes à felicidade infantil. O seu valor educativo é muito superior ao dos contos, porque exige das crianças uma actividade pessoal e criadora. Goethe sublinha o facto de que uma criança que brinca pode transformar imaginariamente todas as coisas. Uma bengala passa a ser uma espingarda, um pau é uma espada, um pedaço de pano uma boneca. Qualquer recanto da casa se transforma num castelo encantado ou numa cozinha. O trabalho dos pais, o médico, o pai e a mãe tornam-se personagens nos jogos infantis.

Os jogos desvendam à mãe o futuro do filho. Tal como o jardineiro entrevê numa pequena semente a árvore frondosa de amanhã, a mãe adivinha nos jogos dos filhos o homem de amanhã. Quantos planos costuma architectar e com que cores ela pinta o futuro do filho! Nos jogos revelam-se os traços do carácter da criança e neles se pressente o futuro professor, o médico, o sacerdote, a diligente dona de casa, a mãe... Os jogos são como que pensamentos divinos que mostram o futuro em traços vacilantes. Realizar-se-ão as promessas?

Este é o motivo pelo qual nós, os mais velhos, nos sentimos tão comovidos ao contemplar os jogos das crianças. Talvez seja por nos lembrarmos com mágoa de anseios da nossa infância que o capricho do tempo não nos permitiu realizar. Aqui, a criança

é totalmente livre e pode manifestar todos os impulsos do seu interior. A possibilidade de desenvolvimento dessa plena liberdade interior reveste-se de uma grande importância que não podemos menosprezar, porque a criança deve poder brincar livremente. Em Chicago, depois de ter sido construído o grande parque infantil, o número de jovens delinquentes decresceu em trinta e cinco por cento.

Os jogos são a melhor preparação para o trabalho posterior. Despertam as qualidades criadoras e são, na verdade, a atmosfera que a criança respira. Quando é muito pequena ouve o cantar do galo e os gorjeios dos pássaros; depois, passa a imitá-los: assim começam os jogos. Aos seis meses de idade é capaz de brincar horas infindáveis com uma caixa, abrindo-a e fechando-a para acabar por destruí-la. Mais tarde, as meninas fazem falar as suas bonecas: queixam-se e choram e elas têm que as consolar. Por vezes, acontecem autênticas desgraças: quebra-se uma mão ou um pé de boneca. A criança deve cuidar desse ser doente e dedicar-se a ele com amor maternal.

A mãe, contudo, não deve dar aos filhos excessivos brinquedos porque a criança, a breve trecho, se tornará superficial. Tendo poucas coisas, com facilidade pode ser ordenada e isso tem uma grande importância.

Se os jogos têm na vida da criança uma importante função, no entanto nunca ela própria deverá ser considerada como um brinquedo. As crianças devem ser sempre tomadas a sério! E, pelos mesmos moti-

vos, nunca a mãe deve servir para as brincadeiras dos filhos muito embora os poetas a tenham chamado «o mais belo brinquedo da criança». A mãe tutela os jogos das crianças e a sua missão consiste em observar as qualidades destas, a sua coragem ou timidez, a sua sociabilidade ou retraimento. Só quando a criança não tem companheiros é que a mãe deverá intervir nos seus jogos, e é a companheira ideal, ainda que seja preciso sublinhar que a falta de amigos entristece a vida de muitas crianças.

Quando os filhos crescem, procuram a companhia de outros da sua idade. Na rua, no campo, longe dos mais velhos, vivem o seu próprio mundo, a sua grande república infantil, a que os mais velhos não têm acesso. Contudo, ainda que os jogos sejam muito animados, chega o momento em que sobrevém a fadiga. Nesse instante vibra no seu interior um pensamento: a mãe chama! Amigos e jogos são abandonados e a criança corre velozmente para junto da mãe.

CEDO COMEÇA O TRABALHO

Depois dos jogos vem o trabalho. Muito cedo aparece nas crianças a vontade de imitar o trabalho dos pais. Os rapazes vão para junto do pai e as raparigas para junto da mãe. Contudo, além do trabalho intelectual, deve atender-se à actividade física. O trabalho e o desporto são necessários para o desenvolvimento são e ágil do corpo juvenil.

Ainda outra observação. Em algumas famílias, os filhos têm um quarto só para eles, e por vezes, a sua

instalação é excessivamente barroca. Para quê tanta coisa? Será preciso que a própria vida tenha de realizar as necessárias modificações? O quarto das crianças deve ser simples, luminoso e limpo. A arte da educação consiste em proporcionar aos filhos impressões salutares e o homem sofre poderosamente a influência do meio em que habita. Três coisas deve haver sempre nos quartos das crianças: a imagem de Maria, a do anjo da guarda e, junto delas, o retrato da mãe.

DE MÃOS JUNTAS PARA ORAR

A mãe considera como a coisa mais importante o despertar da alma no pequeno corpo do filho. Para ela, não se trata apenas dum ser vivo que come e bebe e se desenvolve até se fazer homem; sabe que o corpo mais diminuto tem uma alma imortal e que está chamado a possuir a glória de Deus.

O filho é um dom e, ao mesmo tempo, um enviado do Senhor. Nos seus lábios inocentes resplandece um sorriso divino e luminoso que se reflecte neles como o sol nascente nos nevados cumes das montanhas. O primeiro olhar da criança revela as ânsias da plenitude da luz de Deus e marca, para a mãe, o início de uma época em que, pela segunda vez e dolorosamente, deve gerar o filho para Deus.

OLHARES PERSCRUTADORES

Os primeiros olhares do filho em que transparece o espírito de curiosidade causam uma profunda impressão na alma da mãe, que deve estar prevenida no momento em que a criança contempla o

céu com admiração e começa a perguntar. Desde o primeiro momento, surgem os interrogatórios sobre os problemas mais profundos da vida, sobre o porquê de todas as coisas. As crianças têm sede de ouvir falar do Criador do céu e da terra e do Pai que está nos céus, e quando a mãe, com uma admiração análoga, começa a falar das estrelas e anjos e do bom Deus, fazem juntos a primeira oração.

Inicialmente é uma oração pequena, mal exteriorizada, mas esse olhar admirado é de per si uma autêntica oração. Se a nossa vida deve ser verdadeiramente profunda, só chegará a sê-lo se não nos esquecermos de saber admirar, porque a admiração reverente é o começo da sabedoria. Quem souber admirar, desvendará, em cada dia, novos mistérios e chegará, finalmente, a contemplar a face de Deus.

A fé não deve iluminar só o crepúsculo da nossa vida; deve estar presente no primeiro amanhecer. Um homem que ora é a figura mais bela de toda a criação porque na oração atinge o homem a sua última plenitude. No entanto, de entre todos os seres que oram é a criança quem, pela sua inocência, maior emoção nos produz. A mãe, como auxiliar de Deus e como guia para chegar a Ele, ajoelha-se ao pé de seu filho e assim realiza as palavras do Senhor: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles». Rezar de manhã, quando o filho abre os seus olhos para um novo dia, e rezar à noite, quando vai entregar-se ao descanso.

Klemmens Brentano conta que a mãe nunca enviava os filhos para a cama sem lhes fazer antes na frente o sinal da cruz. Quando alguma vez, por acaso, regressava tarde a casa e as crianças estavam deitadas, aproximava-se silenciosamente de cada uma delas para não deixar de dar a bênção habitual. Talvez no decorrer dos anos possa desaparecer a vida religiosa, mas esta primeira oração fica sempre gravada no mais íntimo e em qualquer momento pode ressurgir. Um «filho perdido» que na infância aprendeu a rezar nunca está de todo perdido. A sua primeira oração levá-lo-á de novo para Deus.

A MÃE, SACERDOTIZA

O dever mais sagrado da mãe consiste em ensinar o filho a rezar. Ensina-lhe a levantar o seu olhar para o céu e a esperar dele o bem, o consolo e a ajuda. Ensina-lhe a reverenciar a santa cruz do Senhor e a beijá-la com devoção. Nestes primeiros anos, a mãe é sacerdotiza e mestra do filho, através da sua própria vida.

Quando o filho cresce, deve integrar-se paulatinamente na oração familiar. Pai, mãe e filho constituem uma pequena igreja e na igreja é preciso rezar. Ainda me lembro com alegria do tempo da minha infância! Eu e os meus dois irmãos rezávamos com a mãe o Pai nosso, a Avé Maria, o Credo, os dez mandamentos da lei de Deus e os cinco da Igreja. A princípio, pensávamos que tudo eram orações vocais e não reparámos que, por esse meio, a nossa mãe tinha começado a nossa instrução religiosa.

Mesmo antes de irmos à escola, guardávamos o jejum alguns dias por ano. A mãe foi a nossa primeira catequista, que nos instruiu sobre as cerimónias do ano litúrgico. Sem disso nos apercebermos, íamos adquirindo abundantes conhecimentos religiosos e a nossa união com a Igreja era algo de tão natural como o ar que respirávamos ou a presença da nossa mãe.

Alegra-me também a recordação da primeira vez que nos levou à igreja: «Alegrei-me quando me disseram: vamos à casa do Senhor». Alguma «prudente» devota terá, porventura, ficado aborrecida por termos sido levados tão novos à igreja mas, para nós, foi muito bom, porque as almas infantis devem encontrar-se num ambiente imbuido de sobrenatural o mais depressa possível.

A MÃE, PROFESSORA

Uma criança que tenha recebido instrução religiosa numa família verdadeiramente cristã sabe muitas coisas que uma outra, sem esses meios, terá de aprender com muito esforço. Conhece o sinal da cruz e sabe que existe uma vida eterna. A mãe pôs na sua alma o temor de Deus, criador do céu e da terra, como o mais precioso tesouro. Antes de ir à escola conhece tudo o que diz respeito ao Paraíso, à serpente, a Caim e Abel; sabe do nascimento de Cristo em Belém, da multiplicação dos pães, dos muitos milagres do Senhor e do seu amor pelas crianças que o levou a dizer: «deixai que as crianças venham a mim e não lho proibais»; e sabe

também dos seus sofrimentos e morte e ascensão aos céus.

O filho de uma mãe cristã conhece perfeitamente os fundamentos da nossa fé e o teólogo mais sábio não lhe poderia ensinar coisas novas. Uma vida que está edificada sobre estes fundamentos é como uma casa construída sobre rocha firme: as tormentas e as chuvas não poderão destruí-la. Eötvös disse: «Podemos buscar a Deus com as forças da nossa inteligência mas encontrá-lo-emos primeiro através do coração». Esse caminho da entrega total do coração a Deus é a mãe que no-lo ensina.

As mães ricas podem deixar aos filhos uma rica herança de bens materiais mas nunca um bem mais valioso que a fé. Se qualquer mãe humilde não puder deixar a seu filho outro tesouro além da fé, deixou-lhe, sem dúvida, uma boa herança. Talvez o filho não o reconheça, de início, mas, no último momento, compreenderá quanto vale a mãe piedosa.

A experiência dos directores de almas e dos professores conclui que a alma das crianças está mais aberta ao sobrenatural que a alma dos adultos. Compreende-se assim o grande cuidado do Senhor pelas almas das crianças.

DESCOBERTA NO MUNDO

A segunda estrela da cauda da Ursa Maior tem o nome de Misar e perto dela encontra-se outra da quinta grandeza chamada Alkor. Constituem juntas uma das chamadas estrelas duplas que seguem uma trajetória circular com distâncias variáveis entre elas. Segundo o astrónomo Henseling, a conexão entre as duas estrelas vai diminuindo até se quebrar e se tornarem independentes uma da outra. Nesse instante, começa outro processo de divisão.

A PONTE DESTRUÍDA

Os anos da infância, alegres e descuidados, passam com a rapidez do voo de um pássaro. Mesmo uma santa, a pequena Teresa do Menino Jesus, dizia com saudade: «Os dias luminosos da minha meninice voaram com asas feridas». O reino das fadas, a felicidade infantil, o remanso da alegria serena, tudo acabou. A ponte está destruída e já não mais existe a época que não conhecia limites nem horas.

Começaram a chegar os dias em que é preciso percorrer um caminho com um fim determinado e

necessário. A criança tem que estudar e a vida coloca nos seus ombros um peso desconhecido: o dever quotidiano. O tempo passa e não cuida de que o áspero ruído das suas rodas seja para muitos motivo de sofrimento; pode esmagar e fazer doer a mão ou o pé mas ele está habituado a caminhar sobre corações ensanguentados. Na medida em que a criança se desenvolve, a sua sombra cresce e o tempo começa a realizar a sua obra. Uma profunda saudade começa a invadir o coração daqueles que cuidaram da flor porque o lar deixou de ser um ninho e os pássaros voaram...

A ESCOLA

Antes de ter ido à escola, tinha eu ouvido muitas vezes em minha casa estas palavras: «Quando fores crescido e tiveres de ir à escola...». Com isso queriam dizer: «Então começará para ti a vida séria e passarás a fazer parte do círculo dos mais velhos...» Séria, muito séria é a escola. Sobre a porta de todas elas poderiam escrever-se estas palavras: *Virtuti et scientiae*, à virtude e à ciência.

O berço da escola moderna é a Igreja. A educação chegou ao nosso país de braço dado com o cristianismo e é por isso que a Igreja é a mãe e a escola dos nossos filhos. A escola é o fundamento do futuro, mas nela se esconde e palpita um passado de vinte séculos e toda a história espiritual da Igreja. Na verdade, é o segundo berço da família, do povo e de toda a nação, como um campo em que, na primavera, florescem as sementes. No entanto,

se uma mão inimiga semear joio entre a boa semente, corrompê-se a semente dos homens e também a semente de Deus.

As escolas são como cidades fortificadas em que se trava por todos os lados um violento combate para conquistar as almas das crianças. Todas as correntes de pensamento e os partidos políticos tentaram fazer dos jovens os janízaros das suas ideias... mesmo contra a vontade e apesar dos enérgicos protestos dos pais. Tomaseo diz com toda a razão que «se a escola não for uma casa de Deus acaba por ser uma cova de ladrões». O Santo Padre repetidamente condenou a escola laica, sem qualquer instrução religiosa e o sistema de co-educação.

A SEGUNDA MÃE

Depois de uns bons pais, uma boa escola é o maior bem que se pode esperar. Alcuino, o célebre educador de Carlos Magno, esclareceu o profundo significado que a escola encerra através de uma imagem tirada das letras do alfabeto. No alfabeto, há vogais e consoantes. A vogal tem som por si própria e é por isso imagem da alma, que actua por impulso próprio. Pelo contrário, a consoante precisa do auxílio alheio para se ouvir e é símbolo do corpo, que necessita da alma. O mais importante é, pois, a educação da alma e do espírito. A escola recebe uma criança informe das mãos da mãe e depois de alguns anos entrega-a ao mundo já formada, pelo menos em teoria.

O mundo abre-se diante dos jovens com todos os seus objectivos e todas as suas tarefas. No caminho, porém, aparece a figura do professor, que pode ensinar e guiar para as alturas ou para o abismo. A maior recompensa de um educador, diz Alcuino, é o progresso do seu discípulo. Pode um homem viajar por todo o mundo, pode recolher milhares de impressões, mas nas horas silenciosas de recolhimento interior, ao lado da imagem da mãe aparecerá sempre a recordação da sua segunda mãe, a «alma mater», a escola que desenvolveu os dotes do seu espírito e lhe deu uma segunda vida.

Na verdade, o nome de «alma mater» costuma ser aplicado aos centros de estudos superiores mas no seu sentido mais profundo, é possível aplicá-lo com justiça a qualquer género de escolas. A descoberta de um talento ignorado deve-se, muitas vezes, às simples indicações de um modesto professor primário. Hoje em dia, as fontes da ciência estão próximas de nós, mas convém, no entanto, que nos lembremos do passado. Conta-se de Carlos Magno que nos últimos anos da sua vida decidiu aprender a ler e a escrever. À cabeceira tinha constantemente um quadro para aprender as letras, mas nunca a sua rude mão conseguiu habituar-se a elas. Para ele era mais fácil empunhar a poderosa espada que pegar na frágil pena. «Porque as letras não devem ser tidas em pouco, como se fossem coisas pequenas e sem valor, pois que sem esses elementos não se podem construir os grandes edifícios». Para a criança que começou a frequentar a primeira classe, as letras são coisas muito importantes.

O santo Abade Doroteu (†560) tinha, na sua juventude, tal horror aos livros que chegou a dizer: «Prefiro pegar numa serpente com as minhas mãos do que num livro». No entanto, quando começou a conhecer essa riqueza ignorada, reconheceu que nela estavam as fontes da vida verdadeira. Devemos ser muito compreensivos ao encontrar em algumas crianças uma profunda antipatia pela escola. Quando a criança atravessa o limiar da casa, esse passo é para ela tão importante e tão decisivo como para César a passagem do Rubicão.

Precisamos de compreender a alma e os sentimentos da criança. Com as primeiras aulas começa a seriedade da vida e, o que é muito importante, a criança encontra-se pela primeira vez na companhia de estranhos, entre os quais terá que passar a vida. Por outro lado e ainda que mais tarde o professor venha a ser uma espécie de autoridade sobrenatural e infalível, nos primeiros momentos também é um estranho. Uma nova família de pessoas desconhecidas em que, além disso, aparece uma outra exigência: a lição, o dever. A partir desse instante, a criança vê-se obrigada a realizar todos os dias um trabalho com ordem e pontualidade. Ao entrar pela primeira vez na escola fecha-se súbitamente a porta do mágico paraíso infantil e nenhum poder humano será capaz de a voltar a abrir. Começou para ela a peregrinação pelos caminhos da vida e é como um hóspede que regressa diariamente à casa paterna.

Este primeiro momento representa uma enorme ruptura na vida íntima da criança. É por isso com-

preensível que, por exemplo, Santo André Fournet (1834) fugisse da escola para se refugiar junto de sua mãe. As figuras do grande pintor Verescsagin (1842-1904), educado num colégio, são verdadeiramente impressionantes: «Meu Deus, como me agarra-va eu ao vestido da minha mãe! Não queria separar-me dela e chorava e gritava. Mal puderam arrancar-me a ela. É terrível separar um filho da mãe e entregá-lo a desconhecidos. Parece-me até um pecado!»

Estes primeiros dias não são decisivos só para o filho. Na vida da mãe gravam um sulco profundo e ela compreende então as paradoxais palavras de Chesterton: «A mãe perde o filho quando o deu à luz!» A vida pública arranca-o das suas mãos e exige os seus direitos. Roubaram à mãe o seu precioso tesouro.

O JOVEM CAMINHANTE

Com o início dos estudos, o filho separa-se da mãe, até que acaba por desaparecer por completo, envolto num longínquo nevoeiro. O pórtico luminoso da ciência abre o caminho para uma escuridão desconhecida onde aguardam múltiplos combates e dificuldades. O coração materno sabe que a escola pretende auxiliar o filho no seu aperfeiçoamento e na sua procura da felicidade e sonha com um futuro magnífico, mas também estremece ao pensar que muitas vezes a escola não ensina como se adquire a felicidade e, pelo contrário, mostra como se pode perdê-la.

Nos olhos da criança brilha a inocência, e na sua alma ainda transparece uma pureza imaculada. A solicitude da mãe quereria que o filho nunca abandonasse o lar; fora dele esperam-no lutas e amarguras, amigos que a mãe não pode escolher e que podem ser bons ou prejudiciais. Lá fora está a rua que não é precisamente a continuação do ambiente sagrado do lar e lá está a linguagem depravada, os cartazes dúbios, os jovens debochados que provocam o despertar das paixões. Tudo está à espera do filho inocente para se atirar a ele e lançá-lo no lamaçal. É profunda a pergunta que faz Thackeray: «Ó mãe, reconheces, na verdade, o teu filho quando regressa da escola?».

Em que atmosfera intelectual se encontra o jovem quando, depois de abandonar o ensino primário, começa os estudos liceais? A formação histórica é apenas o conhecimento de guerras e batalhas e nada se diz da intervenção de Deus, apesar de ser ele o Senhor da História. A beleza formal dos clássicos gregos e latinos é realçada com grandes louvores e do decisivo encontro entre a antiguidade e o cristianismo pouco ou nada se fala e, quando o fazem, a Igreja é apresentada de uma maneira torcida. Que ouvem dizer os estudantes liceais do florescimento tardio da antiga literatura, dos Padres da Igreja gregos e latinos, do grande Agostinho e dos hinos sagrados? Os mitos antigos recebem, porventura, uma interpretação cristã? Eis uma grande oportunidade para fazer dos jovens «formados» autênticos cristãos que se orgulhem de o ser e que sejam capazes em qualquer altura de «dar testemunho da sua fé», como diz São Pedro. As escolas deveriam

ser cidadelas da ciência e da fé e pórticos para chegar a Deus mas hoje em dia são torres da Babilónia, gigantes sem fé que inoculam nos espíritos juvenis o gérmen do cepticismo e da dúvida para maior angústia das mães cristãs.

NO ALTAR DE DEUS

Os acontecimentos religiosos constituíam outrora grandes festas de família, tal como o dia da comunhão solene ou o dia em que os rapazes começavam a ajudar à Missa. No entanto, Sebastião Brunner faz notar que costuma meter-se muito orgulho nos rapazes quando intervêm em funções eclesiásticas. Consideram-se seres de outro mundo e sabem que o povo está a contemplá-los e talvez os amigos tenham inveja deles.

Estes sentimentos negativos podem ser orientados por uma mão prudente e um experimentado director. Todas as situações têm os seus perigos e oferecem em si possibilidades de os gerar. É preciso explicar às crianças a grandeza que implica estar na presença do Senhor e exercer o ministério dos anjos. Os olhos das crianças brilham e as possibilidades de desviar-se são anuladas. Na sua alma desperta o sentido da grandeza divina e com isso recebem novas forças. Também a alma da mãe recebe novas forças quando orienta o filho por este caminho e é então que se verifica o que diz a Escritura: «Educa o teu filho e ele te dará muitas alegrias».

A maior alegria da mãe terá lugar quando os filhos, feitos homens, regressarem de novo ao lar. En-

quanto são pequenos afastam-se da mãe porque são como os pássaros que querem experimentar as suas asas. Chegará, porém, o dia, quando o filho for crescido, em que, já homem estimado e de prestígio, terá alcançado tudo o que a mãe esperava dele. Poderá então alegrar-se e dizer: «Este homem que é honrado e querido, que tanto representa nas vossas vidas, é meu filho. A minha vida não foi inútil». E é assim que a plenitude do filho enche também a vida da mãe.

«Sim, meu querido passarinho, vais-te embora a voar, lanças-te no redemoinho da vida agitada e tormentosa. É ela que te arrasta. Olhas para mim e o teu olhar é uma despedida. Ainda que desapareças do meu horizonte, a minha amorosa dedicação seguirá silenciosamente as tuas pisadas e os teus caminhos com passos invisíveis. Não te sentirás cansado quando estiveres longe do ninho quente e macio?... Mas vai meu filho; o beijo da mãe será o teu companheiro e o teu pão quotidiano!»

N O C A M I N H O

O homem é um eterno caminhante entre dois mundos. Mal começa a contemplar a luz do dia, já tem que enfileirar na enorme multidão de peregrinos e caminhantes que se dirigem para o seu futuro destino. Não é possível parar. Avante, sempre avante! Uma multidão de desconhecidos, de seres ainda sem nome que aspiram a existir, os impele para a frente.

A vontade de Deus não quer somente que a mãe coloque o filho no grande caminho da vida; quer que pegue nele pela mão e que o guie e oriente até ao momento em que possa caminhar por si só. Com a sobriedade que lhe é habitual, diz S. Tomás: «A natureza não quer unicamente que o filho seja dado ao mundo pela mãe; quer que seja educado pelos pais». E as leis da Igreja, que estabelecem como fim primário do matrimónio a procriação, falam ao mesmo tempo da educação dos filhos, dizendo expressamente que é este o mais grave dever dos pais. Uma criança é algo de muito valioso e ao mesmo tempo dotado de uma grande fragilidade; é por isso evidente que Deus, quando põe em mãos de alguém a educação de um ser, lhe confia uma missão muito delicada. A mãe não o é somente por ter dado à

luz um filho; tem de o ser também pelo trabalho de educação, que constitui a autêntica plenitude da maternidade.

A PRIMEIRA ESCOLA

A família, e especialmente a educação materna, são a base e o fundamento do desenvolvimento posterior do filho. Decide-se aqui o futuro das qualidades e das características recebidas pelo nascimento e, como o pai desenvolve as suas ocupações fora do lar, a maior parte da educação recai sobre a mãe. Os cuidados e a formação física do filho são, nos primeiros anos, incumbência exclusiva da acção materna e é através dela que se decide uma grande parte da formação moral e espiritual.

«A mãe é o reitor magnífico desta universidade. É Sócrates para a criatura que começa a elaborar os primeiros conceitos. É João Baptista que indica ao filho quem é o Salvador. É a mãe espiritual do Senhor, porque fala do Pai que está nos céus...» E ainda seria possível continuar as analogias que o bispo Michael Sailer (1751-1832), com elevada penetração e inteligência, estabeleceu. De S. João Crisóstomo é, porém, a expressão clássica: «Nada há de mais elevado que formar as almas dos jovens e instruí-los na virtude».

A educação do filho começa com o nascimento: pretender iniciá-la mais tarde não é tarefa muito fácil, porque, desde o primeiro momento, o homem tem o seu carácter peculiar. O novo ser traz consigo características físicas, anímicas e espirituais que lutam

por manifestar-se com a pujança impetuosa de um rebento; eis o motivo por que a mão prudente da mãe tem de começar logo a afastar todas as raízes prejudiciais. Os primeiros anos da vida têm, para sempre, uma importância excepcional. A cultura, a ciência e as línguas podem ser aprendidas mais tarde, mas a formação de um coração generoso e de princípios de vida inabalável, só pode ter lugar nestes primeiros momentos.

Os princípios cristãos da educação exigem a formação integral do homem, do seu corpo e da sua alma. A educação familiar deve ter em vista os dois aspectos para atingir a unidade harmónica entre o corpo e a alma que seja para a glória de Deus e honra dos homens.

A FORMAÇÃO DO CORPO

A educação física, que começa antes do despertar da consciência, é orientada para o fortalecimento e protecção da vida e da saúde. No entanto, a criança deve habituar-se paulatinamente a observar uma certa hierarquia e a subordinar as exigências físicas às espirituais. Não se deve fazer do homem um asceta budista que despreze o corpo ou um materialista que ignore a alma; deve fazer-se dele um cristão equilibrado que se preocupe com harmonizar corpo e alma, por serem ambos dons de Deus.

O corpo humano tem uma grande dignidade e a mãe deve ganhar consciência disso logo de início. É representante da providência de Deus e deve tratar e tocar o corpo da criança como algo de sagrado, de

maneira que transpareça essa atitude de respeito. Ainda que o filho não reflita, presente com que mãos é cuidado. Mas deve também ser introduzido, desde o início, no espírito de disciplina e de sacrifício. O excessivo mimo não procede de um verdadeiro amor pelo filho mas de uma frívola sensibilidade. Uma boa educação física é, ao mesmo tempo, uma boa educação do espírito.

As reacções anímicas do filho devem ser cuidadosamente observadas, para que seja possível a sua recta orientação. A consciência da criança desperta entre os três e os seis anos e manifesta-se por um impulso poderoso na procura da verdade. Por meio de perguntas incessantes, quer ganhar depressa a experiência dos mais velhos e, por vezes, não é fácil encontrar respostas oportunas às infinitas curiosidades dos filhos. A mãe deve encher-se de paciência e servir-se dessas perguntas constantes para a formação espiritual da criança. Aos olhos do filho, ela torna-se servidora da verdade e nenhuma pergunta deve ficar sem resposta. No entanto, uma resposta nunca deve ser dada nos termos em que se daria a uma pessoa crescida; é preciso adaptar todas as coisas à capacidade de compreensão de cada criança. Ninguém pode compreender isso melhor do que a mãe e as suas respostas são sempre o melhor elemento educativo.

EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO

Mais cedo do que seria de esperar, chega o momento em que é preciso dar às crianças alguma resposta sobre o belo, o bem e a verdade, sobre os pro-

blemas de Deus, a alma, a morte e o além. Mécs conta que «a mãe pôs discretamente na sua boca infantil o nome de Deus». Mas também o mal desperta na criança antes de tempo.

O primeiro fulgor da inteligência, o primeiro balbuciar das palavras são o momento oportuno para fazer compreender alguma coisa acerca de «Aquele que está mais alto que as estrelas». As crianças têm uma sensibilidade especial para o que é santo. É o momento de falar do Menino Jesus e as ensinar a rezar com as palavras e com o coração. A mãe de S. Clemente Hofbauer, pouco depois do falecimento do pai, colocou a criancinha diante de uma cruz e disse-lhe: «Desde agora, este será teu pai!» Ao longo da sua vida nunca o santo esqueceu essas palavras.

Em qualquer época e para qualquer idade, os santos são os modelos eternos. Francisco de Sales conta que, na infância, ouvia ler à sua mãe as vidas dos santos e Santa Teresa ficou tão impressionada ao conhecer as hagiografias que, sendo ainda uma criança, fugiu da casa paterna para ir a terras de infiéis e ser martirizada. Erna Haider (1916-1924) venerava com fervor o seu anjo da guarda e todas as noites lhe confessava as suas faltas. As crianças compreendem com maior facilidade as vidas dos santos e fixam-nas melhor do que se se tratasse de uma doutrina profunda. Surge nelas o pensamento de que devem fazer como eles; ou melhor: eu *posso* fazer como eles.

Hoje em dia fala-se muito de educação e, no entanto, talvez nunca, como hoje, ela tenha sido estabe-

lecida em bases tão deficientes. Constrói-se sobre areia em vez de construir sobre rocha firme. Eduquemos as crianças como filhos de Deus, como cristãos que o são de coração e não apenas de nome e conseguir-se-á o mais importante. Nada pode substituir a fé: e sobre esse fundamento poderão crescer harmônica-mente as forças do corpo e da alma. Depois de ter ensinado a evitar o pecado, venerar a Deus e amar a virtude, pouco mais falta fazer. Estas palavras, porém, tornaram-se tão vulgares que é preciso enchê-las de um sentido novo e profundo. Devemos aprender outra vez que é algo de verdadeiramente grande o conhecer a Deus, orar e orientar a vida segundo a vontade divina. Também aqui se aplicam as palavras do Senhor: «Buscai primeiro o reino de Deus e o resto vos será dado por acréscimo».

Eis o motivo por que a mãe deve pedir para si e para o seu filho o espírito de fortaleza a fim de não se curvar perante a fraqueza da criança e poder conduzi-la com pulso firme como um piloto através da tempestade. Eis o único fundamento necessário para o futuro e nunca o filho se esquecerá dele. De modo expressivo diz De Maistre: «Se a mãe considerar como seu primeiro dever fazer o mais depressa possível o sinal da cruz na fronte do filho, poderá ter a certeza de que nunca esse sinal se apagará por obra do pecado».

MÃO FIRME

É necessário dizer aqui algumas palavras sobre a disciplina e a autoridade. O apóstolo Paulo escrevia: «Educai os vossos filhos numa severa disciplina».

«Um filho que na juventude foi criado sem disciplina, traz a desonra para a sua mãe». «Se tiveres filhos, educa-os desde os primeiros anos. O coração da criança inclina-se para o mal, mas a disciplina rigorosa leva-os para o bem».

A Igreja reprovou sempre o pensamento naturalista que entrega a criança à sua própria iniciativa e que, em vez de levar à liberdade dos filhos de Deus, leva à escravidão das paixões. É um erro extraordinariamente perigoso pensar que a criança será boa se se lhe permitir crescer de uma maneira natural. Na realidade acaba por ser um autêntico selvagem.

O barão Wilhelm Ketteler (1811-1877) conta que a mãe lhe mandava vestir a ele e aos outros irmãos, somente um fato de tecido simples, quer no inverno quer no verão, quer em casa quer fora dela. Só quando atingiu os dezoito anos é que recebeu a primeira capa. Todos deviam levantar-se de manhã muito cedo e quem não estudasse com intensidade era privado dos pratos preferidos. Na primavera, quando a água ainda estava bastante fria, deviam tomar o banho ao ar livre e as suas queixas de que não se encontravam bem não mereciam grande atenção à mãe. Desta disciplina nasceram verdadeiros homens que tiveram um papel importante na vida e essa magnífica educação juvenil era recordada com orgulho por Ketteler depois de ser bispo de Mainz e um grande reformador social. Um bloco de mármore precisa de um duro cinzel para vir a ser uma obra de arte e as mãos da mãe têm de ser enérgicas para cinzelar o espírito do filho.

Christoph Schmid (1768-1854) conta que a mãe tinha habituado os cinco filhos a comer qualquer alimento. «Há pessoas adultas — dizia-lhes ela — que não podem comer desta carne ou daquela verdura apesar de terem boa saúde e é sintoma de que não receberam uma boa educação porque esses costumes devem ser arrancados desde o princípio. Fora das refeições, não nos permitia comer e não nos dava nada para mordiscar de vez em quando».

Depois do sol posto, os filhos nada têm que fazer na rua. A partir dessa hora, as ruas pertencem às forças do mal e nada de bom podem aprender se andarem a divagar por elas. Mesmo nos jogos, a mãe deve estabelecer uma certa ordem e um certo sentido de disciplina. Quando o filho, nas suas corridas pela casa, tropeça com as mesas ou com as cadeiras, a mãe não deve chamar «má» à mesa ou «estúpidas» às cadeiras. A criança deve aprender a saber sofrer um pouco e a ter mais cuidado no futuro. A demasiada compaixão é prejudicial.

PUREZA INTERIOR

A pureza de alma das crianças deve ser cuidada pela mãe com especialíssima dedicação, porque a pureza e a delicadeza interior são pressupostos do verdadeiro carácter. A pureza da alma infantil é como o cristal e basta um só hálito para a embaciar. A mãe nunca pensa que o filho é ainda muito novo e que ainda não compreende. Por isso põe especial atenção nos jogos das crianças, e procura evitar os excitantes da sensibilidade do filho e tudo quanto

possa fazê-lo mole e sonhador. Certas bebidas ou comidas, a solidão, o excessivo comodismo nas posições, etc., são prejudiciais. Na mesma ordem de ideias, é preciso pôr em relevo, com insistência, esse facto do problema habitacional, que obriga a deitar as crianças na mesma cama. Deve ser evitado sempre que for possível.

Os pedagogos constataram o facto de que sessenta por cento das crianças atravessaram, dos três para os seis anos de idade, uma grave crise moral. Pode acontecer que nesses anos da infância estejam a faltar, à sua maneira, contra o sexto mandamento sem que os pais tenham a menor suspeita. O abraçar e beijar demasiado as crianças nem sempre é conveniente e um bocado de aspereza não faz mal nenhum. Oxalá todas as mães tenham o dom de educar os seus filhos na mais rigorosa moralidade e na mais delicada pureza!

OS BAILES E A ALEGRIA

Tudo o que dissemos está relacionado com outro tema importante que convém examinar: o baile e os desportos. O baile provocou frases muito duras dos Padres da Igreja. Tertuliano chama ao salão de baile, o templo de Vénus, e Santo Ambrósio o túmulo da inocência e o sepulcro do pudor. João Baptista foi decapitado pelo capricho de uma bailarina, a filha de Herodíades.

Que pensamos, hoje em dia, dos bailes? Um pouco mais benignamente, muito embora um homem prudente não possa esquecer que os bailes prematuros

e a presença em salas de bailes, coincidem frequentemente com a perda da castidade. Para algumas pessoas, o baile moderno é um simples e tresloucado desenfreado, mas para outros encerra em si um grave perigo moral.

O baile baseia-se na relação dos dois sexos e é uma embriaguez erótica ao ritmo dos movimentos. A frivolidade e a ânsia de agradar da mulher intervêm na maioria dos casos. Com toda a razão diz Rathgeber: «Enquanto o fumo dos cigarros e os variados perfumes das mulheres fatigam os que dançam, a música excita-os cada vez mais. O álcool aquece mais os corpos enervados em vez de os moderar. Nessa altura, muitos perdem o domínio de si mesmos e a paixão excitada corta as flores com cupidez selvagem. Isto pode acontecer tanto numa valsa como numa dança moderna».

No entanto, não podemos condenar absolutamente o baile. Há também um baile belo e elevado que pode ser alegria dos anjos do céu e que alegra o próprio Deus. Do rei David conta a Escritura que, móvido pela alegria do seu coração, dançou diante da arca da aliança. O baile é, por isso, expressão de alegria e na própria Idade-Média ouvimos falar dos «bailarinos e músicos de Nossa Senhora». Do baile se poderia dizer o que diz o provérbio: «Para o puro, tudo é puro, para o impuro nada é santo».

Um salmo diz: «Feliz o povo que ainda se pode alegrar!». Oxalá a nossa juventude pudesse fazer simplesmente isso: dançar e alegrar-sé! Seria verdadeiramente belo que se ressuscitassem os antigos bailes

populares e tivessem lugar sob os olhos solícitos das mães. A nossa missão não pode ser a de decidir sobre cada uma das formas de dança. Essa é a tarefa dos cristãos do mundo, dos jovens bem formados na fé, que cresceram no sentido do temor de Deus e que podem resolver os problemas como verdadeiros filhos de Deus. É preciso que Cristo esteja nas vossas alegrias e nos vossos bailes e então o espírito do mal não poderá ter aí nenhum lugar.

Vale a pena dedicar ainda uma palavra aos desportos. O cuidado racional do corpo não é apenas um problema que diz respeito à saúde, é um autêntico dever. A mulher que possui um corpo bem formado e forte pode suportar mais facilmente as fadigas da maternidade e, por isso, a juventude deve praticar os desportos. Porém, não irreflectidamente e pelo simples amor do desporto, porque uma dedicação é clara manifestação de vacuidade de espírito. O mais importante há-de ser sempre a formação da alma e, por meio do desporto, o corpo deve ser submetido a uma disciplina severa para que possa servir útilmente o espírito.

AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA

Onde existe temor de Deus e verdadeiro amor pelos filhos, nasce espontaneamente a autoridade dos pais, esse poder que é o mais inabalável de todos os poderes da terra quando, em vez de se basear exclusivamente na força, tem os seus fundamentos no amor, na bondade e na confiança mútua.

Não se deve, contudo, deduzir que a severidade não faça parte da autoridade paterna. Diz a Sagrada Escritura: «Se tiveres filhos, educa-os e submete-os desde a infância. Se tiveres filhos, cuida do seu corpo. Quem ama a seu filho, submete-o a uma firme disciplina para, no fim, poder receber muitas alegrias». O filho educado com certa severidade tem na vida maior capacidade de resistência. É necessário, contudo, que os castigos sejam sempre justos e prudentes, e que o castigado veja que merece punição e que aqueles que a impõem, sofram ao fazê-lo.

Ainda que se sintam encolerizados, nunca os pais devem levar o castigo além do que for justo nem devem perder o domínio de si mesmos. As injúrias ou os insultos devem evitar-se por completo e as faltas devem corrigir-se uma por uma e a sós. Dessa maneira o filho compreende que o amor, a dedicação e o seu próprio bem são os únicos móbeis do castigo paterno.

Também deve existir o momento dos prémios. O notável historiador Janssen fez, na sua infância, uma peregrinação a Kavelaar acompanhado da mãe e, como recompensa pela sua aplicação, foi-lhe oferecida a «História do povo alemão» de Annegarn. Sem esse presente da mãe talvez nunca tivesse chegado a ser um grande historiador. Não se devem, contudo, dar prémios por trabalhos que têm de realizar-se por obrigação. Os jovens têm que aprender a trabalhar por sentido de dever.

A autoridade exige que nunca o filho fique desiludido com os pais. Requer da mãe pureza de alma

é magnanimidade e é por isso que as pinturas do rosto ou coisas análogas nenhuma relação têm com a autoridade materna. Ainda pode acontecer pior: uma mentira surpreendida nos pais é suficiente para destruir o mundo interior da criança.

Nunca se deve mostrar predilecção especial por um filho. O mimo de um só é a ruína de todo o labor educativo e constitui um pecado contra Deus e contra a natureza. Enquanto um dos filhos faz alarde de tudo, os outros ficam amargurados.

ADOLESCÊNCIA

Tarefa difícil e pesada é a que a mãe tem de suportar nos anos do crescimento. Nessa época existem na alma do jovem muitos problemas sem solução que começam pelo facto de ele não se compreender a si próprio. Entre a juventude e a virilidade, entre a adolescência feminina e a maturidade da mulher, existe uma espécie de primavera incerta que hesita entre o verão e o inverno e não sabe para onde se inclinar. A intervenção da mãe pode guiar com segurança o filho que se encontra perante duas coisas perigosas: a crise da amizade e o despertar do amor.

De entre os amigos do filho é preciso escolher os mais cristãos, os mais corajosos e os que derem provas de uma vida limpa; os devassos devem ser afastados para longe. Muitos jovens não se teriam afundado, se tivessem tido uma mãe que lhes mostrasse o caminho recto. E são também muitos os

que, depois de terem estilhaçado o cristal da sua alma, murmuram com a mais profunda dor: «Se eu tivesse tido mãe!...»

No período que vai dos doze aos catorze anos, os jovens sentem o impulso da sociabilidade. Humoristicamente costuma dizer-se que «os rapazes andam sempre em manada». Nesta época, lutam contra a debilidade própria da infância, superam a dependência em relação às irmãs e os vínculos familiares abrandam um pouco. O espírito de contradição e os caprichos do temperamento tornam-se visíveis e a atitude compreensiva da mãe é, frequentemente, o único freio. Uma mãe esperta exerce o seu influxo não só sobre o próprio filho, como também — e de uma maneira invisível — sobre os amigos do filho.

Nos anos de crescimento em que, segundo as palavras de Shakespeare, «os fogosos cavalos da impaciência se agitam e as paixões querem lançar-se a galope», a tarefa da mãe é extraordinariamente difícil, quer o filho frequente ainda a escola quer a tenha abandonado. Desde os primeiros anos até aos sete, a educação não é fácil mas torna-se ainda mais difícil nos anos críticos da puberdade. Diz a Sagrada Escritura: «Há três coisas que não posso entender e ainda uma quarta que de modo nenhum compreendo: como voa a águia nos céus, como a cobra desliza pelas rochas, como os navios sulcam os mares e como o homem pode atravessar sem quedas a perigosa época da puberdade».

Entre os catorze e os dezasseis anos, o corpo e o espírito dos jovens experimentam profundas trans-

formações. Pensamentos novos aparecem no seu horizonte mental e desejos e ansiedades desconhecidas emergem do seu íntimo. É o mosto que começa a fermentar para se transformar em vinho generoso e é o sangue ardente de uma primavera vital que palpita nas veias. Uma inquietação febril se apodera da alma do jovem e nos faz pensar no que acontece nas serras quando, no dealbar da manhã, rasgões de nevoeiro pairam aqui e além sobre o vale, à espera do sol que se derramará em luz.

O PRIMEIRO AMOR

A vivência do primeiro amor é decisiva para o rapaz e faz palpar também o coração da mãe num misto de ternura e de ansiedade. Cisma com preocupação em que o filho pode desviar-se e cair e que amigos perversos podem deitar por terra tudo quanto ela edificou ao longo de muitos anos de infatigável dedicação. A mãe nunca pensa que o filho, já crescido, depende somente do pai e sabe que nesses momentos precisa duplamente da compreensão e do amor maternal. O íntimo desassossego do filho transparece no exterior. A mãe sabe compreendê-lo e, por isso, não se afasta dele.

A melhor amiga do filho é sempre a própria mãe, mas constitui uma das suas mais duras provações ter de renunciar a uma parte da autoridade materna para poder recuperar o filho por outros caminhos. O filho cresceu, fez-se um homem e como tal quer ser tratado. Rejeita tudo quanto lhe recorda a sua infância e pode acontecer que queira também afastar

os pais por pertencerem ao seu mundo infantil. O jovem tem que grangear, perante o mundo e perante os seus próprios pais, uma nova posição.

A mãe conta com essa transformação interior. A partir desse instante deve acompanhar os filhos, deixando-lhe maior liberdade, e procurar afrouxar as rédeas com a certeza de que assim conseguirá ter os filhos mais unidos a ela. Quanto menos a mãe quiser libertar os seus filhos, tanto mais os perderá. A liberdade ajuda o jovem a formar a sua personalidade, porque ele deve aprender a viver pelas suas convicções e não só pelas indicações da mãe. O impulso interior deve edificar a sua vida.

Se a mãe tiver para com o filho esta atitude de renúncia e de magnanimidade, virá a ser outra vez a mãe e a confidente compreensiva de todos os segredos, em suma, um amigo a quem se pede conselho. As forças novas de um amor diferente que brota podem ser para a mãe e para o filho uma nova bênção.

Um outro aspecto de que devem cuidar as mães nestes anos, é o da liberdade com que os filhos hão-de cumprir as suas obrigações religiosas. O jovem deve viver a liberdade e a atitude senhorial dos filhos de Deus, Tem de estar orgulhoso por ser cristão, não pelo facto de os pais o serem, mas porque as suas livres convicções assim o querem.

O ambiente do lar deve ser muito mais cuidado que habitualmente, na época em que começa a despertar o amor. Essa grande vivência projecta-se até nos mais longínquos recantos e a mãe, que conhece

também os perigos do amor, sabe que o jovem presente todos os pormenores. A mãe deve mostrar o caminho, não de uma maneira negativa, mas ensinando-o a dominar as paixões pelo amor à pessoa amada. Os corações dos que se amam são como os pólos de um arco voltaico: se os pólos se mantiverem à distância devida, salta a faísca e produz luz e calor, mas, se se aproximam excessivamente, queimam-se e apenas ficam restos carbonizados. A educação é a arte das artes e ainda mais o é nestes anos da adolescência e da juventude.

ESCLARECIMENTOS?

No terreno da educação sexual, hoje em dia, domina a tendência de pecar por excesso e muitas vezes existe a preocupação de despertar as paixões em vez de acalmar o seu poderoso ímpeto. A mãe prudente deve estar convencida da conveniência de que os filhos permaneçam o maior tempo possível no mundo das ideias da infância. Os esclarecimentos prematuros podem prejudicar extraordinariamente, e só no momento oportuno o carácter estará apto a assimilar com elevação os novos conhecimentos. Não é incumbência da escola e muito menos de livros duvidosos; estas matérias devem tratar-se a sós e preparando previamente a oportunidade.

Se a educação do filho tiver sido bem orientada, poderão os pais ser, mesmo neste ponto, os melhores guias. A parte mais importante corresponde à mãe que, em união com o director espiritual, deve esclarecer que o nosso corpo é sagrado e uma obra prima

de Deus, que deve realizar uma missão santa que Deus lhe confiou e a cujo serviço é preciso colocar o impulso das paixões que despertam. No entanto, se a mãe não conceber o estado anímico do filho, é melhor guardar ainda um prudente silêncio e pedir por ele a Deus para obter forças para o jovem e ajudá-lo por estes meios invisíveis.

Não queremos proibir aos novos a leitura de romances, mas sim aconselhar uma certa moderação. Como diz Manzoni, há de per si suficiente impulso amoroso no mundo sem que seja preciso aumentá-lo com a leitura excessiva de romances. No entanto, a juventude padece duma autêntica febre de leitura, de tal maneira que, na opinião de Wilfrid Zsák, a média é de cinco livros por mês. De passagem, gostaríamos de fazer notar que a literatura perniciosa não se vence com proibições, porque o proibido atrai ainda mais; vence-se por meio de uma literatura inspirada no mais lúdimo sentido cristão. Matéria há: o que é preciso é que venha à luz.

O trabalho é o sal da vida e, de maneira especial, nos anos do crescimento. O demónio não tenta quem trabalha, tenta quem nada faz. Quando alguém não tem trabalho, dá-lho o demónio, que, para esses casos, dispõe de muitos recursos. É preciso fugir da ociosidade, porque a preguiça é o travesseiro sobre o qual repousa o demónio.

Diz Santo Agostinho que a maior parte dos pecados da sua juventude se devem ao facto de não ter tido nada que fazer. A mãe de Santa Notburgis marcava sempre à filha, quando era ainda criança,

um trabalho proporcionado às suas forças. «É verdade — dizia ela — que o trabalho dos pequenos serve para pouco, mas o grande proveito é para eles porque aprendem a trabalhar». É sempre um belo espectáculo contemplar a mãe que orienta progressivamente as suas filhas nas diferentes tarefas. O trabalho em comum unifica as almas e favorece a confiança mútua muito mais do que prolongadas conversas, e semente que, pelo trabalho, cai num terreno preparado é sempre promessa de frutos abundantes.

SÁBIA EDUCADORA

Muitas coisas seria preciso ainda dizer mas só insistiremos numa delas. No decurso do período de educação, a mãe deve considerar o filho como uma personalidade autónoma. A educação não consiste em exigências e mandatos mas em saber servir e saber ganhar as almas. As proibições só devem existir de forma que a criança compreenda a sua justiça. O sol não existe para estiolar e queimar, mas para dar luz e calor. A função da mãe é também a de irradiar carinho e amor.

No entanto e em última análise, os meios humanos por si só não conseguem vencer os obstáculos do caminho. O património religioso que a mãe plantou na alma do filho nos primeiros anos, deve atravessar agora uma crise. É preciso tirar tudo quanto há de infantil na fé para que a maturidade possa ser atingida. Reveste-se da maior importância a necessidade de que o jovem encontre a sua relação com Cristo e se firme na plenitude da fé.

Por conseguinte, os Evangelhos deveriam estar sempre na mão de todos os jovens. A participação na vida da Igreja, a frequência dos sacramentos e celebração das festividades religiosas são ajuda poderosa e nunca suficientemente estimada para vencer esta crise da alma juvenil.

Começa na vida a época da auto-formação. Há muito tempo que os pais deixaram de ser o centro de gravidade e as forças depositadas começam a actuar. É o momento em que se manifesta o capital que os pais colocaram na alma dos filhos. «O fruto não cai longe da árvore». Feliz será quem não tiver perdido o rico tesouro da confiança mútua.

MÃE E CONFIDENTE

Seria para desejar que a mãe continuasse a ser, para o filho que vai atingindo a maturidade, uma mãe compreensiva. Enquanto o filho é pequeno, deve fazer-se pequena com ele; quando cresce, saber compreendê-lo e ser jovem para o jovem; mais tardé, quando for crescido, deverá aprender a difícil arte de ser amiga do seu próprio filho. O prodígio que representa o desenvolvimento do filho é correspondido pela maravilha do desenvolvimento análogo da mãe. A acção materna permanece sempre, como o sol que se levanta todos os dias, mas a maneira por que actua é sempre diferente. As suas palavras persuasivas podem destruir a obstinação de uma alma, as suas lágrimas abrandam um coração de pedra e o seu poder e o seu influxo não têm rival em todo o mundo.

A mão delicada da mãe forma, com a finura dum artista, um ser recém-nascido, pequeno e sem forças. Desperta a sua alma, guia os seus primeiros passos, provoca as primeiras palavras e deposita no seu espírito os tesouros todos que possui, ficando só com o amor, que acaba por lhe entregar também.

A esta mão, bendita e delicada, temos de agradecer a nossa fé na verdade e na beleza, a plenitude de sentido das palavras de amor à pátria e a feliz situação de não nos encontrarmos atirados para a vida como lobos que só saem das suas covas para despedaçar tudo quanto encontram. É a única mão que dá sempre sem nada exigir, que suporta ver-se repelida pelo filho adolescente para que este não apareça diante dos amigos como uma criança, que, mil vezes repelida e desprezada, se oferece sempre, muito embora com um estremecimento, para abençoar. Está sempre ao nosso lado quer sejamos ilustres e o mundo nos honre quer sejamos os homens mais desprezíveis do mundo. Para ela, só existe a voz do coração: «Meu filho!»

De entre as obras divinas, poucas há que se possam comparar à delicada mão da mãe. Devemos contemplá-la com devoção e, ainda que estejamos na maturidade, apoiar-nos nela como peregrinos que iniciam a sua viagem pela vida.

A MÃE SERÁ SEMPRE BELA

Há uma poesia de Siebel, verdadeiramente maravilhosa, que conseguiu exprimir com a maior perfeição o pensamento dominante na consciência de um bom filho: a mãe é a coisa mais bela que existe no mundo. Não há nenhum ser mais amável e melhor do que ela; ninguém canta nem realiza o trabalho tão bem como ela. Tudo muda, mas a mãe permanece invariável e até cada dia mais bela.

Através das janelas ornadas de verde
penetram os raios de sol.

A avó está sentada e dorme durante todo o dia.

O seu cabelo é branco e no seu rosto

cavou o tempo sulcos profundos,

e a seus pés, ajoelhada, brinca uma criança.

«Por que dormes durante todo o dia?»

pergunta ingenuamente a pequena.

«Ó avó, tu não és bela!

Teus cabelos são feios e na fronte

tens umas rugas tão grandes!

A mamã é muito mais bela! Que bela que é a mãe!»

A avó fitou a pequena favorita:

«A beleza passa veloz e o tempo fez-me isto

mas também a mamã vai envelhecer».

Paíra um hálito de tristeza.

«Oh, não! a mamã será sempre bela!»

O filho inquieta-se quando observa que o rosto e a voz da mãe não são como dantes. Isto frequentemente não quer dizer que a mãe tenha mudado; o filho comeu do fruto proibido e percebe na mãe a muda censura da sua própria consciência.

É bom que o Menino Jesus continue a trazer a árvore de Natal por tanto tempo quanto for possível, que a cegonha traga as crianças e que a mãe continue a ser durante muito tempo o ser mais belo do mundo... Para a criança é uma fonte de alegria e de felicidade. Quando chegar o tempo de essas ideias desabarem, continuarão a ser felizes as crianças que, apesar das rugas e dos cabelos brancos, virem na mãe a mulher mais bela, porque nos olhos lhe brilha uma luz que somente o filho pode contemplar. Essa luz é o reflexo da eterna beleza e da juventude que não morre.

Só compreendemos o valor dos tesouros quando já não os possuímos. A mãe realizou a sua missão na terra, silenciosa e naturalmente, como o sol nasce e ilumina dando o seu calor aos homens. Como estremeeceriam e se queixariam os homens se um dia o sol não aparecesse no horizonte! A morte da mãe cria um vazio insubstituível. Não é para admirar que então os pensamentos e os desejos dos filhos se abeirem do túmulo silencioso para procurar nele conselho e consolação. A mãe não morreu, ainda que esteja morta. «Venho do sepulcro da minha mãe e vou até lá ainda outra vez, porque o derradeiro refúgio do meu coração jaz na terra.» (CONRAD).

Quem pode defrontar o juízo futuro com maior confiança que a mãe? A coroa da bem-aventurança

está preparada para ela porque, como diz São Paulo, a mãe «salvar-se-á pela sua maternidade». Ser mãe não representa apenas uma entrega da vida corporal; a mãe dá ao filho a vida da alma e guia-o nela para Deus e para Cristo. É mãe pela segunda vez, ao abrir o seu espírito à maravilha da existência.

Nas palavras de São Paulo ouve-se um eco das bem-aventuranças do Senhor: «Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia!» A mão da mãe vive todos os aspectos da misericórdia espiritual e corporal. Deu de comer ao faminto, de beber a quem tinha sede, vestiu quem estava nu, hospedou o estrangeiro, visitou e velou o enfermo... Perdoou os pecados, aconselhou o vacilante, ensinou o ignorante, consolou o triste, teve paciência com o ser incompreensível e orou incessantemente pelos vivos e mortos.

A mãe é a colaboradora de Deus, e o primeiro e melhor apóstolo da Igreja. É um reflexo da Mãe da misericórdia.

«A mamã será sempre bela...»

e a vida será bela enquanto um coração de mãe palpitar sobre a terra.

I N D I C E

	Págs.
ACTUALIDADE DE DOCTRINA E DE SANGUE	VII
 O MISTÉRIO DA MULHER	
Em primeiro plano	1
Diz uma lenda antiga	4
A imagem eterna	5
A pérola quebradiça	8
O sexo fraco	10
O coração do mundo	12
Um filho é um récord	16
A hera e a árvore	18
Rainha do universo	19
 UNIÃO SAGRADA	
Na manhã da criação	23
Jesus, redentor	25
Três letras	27
O casamento misto	29
Precauções indispensáveis	31
A santidade profanada	34
A túnica despedaçada do Senhor	35
O futuro do filho	37
Inflexível	39
Até que a morte nos separe	41

O CÍRCULO ÍNTIMO

A sagrada família	44
O jardim da Panónia	45
Uma história de piratas	47
O facho da vida	49
Os dias dos antepassados	50
A cidadela das almas	51
O pão e o vinho	54
A cidadela	56
O remorso tardio	57

O PAI

O que perdura	60
Em segundo plano	62
Pai Nosso	63

A MÃE

A ponte destruída	67
A pena treme	69
A palavra mais bela	71
A grande vocação	74
A morada íntima	76
A luz do além	77
Dado por Deus	79
Nunca é demasiado	81

BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR

A casa silenciosa	86
Santa primavera	88

	Págs.
O sorriso	90
Advento, Advento!	93
Preparação	94
A oração	95
A oferenda	97
Transformação	99

NASCEU UMA CRIANÇA

A hora difícil	103
Com a ajuda de Deus	105
Maria, mãe	107
A pequena maravilha	108
Alegria de todos	109
É uma filha!	111
O amor divino	113

AUXILIARES DA MÃE

Numa noite tempestuosa	118
Momentos difíceis	119
Os meus filhos	120
O cuidado dos filhos	121
Seres abandonados	122

RENASCIDO PELA ÁGUA E PELO ESPÍRITO SANTO

Templo vivo de Deus	128
A Santa Madre Igreja	130
Cerimónias sagradas	131
Agnus redemit oves	134

	Págs.
A BÊNÇÃO DA MÃE	
Maria no templo	137
Peregrinação até Deus	139
O FUTURO DO FILHO	
As estrelas	141
O futuro desvendado	143
A escolha da Mãe	144
Demasiado penoso	146
VIDA BREVE	
A noite triste	149
Era uma vez	151
O BERÇO	
Outros povos, outros berços	155
A intervenção da técnica	156
O LEITE MATERNO	
Outra maravilha do Criador	159
Atitude da mãe	161
O círculo alheio	162
Maternidade selvagem	164
A PRIMEIRA INFÂNCIA	
O entardecer	168
O menino adormecido	170
Quando acordo pela manhã	171
O beijo de Deus	172

CONTOS E JOGOS

Perguntas e mais perguntas	176
Ó mãe, um conto!	176
O teu próprio conto!	178
Os jogos	180
Cedo começa o trabalho	182

DE MÃOS JUNTAS PARA ORAR

Olhares perscrutadores	185
A mãe, sacerdotiza	187
A mãe, professora	188

A DESCOBERTA DO MUNDO

A ponte destruída	191
A escola	192
A segunda mãe	193
O jovem caminhante	196
No altar de Deus	198

NO CAMINHO

A primeira escola	202
A formação do corpo	203
Educação do espírito	204
Mão firme	206
Pureza interior	208
Os bailes e a alegria	209
Autoridade e obediência	211
Adolescência	213

	Págs.
O primeiro amor	215
Esclarecimentos?	217
Sábia educadora	219
Mãe e confidente	220
A MÃE SERÁ SEMPRE BELA	223

NIHIL OBSTAT: 15 DE NOVEMBRO DE 1956.
CÓNEGO ANTÓNIO DE BRITO CARDOSO
IMPRIMATUR: 20 DE NOVEMBRO DE 1956.
† ERNESTUS, ARCEBISPO-BISPO DE COIMBRA

ACABOU DE SE IMPRIMIR A 20 DE NOVEMBRO DE 1956, NA GRÁFICA SANTELMO, LDA.,
RUA DE S. BERNARDO, 84 — LISBOA